Lições de Esperança

DESPOLEMIZANDO A FÉ CRISTÃ

Respostas Bíblicas às questões controversas da vida humana




Informações: 3277-6575
Vagas Limitadas
EME
Escola Ministerial Esperança
Professores altamente qualificados
OBJETIVOS:
Formação prática de Obreiros
Treinamento de pastores para Apascentar
Formação de lideres com foco em resultados
Desenvolvimento de conselheiros com prática em libertação e cura da alma.
PÚBLICO ALVO:
Membros, obreiros em geral, pastores de apascentar, líderes de ministérios e candidatos ao encargo de diácono, presbítero, evangelista e de pastor.
AULAS:
20/08/2016
03/09/2016
17/09/2016
24/09/2016
01/10/2016
19/11/2016
26/11/2016
03/12/2016
Sábado às 18h00
Obs.: Turmas específicas por cargo ministerial
O curso é pré-requisito essencial para consagração
Valor do Investimento
4x R$ 25,00
Todo material didático incluso
"Discípulos sem ensino se tornam crentes raquíticos. Crentes que não são discípulos se tornam membros ativistas. Discípulos com ensino bíblico transformam o mundo".

Lições de

Esperança

DESPOLEMIZANDO A FÉ CRISTÃ

Respostas Bíblicas às questões
controversas da vida humana

SUMÁRIO

Lição 1 – As riquezas são sempre sinal de bênção?..... 5 Lição 2 – É possível ser Cristão sem Igreja?..... 11 Lição 3 – O que a Bíblia não ensina sobre Maria?..... 15 Lição 4 – Você já blasfemou contra o Espírito Santo?.....22 Lição 5 – Quais as praticas sexuais que a bíblia realmente condena?..... 26 Lição 6 – É pecado não dizimar?.....34 Lição 7 – O que a Bíblia ensina sobre a consulta aos mortos?..... 41 Lição 8 – Como lidar com o divórcio na igreja?..... 45 Lição 9 – Como vencer a depressão?.....52 Lição 10 – Poderia um Deus de amor lançar o homem no inferno?..... 59 Lição 11 – Eu preciso realmente confessar meus pecados?..... 63 Lição 12 – Como lidar com o suicídio?.....70 Lição 13 – Se Deus é bom porque existe o mal?..... 78

PREZADO LEITOR

Nem sempre é fácil conciliar a fé Cristã com os dilemas inexplicáveis da vida humana. Por falta de conhecimento da verdade, muitas pessoas carregam insuportáveis fardos de culpa e dor. É fato que existem questões controversas que, há muito tempo, exigem da igreja respostas coerentes e rmes. Nessas lições, com ousadia, os autores presenteiam a igreja com ensino bíblico equilibrado, colocando m ao silêncio que permeia os bastidores da dor e do sofrimento.

Nosso desejo é que o tema “Despolemizando a fé cristã” não transforme nossas celebrações em cenários de disputas teológicas, mas seja um convite para a reexão sobre as respostas que o Evangelho da Graça oferece às questões difíceis desta vida. É claro que as coisas ocultas pertencem ao Senhor e nelas os autores foram sensatos em não responder aquilo que a Bíblia não diz! Porém, naquilo que as Escrituras respondem, eles corajosamente nos apresentam verdades esclarecedoras. Que essas lições de Esperança promovam maturidade e amor no Corpo de Cristo.

Pr. Romeu Ivo
Presidente da Igreja Esperança
“Naquilo que é essencial, unidade; naquilo que é duvidoso, liberdade; e em todas as coisas, caridade” (Agostinho)
AUTORES

Fábio Quirino Lucas de Sá

Casado com Sumaia de Sá; Bacharel em Teologia, Administração de Empresas e é advogado. É coach formado pela Academia Internacional de Coach e atua como coach para relacionamentos, igrejas e negócios. Na Igreja Esperança coordena os grupos de Apascentar. Contatos: quirinolucas@gmail.com | www.fabiolucas.com |Face e Instagram: prfabiolucas Whatsapp: 62 | 8330-5265

Evaldson Junior

É pastor adjunto na Igreja Esperança. É casado com Wérica Oliveira. É bacharel em teologia, articulista e conferencista.
Contatos: evaldsonjunior@gmail.com / Fone: 62 | 9655-6136 Face, Instagram e youtube: evaldsonjunior

Marcelo Loconte

É casado com Camila Rabelo. Bacharel em teologia e especialista em aconselhamento pastoral e familiar. É empresário, pastor adjunto na Igreja Esperança e coordenador de área dos grupos de Apascentar.
Contatos: locontenet@hotmail.com / whatsapp: 62 | 9416-5483

Revisão ortográca: Luciana Sena Ferreira Rabelo.

Lição 01

As riquezas são sempre sinal de bênção?

Por Marcelo Loconte
Leitura Bíblica: Mateus 5.45

Anatole França tinha certa razão quando disse que “o dinheiro é um dos ns para se viver feliz, mas os homens o transformaram no único m”. De fato, o dinheiro tornou-se o vetor que norteia o destino das nações. Hoje em dia, o desempenho de uma pessoa vale mais do que o seu caráter. Os resultados valem mais do que as regras. O ter passou a ser mais importante que o ser. Assim, o dinheiro deixou de ser uma simples moeda de troca e virou um ídolo - Mamom, o deus mais adorado desse século.[1]

Dessa forma, não é de se admirar que a fama e a riqueza também tenham se tornado sinônimo de benção e felicidade. Estudos mostram que aproximadamente 40% das pessoas ao redor do mundo acreditam que o dinheiro é o maior indicador de sucesso na vida do ser humano.[2] Para muitos, a pessoa verdadeiramente feliz e abençoada por Deus é aquela que possui muitos bens, muitos carros na garagem e dinheiro pra gastar a vontade. Enquanto o pobre, o necessitado, é visto como alguém que foi amaldiçoado por Deus e lançado neste mundo para pagar seus pecados.

Diante desse contexto, cabe a nós perguntar se é isso mesmo que a Bíblia ensina acerca da pobreza e da riqueza. Será que Deus escolheu uns para viverem na bonança e outros para viverem na miséria? A riqueza é sempre um sinal de

benção enquanto a pobreza é sempre um sinal de maldição? A Bíblia ensina como uma pessoa pode car rica? É possível ter vida abundante na pobreza? Nessa lição iremos tratar dessas questões cruciais a luz da palavra de Deus.

1
Deus já escolheu quem vai ser pobre e quem vai ser rico na terra?

1.1 A pobreza, a riqueza e a síndrome de Gabriela. Anos atrás foi ao ar uma telenovela cujo tema musical expressava em seus versos: “Eu nasci assim, eu cresci assim, E sou mesmo assim, vou ser sempre assim: Gabriela, sempre Gabriela!”. Parece brincadeira, mas tem muita gente por ai apresentando sinais da síndrome de Gabriela: “Eu nasci pobre, eu cresci pobre, vou ser sempre...”. Tomando como base o texto de Provérbios 22.2 que diz: “O rico e pobre se encontram; a ambos fez o Senhor”, alguns cristãos sustentam que Deus já determinou quem vai ser pobre e quem vai ser rico neste mundo. Sendo assim, (se fosse verdade o que dizem) não importaria o quanto uma pessoa trabalhe, estude, se dedique, levante cedo ou faça qualquer outra coisa, ela vai morrer pobre. O rico, por sua vez, continuaria rico ainda, que seja preguiçoso, avarento, corrupto e ladrão.

1.2 Mas o sol não brilha só para os escolhidos. Em nenhum lugar na Bíblia nos é dito que Deus privilegia uns em detrimento de outros. É preciso deixar claro que na passagem de Provérbios 22.2, Salomão não está armando que Deus criou uns para viverem na miséria e outros para viverem na bonança. O que ele está ensinando é que independente da condição social de uma pessoa, seja ela rica ou pobre, ambas foram criadas por Deus, elas são iguais perante o Senhor. Conforme diz Matthew Henry: “diante do trono da graça os pobres são tão bem-vindos quanto os ricos” (Pv 14.31; 29.13)[3]. Outro texto que gera muita polemica, e que merece atenção especial, é o de 1 Samuel 2.7: “É o Senhor quem empobrece e enriquece, quem humilha e quem exalta”. Será que Ana não está armando que Deus escolheu uns para serem pobres e outros para serem ricos? Devemos notar, que essas palavras foram ditas por Ana, uma mulher cuja vida fora empobrecida pela esterilidade. Embora seu esposo fosse próspero, ela não podia ter lhos e vivia debaixo de dor e humilhação. Até que um dia o Senhor atendeu seu voto e lhe deu Samuel, o maior juiz de Israel. Tendo suas orações respondidas, Ana expressou sua gratidão a Deus reconhecendo o seu poder e grandeza.
A mensagem do cântico de Ana é que para Deus não há nada impossível, por isso, podemos conar totalmente nEle. “O Senhor pode fazer morrer e viver...

descer e subir... empobrecer e enriquecer... Ele guarda o passo dos que lhe são éis" (1 Sm 2.6-10). Portanto, o texto não sustenta que Deus escolheu uns para serem pobres e outros para serem ricos.

1.3 Deus faz o Sol brilhar para todos. O que a Bíblia ensina em suas páginas é que Deus é justo e a sua luz brilha para todos. "O pobre e o opressor se encontram: é o Senhor quem ilumina os olhos dos dois" (Pv 29.13). O Senhor concede oportunidade, saúde e inteligência para todas as pessoas (Ec 9.11). Ele faz com que o Sol brilhe e a chuva caia para justos e injustos, crentes e descrentes (Mt 5.45). Jesus nos ensinou que Deus não é "Meu Pai", e sim, "Pai nosso".

2A pobreza é um sinal de maldição?

2.1 Sejamos claros: a pobreza não é resultado direto nem de pecado nem de maldição. É verdade que o pecado nos separa de Deus, podendo fazer adoecer a alma e o corpo. Mas, armar que a pobreza é uma consequência direta dele é um equívoco. Em certa ocasião, Jesus encontrou um pobre cego de nascença, e os discípulos, que estavam com ele, perguntaram: "Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?". Os discípulos entendiam que a condição miserável daquele homem, era resultado do seu pecado ou de alguém na sua família. No entanto, Jesus foi rápido em esclarecer que: "Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifeste a glória de Deus" (Jo 9).

Também não está correto armar, que a pobreza é um sinal de maldição. Devemos admitir que Deus pode, perfeitamente, para atender os seus bons propósitos, abençoar uma pessoa com muita riqueza como fez com o seu el servo Jó (Jó 1.3, 10), e, também, José do Egito (Gn 39.2); ou, amaldiçoar com a pobreza como fez com o arrogante Nabucodonosor, rei da Babilônia (Dn 4). Mas, essa ação sobrenatural de Deus é a exceção não a regra geral.

2.2 Causas externas da pobreza. A Bíblia ensina que a pobreza pode ser causada, por razões naturais, sociais e pessoais. As razões naturais estão associadas ao clima, terremotos, inundações, epidemias e doenças. O escritor de 1 Reis, por exemplo, relata que houve um longo período de seca em Samaria, e, com ela, veio um tempo de grande fome sobre o povo de Deus (1Rs 18). As razões sociais são geradas pela desigualdade social, pelo desemprego, guerras, conitos, corrupção e, principalmente, pela má gestão pública. Provérbios diz: "Quando os justos

orescem, o povo se alegra; quando os ímpios governam, o povo geme" (Pv 29.2).

2.3 Causas pessoais da pobreza. A principal causa da pobreza, porém, não esta fora, mas dentro de nós. Enquanto as causas naturais e sociais dependem de fatores externos, que fogem ao nosso controle, as causas pessoais da pobreza, por sua vez, dependem exclusivamente do esforço individual e do suor de cada um. Vejamos algumas razões pessoais que levam muitas pessoas à miséria.

Em primeiro lugar, A Bíblia ensina que as pessoas passam necessidade pelo simples fato de serem tomadas pela preguiça (Pv 6.6-11). Há trabalho disponível para elas, mas preferem não fazê-lo. O sábio recomenda: "Não ames o sono, para que não empobreças; abre os olhos e te fartarás do teu próprio pão" (Pv 20:13). Na igreja de Tessalonica, alguns irmãos andavam "desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs". A esses, o apóstolo Paulo exortou duramente: "se alguém não quiser trabalhar, não coma também" (2 Tes 3.10-15).

Em segundo lugar, as pessoas não prosperam porque são boas em fazer planos, mas nunca tomam uma atitude. Obviamente todos os nossos planos e projetos devem ser levados aos pés do Senhor, para que ele mesmo faça e refaça segundo o conselho da sua boa vontade (Pv 16.1; Tg 4.13-16). Mas, ao mesmo tempo, esses planos precisam sair do papel, do mundo das idéias, e vir para o mundo real, para a prática. O sábio de provérbios diz que "Em todo trabalho há proveito; meras palavras, porém, levam à penúria" (Pv 14:23), e mais, "quem somente observa o vento nunca semeará..." (Ec 11.4).

Em terceiro lugar, as pessoas empobrecem por causa de investimentos imprudentes. Não são poucos aqueles que se atiram de cabeça em qualquer negócio que vai aparecendo pela frente, não fazem contas, não avaliam os riscos, os prós e os contras, e acabam sofrendo grandes prejuízos. A Bíblia diz que "Os projetos do homem diligente são apenas o lucro; para quem se apressa, somente pobreza" (Pv 21:5).

Em quarto lugar, as pessoas perdem o que tem por carem como adoras e assumirem dívidas dos outros (Pv 6:1-5), especialmente de desconhecidos (Pv 11:15). Para estes, a Bíblia recomenda: "Não esteja entre os que se comprometem, e entre os que

cam por adores de dividas. Pois se não tens com que pagar, deixarias que te tirassem até a tua cama de debaixo de ti?" (Pv 22:26, 27). Como alguém já disse: "tem hora que é melhor falar **NÃO** e conservar o amigo, do que falar sim e perder o sono e o amigo".

Em quinto lugar, as pessoas empobrecem por falta de instrução. "Pobreza e afronta sobrevem ao que rejeita a instrução, mas o que guarda a repreensão será honrado" (Pv 13.18), e, ainda, por falta de ouvir bons conselhos: "Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom exito" (Pv 15.22).

3A Bíblia ensina como alguém pode ficar rico?

3.1 A Bíblia é o manual do céu. Seu propósito não é ensinar o caminho da riqueza e da prosperidade ao homem, e sim, o caminho que conduz ao céu e a Deus. Todavia, há em suas páginas princípios importantes para que uma pessoa prospere. No Novo Testamento existem 215 versículos que falam a respeito de fé, 218 versículos que falam de salvação, mais de 500 que falam de oração, e mais de 2 mil versículos a respeito de dinheiro e de posses.

A Bíblia não proíbe o homem ser rico, se essa riqueza vem como fruto da bênção de Deus e do trabalho honrado (Sl 112). Abraão e Jó eram homens ricos e também piedosos. O que a Bíblia proíbe é adquirir riquezas por meios ilícitos e para propósitos ilícitos. Amós 2:6 Deus condena o adquirir riquezas ilícitas e Isaías 5:8 condena o adquirir com propósitos ilícitos.

3.3 A riqueza é uma benção de Deus, mas depende do nosso trabalho. A Bíblia diz que é Deus quem nos dá forças para adquirirmos riqueza (Dt 8.18). Também nos diz que riquezas e glórias vêm de Deus (1 Cr 29.12). Diz ainda que a bênção do Senhor enriquece e com ela não traz desgosto (Pv 10.22). E, que, na casa do justo há prosperidade e riqueza (Sl 112.3). Nas páginas da Bíblia reconhecemos que há uma conexão estreita entre a delidade a Deus e a prosperidade (Pv 28.20). Todavia, a prosperidade nanceira depende muito mais das nossas decisões, do que das intervenções sobrenaturais de Deus. A Bíblia ensina que é preciso trabalho duro, inteligência e planejamento para multiplicar os recursos que o Senhor nos cona. "As mãos preguiçosas empobrecem o homem, porém as mãos diligentes lhe trazem riqueza" (Provérbios 10:4).

3.2 Ser dizimista e ofertante são requisitos fundamentais para prosperar. O

dizimo é uma atitude de fé e gratidão a Deus. A oferta é uma semente que está sendo plantada em terra fértil – a igreja do Senhor Jesus. A Bíblia ensina quatro princípios da semeadura que representam verdadeiros segredos de prosperidade: 1º) Nunca se colhe após o plantio. Você planta hoje e crê que Deus abençoará a semente. 2º) Nunca se colhe na mesma medida em que se planta. A colheita é sempre mais abundante. 3º) Você irá colher segundo a espécie de sua semente. 4º) Não espere colher, se você não plantar, a única coisa que não se multiplica é o ZERO. Porém, é possível alguém ser dizimista e ofertante, e ainda assim permanecer em sérias diculdades. Onde mais estaria o problema?

3.4 Decida gastar menos do que você ganha. “Na casa do sábio há comida e azeite armazenados, mas o tolo devora tudo o que pode.” (Pv 21.20). Alguém observou que a diferença entre o rico e o pobre é que o rico investe seu dinheiro e gasta o que sobra, ao passo, que o pobre, gasta seu dinheiro e investe o que sobra, isto é, quando sobra.

José ensinou o Egito o poderoso princípio da quinta parte. Até no tempo de fome, determinou que no Egito fosse guardado em celeiros 20% de tudo que entrava. Por meio desse simples ensino José fez com que o Egito se tornasse a nação mais poderosa da terra. Quanto você consegue guardar de suas rendas por mês? É preciso trabalhar o seu orçamento de tal forma que suas receitas (o que você ganha) sejam maiores que suas despesas, nesse processo é vital ter controle dos gastos e fugir das dívidas. Muitas vezes não é o salário que é pouco, mas sim, o consumismo que é exagerado.

3.5 Saia da escravidão das dívidas. A maioria dos brasileiros pagam por algo que não usam ou nem tem mais. Segundo o IBGE 54,15% das famílias brasileiras estão endividadas. Devemos fazer planos e aprender a controlar os gastos. Um hábito perigoso de consumo são as compras a prazo. Fuja das eternas prestações. As pessoas diligentes têm o cuidado de não fazer dívidas que não possam pagar. “O rico domina sobre o pobre, e o que toma emprestado é servo do que empresta” (Pv 22:7).

3.6 Busque conhecimento e sabedoria. “Pobreza e afronta sobrevém ao que rejeita a instrução, mas o que guarda a repreensão será honrado” (Pv 13.18). Uma vida prospera, geralmente, não se constrói com ignorância, mas com conhecimento e sabedoria. Por isso, devemos desejar sabedoria e pedir a Deus (Tg 1.5). Se você está com diculdades de gerir suas nanças ou encontrar uma solução para sair da crise que está enfrentando, então, ore e peça sabedoria a

Deus para agir. O segredo é orar antes, não depois.

A bíblia ensina que “o conhecimento faz as câmaras se encherem de bens” (Pv. 24.4). O conhecimento humano é imprescindível para o sucesso nanceiro. Estude. Aprenda. Estudos mostram que o salário depende da qualicação. Alguns passam por diculdades e não conseguem um emprego melhor porque não tem conhecimento, não possuem qualicação pro ssional.

Dessa forma, portanto, aprendemos que a Riqueza e a prosperidade são bênçãos de Deus, mas, ao mesmo tempo, são resultados de muito empenho e trabalho duro. Outro sim, devemos esclarecer que a verdadeira prosperidade do crente não é ter em abundancia, mas é estar contente com o que se tem. (Fp 4:11-13). A nossa oração deve ser como aquela feita pelo sábio de provérbios que diz: “afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem riqueza nem pobreza, concede o meu pedaço de pão; não tenha eu em abundancia, e te negue, dizendo quem é o Senhor? Não seja eu empobrecido e roube e blasfeme o nome de meu Deus” (Pv 30.8-9) [4].

4É possível ter vida abundante na pobreza?

Os pregadores da teologia da prosperidade andam ensinando um evangelho estranho à Palavra de Deus. Para eles a vida abundante consiste na posse de muitos bens, saúde perfeita e sucesso nanceiro. Robet Tilton chega a dizer em um de seus livros que “Ser pobre é pecado”. Se isso for verdade, então, a igreja primitiva era uma comunidade de pecadores perdidos (Rm 15.25-26), e as nossas igrejas estão repletas de pecadores miseráveis.

4.1 O problema com essa teologia não é o que ela diz, mas o que ela não diz.
Os falsos mestres da prosperidade, não mostram toda a verdade das Escrituras, apenas, parte da verdade. Eles estão certos, por exemplo, quando dizem que Deus tem prazer em abençoar seus lhos com bênçãos materiais, mas erram quando deixam de dizer que qualquer benção vinda de Deus é graça e não um direito que nós podemos exigir Dele. Eles acertam quando dizem que podemos pedir bênçãos materiais a Deus, mas erram quando deixam de dizer que Deus tem o direito de negá-las quando achar por bem. Eles acertam quando dizem que Deus costuma recompensar a delidade com prosperidade, mas erram quando deixam de dizer que por vezes Deus permite seus eis sofrerem muito neste mundo. Esses pregadores acertam quando destacam a importância e o poder da fé, mas erram quando deixam de dizer que o critério nal para a resposta positiva

da oração, não é a fé, mas a vontade soberana de Deus.

4.2 A vida abundante consiste em conhecer toda a verdade sobre Jesus. “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). O evangelho deve ser ensinado por completo. A Bíblia declara que a verdadeira vida abundante não está na riqueza ou na pobreza, mas sim, em Deus. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundancia” (Jo 10.10). Por isso, nem mesmo um terrível diagnóstico de câncer, uma queda no mercado de ações, a falência da empresa ou a rebelião de um lho podem diminuir nossa felicidade.

A nossa alegria não depende da abundância ou da falta de bens materiais. A nossa alegria é Cristo. Ele é o tesouro que estava escondido e foi encontrado. Ele é a preciosa dracma que estava perdida e foi achada. Jesus é a fonte de águas vivas de onde jorram rios de alegria e felicidade. Esta é a verdade que deve ser apregoada e ensinada em nossas igrejas. A vida abundante não está na pobreza nem na riqueza, mas em Jesus.

4.3 Todas as bênçãos que desfrutamos vêm por meio de Cristo (Ef 1.3). Em oposição à perniciosa teologia da prosperidade que prioriza as bênçãos, Paulo nos ensina a priorizar o dono das bênçãos. Sem Cristo não há benção. No Antigo Testamento as bênçãos eram materiais e físicas. No Novo Testamento, as bênçãos são espirituais e estão nas regiões celestiais. Precisamos entender que o nosso lar não é aqui. Nossa pátria não é daqui. Devemos ajuntar tesouros no céu, pois, nesse mundo somos apenas peregrinos e forasteiros (1 Pe 2.11). Portanto, não podemos transformar a gloriosa mensagem do evangelho de Jesus, em uma carta mesquinha que ensina o homem a conquistar prosperidade e riqueza neste mundo.

Conclusão

Assim, chegamos ao nal dessa lição, conscientes de que Deus não faz acepção de pessoas. O Senhor é justo e concede oportunidades iguais para todos prosperarem. Aprendemos que a pobreza na vida de uma pessoa, geralmente, é fruto da preguiça, da falta de entendimento e de planejamento pessoal. Aprendemos, ainda, que embora a Bíblia não seja um manual de riqueza, podemos encontrar em suas paginas princípios valiosos para ter uma vida próspera. Por m, compreendemos que uma vida abundante não depende nem da riqueza nem da pobreza, mas de possuirmos Cristo, o nosso bem mais valioso. Somente a Deus toda honra, glória e louvor para sempre. Amém!

1 Hernandes Dias Lopes, Riqueza e prosperidade que vem de Deus, 2014, p.8.
2 Disponível para consulta em: http://www.ipsos.com.br/pgConteudo.aspx?id=15
3 Matthew Henry, Comentário Bíblico, p. 43
4 - Disponivel para consulta em : http://www.falandoaigreja.com.br/14-dicas-simples-e-praticas-para-prosperar-nanceiramente/#sthash.HmcJzhHi.dpuf

Lição 02

É possível ser cristão sem igreja?



Por Marcelo Loconte

Leitura Bíblica: Tito 2.11-15

Já se passaram mais de dois mil anos e a igreja continua orescendo em todas as nações. Milhões de pessoas estão se convertendo a Cristo anualmente, especialmente no Brasil. Apesar disso, a igreja tem enfrentado inúmeras lutas, tanto externas como internas. Dentre os principais problemas de nossos dias destaca-se o "cristianismo sem igreja".[1]

Em 2010, o IBGE divulgou os resultados de uma pesquisa apontando que mais de quatro milhões de evangélicos brasileiros declaram não pertencer a nenhuma igreja. No grupo dos desigrejados, como cou conhecido, encontram-se crentes que não frequentam nenhuma igreja; mas também, os que frequentam várias sem se denir por uma; e ainda, aqueles que frequentam uma igreja por um tempo, antes de passar a frequentar outra. Dessa forma, não são assembleianos, ou batistas, ou presbiterianos

A nal, será que os nossos irmãos estão corretos em deixar a igreja? Ou, estão apenas seguindo a onda moderna do consumismo - em uma igreja "consomem" a boa mensagem do culto, em outra "compram" o louvor mais animado? Nesta lição veremos o que a palavra de Deus tem a ensinar sobre este polêmico assunto.

1

Por que os crentes estão deixando a igreja?

Longe de ser um movimento isolado em nosso País, a marcha dos crentes sem igreja vem crescendo em todo o mundo. Pesquisas revelam que nos EUA já são mais de 20 milhões nessa situação, na França menos de 57% da população se declara cristã, na Inglaterra 56% dos entrevistados se declaram ateus, no continente Europeu apenas 21% dos entrevistados reconhecem a importância da religião para a sua vida.[2] Aqueles que desistiram da igreja apontam algumas razões, pelas quais, decidiram abandonar a comunhão:[3]

1) Alegam que Jesus não deixou qualquer forma de igreja organizada, por isso, não há necessidade de congregar. Para eles os homens se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, criando estruturas, inventando ofícios, comunhão com os judeus convertidos

(At. 15:1-6). A decisão dessa reunião cou conhecida como “concílio de Jerusalém” e foi levada para ser obedecida nas demais igrejas (At. 16:4).

De fato a igreja não é uma denominação, não é um prédio, não é uma associação nem um instituto, mas é um grupo de pessoas que se reúnem de forma organizada para servir a Deus.

elaborando hierarquias, a m de atenderem seus próprios interesses; e se organizaram de tal maneira que acabaram deixando Deus de fora. Armam, ainda, que a igreja de Cristo é formada por pessoas, não por templos, por isso não há necessidade de cultos; nem de tesouraria, hierarquia, ofertas, dízimos, propriedades, escolas, seminários, etc., pois, isso tudo é coisa de homens.

É verdade que Cristo não deixou uma igreja institucional organizada, mas já no tempo dos apóstolos encontramos sinais de que as igrejas se organizaram de tal modo que tinham uma liderança forte, formada por presbíteros, diáconos e mestres. Paulo reconheceu a igreja institucionalizada em Filipos: “a todos os santos que estão em Filipos com os bispos e diáconos” (Filipenses 1.1). Há, ainda, muitos outros textos: 1Tm. 3:1; 5:17,19; Tt. 1:5; 1Tm. 3:8,12; 1Tm. 5:9; 1Tm. 4:14.

Os apóstolos organizaram os convertidos em igrejas e estabeleceram pastores para instruir os crentes e atender suas necessidades (At. 6:1-6; At. 14:23). As responsabilidades destes líderes abrangiam desde o governo espiritual das comunidades até a oração pelos enfermos (1Tm. 3:1-13; Tt. 1:5-9; Tg. 5:14). Paul Tournier diz que “Existem duas coisas que não podemos fazer sozinhos:

uma é casar e a outra é ser cristão". A igreja foi criada por Deus para suprir as necessidades dos cristãos. E a maior necessidade de uma ovelha é ser pastoreada, cuidada e alimentada pelos seus pastores (Hb 13.7,7).
Jerusalém para tratar da inclusão dos gentios na igreja e as condições para que houvesse

2) Outro argumento dos desigregados é que a igreja tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, prestando um desserviço ao Evangelho. Dessa forma, para encontrar com Deus precisam sair da igreja.

Todavia, não existe comunidade de igrejas perfeitas. A igreja não é um museu de santos, mas um hospital para pecadores. Russel Shedd dizia[i] que você jamais encontrará uma igreja perfeita. Porém se algum dia você a encontrar, por favor, não vá para lá, pois você irá estragá-la.

3) Por fim, há aqueles que acreditam não ser necessário se submeterem a nenhuma autoridade humana, somente a Deus. Anal, a Bíblia diz

que Jesus é o cabeça da igreja .[4]
Devemos notar, no entanto, o próprio
Jesus estabeleceu homens para servirem
como pastores, mestres, profetas, evangelistas
e apóstolos (Ef 4.11-16). Seria sábio desprezar A igreja institucionalizada foi
aquilo que o próprio cabeça da igreja estabelecida no tempo dos apóstolos, e o exemplo mais antigo dessa organização é
a reunião dos apóstolos e presbíteros em

instituiu? Podemos desprezar os líderes que Ele mesmo levantou como representantes de sua autoridade?

2
O que realmente significa igreja?

O termo grego para igreja é ekklesia. Essa palavra é composta pela preposição ek "de dentro de" + verbo kalew "chamar" = "chamados de dentro para fora". Algumas pessoas que são contra a igreja institucionalizada usam o termo para sustentar a ideia de que Deus não nos chamou para dentro dos templos, mas sim para fora deles.

Embora os cristãos realmente tenham sido chamados para fora do mundo pecaminoso, essa palavra não pode ser usada para excluir a necessidade de ajuntamento dos irmãos. No Antigo Testamento grego[ii] o termo ekklesia é empregado no sentido de chamar os israelitas para fora de suas casas para se reunirem no Templo. No Novo Testamento, de igual modo, este termo é usado no sentido de chamar os cristãos para se reunirem em torno do nome de Cristo.

Outro sim, Ekklesia também era uma expressão usada para convocar ou chamar um exército para reunir-se.[5] Nesse sentido, "igreja" não indica simplesmente um povo chamado para fora, mas, sobretudo, um povo chamado para congregar. Todas as vezes que o termo "Igreja" aparece no Novo Testamento ele se refere aos irmãos reunidos em torno de um propósito: "à igreja de Deus que está em Corinto (I Coríntios 1.2); "à igreja que está em sua casa" (Filemon 2).

A igreja é a encantadora família de Deus. O Senhor nos adotou em Cristo e nos incluiu em sua família. Na Bíblia, a igreja é representada pelas guras do corpo, do edifício, da lavoura e da família, expressando a ideia de união e comunhão dos salvos em Cristo. A Bíblia não diz "você", mas, "vós" sois **povo de Deus** (1Pe 2.9-10); não pergunta "sabia", mas, "sabeis" que sois **santuário de Deus**? (1Co 3.16-17); a Bíblia não declara "você é", mas, "vós sois" **edifício de Deus** (1Co 3.9); A Bíblia não diz que a igreja é "um" membro, mas, "muitos" formando **um só corpo** (Rm 12.5). Ora, se a igreja é a reunião dos santos em Jesus, formando juntos o corpo de Cristo, o santuário de Deus, o edifício de Deus; então, não existe igreja de um homem só. Ninguém pode ser igreja sozinho, isolado dos demais irmãos da fé. Congregar é fundamental para a vida do crente.

3Por que devemos congregar?

3.1 Congregar é crucial para o nosso crescimento espiritual. Jesus declarou aos discípulos que Sua igreja seria edicada sobre a Rocha (Mt. 16:15-19; 1Pd. 2:4-8). Escrevendo à igreja, o apóstolo Pedro fez a seguinte exortação: "Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsi cado, para que por ele vades crescendo" (1Pe 2.2). Moody diz que, "A frequência a igreja é tão vital para um discípulo quanto a transfusão de sangue rico e saudável para o enfermo".

Certa feita, contaram a história de um frequentador de igreja, que escreveu para o editor de um jornal reclamando que não fazia sentido ir à igreja todos os

domingos. Ele escreveu que frequentava a igreja a 30 anos e durante esse tempo ouviu mais de 3.000 sermões, mas não se lembrava de nenhum sequer. A carta foi publicada, e, no outro dia, alguém escreveu que já estava casado há trinta anos, sua esposa já havia feito umas 32.000 refeições e ele também não se lembrava do cardápio de uma sequer. Mas, ele tinha certeza de que todas aquelas refeições o nutriram e lhe deram forças para fazer o seu trabalho. Da mesma forma, o crente que não vai a igreja é como um dedo cortado da mão ou um galho arrancado da árvore, que logo perde sua força e por m a vitalidade (Jo 15.2).

3.2 Não é possível ter Cristo sem a Igreja. Jesus disse a Pedro que a igreja se ergueria sobre ele próprio (Mt 16.18), e isso revela uma ligação indissolúvel entre Cristo e a igreja. Jesus ilustrou tal relação usando a gura da videira e seus galhos (João 15). Esta união foi muito bem compreendida pelos apóstolos, que a compararam à relação entre a cabeça e o corpo (Ef. 1:22-23) e à relação entre o marido e a mulher (Ef5:22-33). Estas guras deixam claro que não se pode querer Cristo, sem querer a sua igreja. Não dá para aceitar o noivo e rejeitar sua amada e preciosa noiva. Não se pode ter um sem o outro. Alguém poderia indagar: A igreja levará alguém ao céu? A resposta é não. Todavia, ela mesma será levada. E somente aqueles que dela fazem parte subirão.

3.3 A igreja é o ambiente propício para o nossa disciplina.

Jesus instituiu o que chamamos de processo disciplinar, quando ensinou aos seus discípulos de que maneira deveriam proceder no caso de um irmão cair em pecado (Mt. 18:15-20). Após ser advertido, o irmão faltoso deveria ser corrigido (Mt. 18:17). Os apóstolos colocaram esse principio em prática nas igrejas que eles organizaram (1Co. 5). Esse processo é realizado com critérios, por crentes maduros, homens e mulheres que Deus estabeleceu na igreja para nos exortar e corrigir a m de nos conduzir à maturidade espiritual. Não é possível entender como isto pode ser feito numa fraternidade informal que se reúne para tomar café nas sextas a noite, onde não existe a consciência de pertencer a um corpo que deve ser guiado conforme as regras estabelecidas por Jesus.

3.4 A igreja é o ambiente propício para comunhão.

Jesus mandou seus discípulos se reunirem regularmente para comer o pão e beber o vinho em memória Dele (Lc. 22:14-20). Em obediência, os apóstolos reuniam-se regularmente para celebrar a Ceia (At. 2:42; 20:7; 1Co. 10:16) e

introduziram normas para a participação nela (1Co. 11:23-34). Uma vez que a Ceia do Senhor é a mesa da comunhão daqueles que compartilham a mesma fé; e também, é o ato solidário de estarmos juntos; participar do corpo e do sangue de Cristo juntos; não é possível compreender como um cristão que abandonou a igreja possa obedecer esses preceitos do Senhor.

Conclusão

Não é possível ser cristão sem igreja. A oração do crente é o “Pai nosso” e não o “Pai meu”. Igreja é onde estiverem dois ou três reunidos em nome de Cristo, e não onde estiver um crente sozinho. Para nós, permanece a exortação do autor aos hebreus que diz: **“não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia”** (Hb. 10:25). Somente a Deus toda honra, glória e louvor para sempre. Amém!

1 Luiz Sayão, Agora sim! Teologia na prática do começo ao m, 2012, p. 105.
2 Fonte: Barna Research / www.missaoeuropa.com.br
3 AugustusNicodemos. Disponível em: http://tempora-mores.Blogspot.com.Br/2010/04/os-desigrejados.html. Ver também, Luiz Sayão, Agora sim! Teologia na prática do começo ao m, 2012, p. 105-106.
4 Disponível em: http: // www. cristianismohoje. com. Br / materias / especial / decepcionados - com-a-igreja.
5 Lothar e Colin, Dicionário Internacional de Teologia do NT, 2000, p. 984.

iSHEDD, Russel. A disciplina na igreja. iiSEPTUAGINTA

Lição 03



O que a Bíblia não ensina sobre Maria

Por Fábio Lucas
Leitura Bíblica: Lucas 1.46-55

O Brasil é um país majoritariamente católico. Estima-se que cerca de 57% da população brasileira segue o entendimento católico-romano a respeito de Maria. É inegável que o catolicismo medieval trouxe ao Brasil a cultura de veneração às "senhoras" e aos "santos", bem como a crença de que Nossa Senhora da Conceição Aparecida é uma aparição da mãe biológica de Jesus. A imagem da santa foi encontrada em 1717 por três pescadores no Rio Paraíba do Sul. A partir de então, a imagem passou a ser venerada, por possuir "poderes extraordinários". Em 1929 foi proclamada Padroeira Oficial da nação e a rainha do Brasil.

Nesse contexto de engano, muitos crentes que convivem com católicos romanos, não sabem explicar, com amor, a verdade sobre o que a Bíblia ensina sobre Maria.
Não restam dúvidas de que Maria é uma das figuras mais importantes da história. Todavia, infelizmente, alguns a colocam numa posição que Deus nunca a colocou e que ela jamais aceitaria. Outros, ainda, deixam de dar a ela a honra que Deus deu-lhe e recusam-se a imitar seu exemplo como humilde serva de Deus.
Nesta lição, nos deteremos em analisar as mentiras pregadas em torno das supostas aparições de Maria como virgem padroeira do Brasil, desmistificando crenças católicas que desonram Maria, além de agredir sua fé e suas convicções. O propósito não é armar os crentes para uma guerra teológica com pessoas católicas, nem incentivar intolerância ou preconceito religioso. O alvo aqui é oferecer o conhecimento que livra da destruição e produz libertação (Jo. 8.32; Os. 4.6). Toda pessoa que tenha crença ou opinião católica deve ser tratada pela igreja como alvo do amor de Deus, merecendo respeito, honra e intercessão.
Deste modo, a presente lição destina-se mostrar o que a Bíblia não ensina sobre Maria, mas é pregado, pelo catolicismo, como verdade absoluta. Em seguida, destacaremos as virtudes que a fez bendita entre as mulheres e canal para vinda do Salvador, a fim de imitarmos seu bom exemplo. Finalmente, serão mostradas

quais atitudes a Igreja deve ter no relacionamento com pessoas católicas a fim de ganhá-las para Cristo.

1AS SETE MENTIRAS SOBRE MARIA QUE O MUNDO PRECISA SABER

1ª MENTIRA: Maria é Mãe de Deus

Antes de Maria nascer já era comum no paganismo a veneração de mulheres-deusas. As culturas pagãs adoravam várias deusas como Istar, a mãe virgem da Assíria; Ísis, a rainha do céu do Egito e Ártemis, a divina virgem da Grécia.

No caso de Maria, a expressão “Mãe de Deus” passou a ser usada para referir-se à ela no Concílio de Éfeso, no ano de 431 d.C. O propósito não era gloricar Maria, mas enfatizar a divindade de Cristo. Porém, o primeiro equívoco da mariolatria foi considerar essa serva do Senhor como a mãe de Deus.

Ela foi um instrumento escolhido para que Cristo assumisse a forma humana a m de nos salvar. Era necessário que o Salvador fosse nascido de mulher (Is 7:14; Mt 1:23). Assim, Maria foi simplesmente um receptáculo onde o Espírito Santo operou o milagre da encarnação de Cristo.

As Escrituras ensinam que Jesus foi totalmente humano, com um corpo físico, assim como o nosso, recebido de Maria. Ao mesmo tempo, Ele é totalmente Deus, com uma natureza eterna e sem pecado. Como Deus, Ele não teve mãe e como homem não teve pai. Como Deus, Ele sempre existiu, é o Pai da eternidade, o Criador de todas as coisas.

Isso aponta para a natureza divina e humana de Jesus. Por Maria, o Eterno Deus se tornou homem perfeito. Assim, é errado dizer que Maria é mãe de Deus, pois Deus é eterno e seria absolutamente ilógico que um lho existisse antes de sua mãe. Jesus é o verbo de Deus (Jo 1:1). Antes que Abraão nascer, Ele já existia (Jo 8:58). Como o lho não pode nascer primeiro do que a mãe, logo Maria não é mãe de Deus. Para ela ser mãe de Deus ela precisaria existir desde a eternidade, e Jesus não seria eterno como dizem as Escrituras.

Certa vez, Maria e seus outros lhos preocupados com a intensa atividade de Jesus e, achando que Ele estivesse fora de si, vão com a nalidade de prender Jesus e levá-lo para casa (Mc 3:20-35). Assim como muitos católicos romanos, eles precisavam entender que Jesus antes de ser lho de Maria, era o Filho de Deus. Antes de ser carpinteiro, era o Salvador dos homens. Antes de ser um cidadão de Nazaré, era o Rei dos reis. Jesus mostra que a relação espiritual é

mais importante que a relação de sangue, ao armar: “Quem é minha mãe e meus irmãos? E, correndo o olhar pelos que estavam assentados em redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que zer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3:33-35).

Assim, ca claro que Jesus não começou a existir no ventre de Maria. Ele se tornou carne em seu ventre. Por ela, o Deus innito, criador do universo, tornou-se um pequeno embrião humano entrando no tempo e no espaço, identicando-se conosco. Isabel não chamou Maria “mãe de Deus”, mas a “mãe do meu salvador” (Lc 1:43).

Portanto, em momento nenhum a Bíblia registra que Jesus chamou Maria de Mãe. O Mestre sempre se referiu à ela usando a palavra mulher, um termo respeitoso. As Escrituras nunca enfatizaram a questão do teotokós (mãe de Deus) para ensinar que seus parentes não tinham uma posição privilegiada em relação à Ele pelo fato de serem parentes. A relação que devia ser enfatizada é a espiritual. Mais tarde, seus dois irmãos, Tiago e Judas escrevem cartas e se apresentam não como irmãos de Jesus, mas servos do Senhor.

Desse modo, não há dúvida que o ser humano jamais seria capaz de gerar Deus, o único ser eternamente existente e criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

2ª MENTIRA: Maria é Imaculada

Em 8/12/1854 o papa Pio IX promulgou a crença incontestável de que Maria, desde sua concepção, foi preservada imaculada e limpa de toda mancha do pecado original “sendo elevada acima dos anjos até o trono de Deus e, esmagou sob os pés, por suas virtudes, a cabeça da serpente antiga, estando nossa salvação fundada sobre a santa virgem”. Naquela carta circular, o clero católico ainda armou que: “Se em nós houver qualquer esperança, qualquer graça, qualquer salvação, devemos encontrá-la exclusivamente nela”.

A Bíblia ensina que todos pecaram (Rm 3:23; Sl 51:5) e não foi diferente com Maria. A própria Maria se reconheceu pecadora e chamou Deus de seu salvador (Lc 1:46-47). Se fosse imaculada não precisaria de um salvador, como ela mesma declarou. Além disso, ela ofereceu um sacrifício pelo pecado quando foi levar Jesus ao templo, aos oito dias de vida (Lc 2:22-24, cf. Lv 12:6-8).

Tais inverdades não encontram amparo nas Escrituras e acabam afastando as

pessoas do único caminho de salvação: Jesus Cristo (At 4:12).

3ª MENTIRA: Maria é Mediadora e Intercessora

Somente Deus pode ouvir e atender às nossas orações. O culto a Maria e as orações que são feitas a ela estão em desacordo com o ensino da Bíblia. Ela precisaria ter os atributos exclusivos da Divindade, como onisciência, onipotência e onipresença para poder ouvir todas as orações e interceder.

O bispo Alphonse de Ligouri, um dos grandes expoentes do catolicismo romano, em seu livro: “As glórias de Maria”, faz armações chocantes que ferem visceralmente a Palavra de Deus. Ele diz: “Maria é uma mediadora de paz entre pecadores e Deus. Muitas coisas são pedidas a Deus, mas não recebidas; se pedidas a Maria são obtidas. Maria é a porta do céu e ninguém pode entrar no bendito reino sem passar por ela. Com frequência obtemos muito mais rapidamente o que pedimos invocando o nome de Maria, do que invocando o de Jesus”

Essa doutrina é uma ofensa à graça e a misericórdia de Deus. Considerar Deus um juiz severo e qualquer ser humano ter o coração mais terno e compassivo do que o coração de Deus, é maligno e agride Sua perfeição absoluta. Os apóstolos jamais oraram a Maria. Pedro, Paulo, João e Tiago não mencionam uma única vez seu nome nas epístolas que escreveram às Igrejas. Nem João, que cuidou dela até sua morte, não a mencionou em nenhuma de suas três cartas e nem no livro de Apocalipse. A Bíblia diz claramente que Jesus é o único Mediador (1 Tm 2:5; Jo. 14:6; 1 Jo 2:1; Rm 8:34; Hb 7:25). Assim, a doutrina proclamada “Tudo por Jesus, nada sem Maria” está em desacordo com o ensino das Escrituras.

4ª MENTIRA: Maria é Co-Redentora

A fé católica apregoa que foi preciso a permissão de Maria para que Deus salvasse o homem. Para o teólogo católico Roschini, Maria se tornou co-redentora por meio Maria se tornou co-redentora por meio 27), entregando seu lho para morte. Essa interpretação é equivocada, pois a salvação é obra exclusiva de Deus. Ninguém pode acrescentar nada ao que Deus já fez através de Jesus. O sacrifício de Cristo foi completo, total, cabal e suciente. Foi Deus quem enviou Seu Filho (Jo 3:16) e não Maria. Portanto, ninguém pode acrescentar nada ao que Deus fez por intermédio de Seu Filho.

5ª MENTIRA: Maria não teve outros filhos

As Escrituras não ensinam a virgindade perpétua de Maria. A leitura de Mateus 1:25 deixa claro que depois que Maria deu à luz a Jesus, ela teve um casamento normal. Se ela tivesse casada com José sem ter relações sexuais com ele, isso sim, seria motivo de transgressão (1 Co 7:5). Assim, Jesus era seu lho primogênito (Lc 2:7), isto é o primeiro de outros e não o lho unigênito. Em várias passagens bíblicas encontramos a conrmação de que ela teve outros lhos, sendo inclusive, destacado o nome de alguns deles: Tiago, José, Judas e Simão. Leia Mt 13:54-56; Mc 6:3; Sl 69:8; Mt 1:24,25; At 1:14.

Alguns intérpretes tentam buscar uma saída, dizendo que os irmãos de Jesus eram seus primos. Mas a palavra grega usada para descrever os irmãos de Jesus é adelphos (irmão) e não anepsios (primo).

6ª MENTIRA: Maria foi elevada ao céu

No dia 1/11/1950 o papa Pio XII promulgou a crença de que o corpo de Maria ressuscitou da sepultura logo depois que morreu, que o corpo e alma se reuniram e que ela foi elevada e entronizada como Rainha do Céu, recebendo um trono à direita de Seu Filho. Todavia, essa armação é contrária e totalmente despida de qualquer evidência bíblica ou histórica.

7ª MENTIRA: Maria deve ser cultuada

A mariolatria é uma cção religiosa que arrasta milhões de éis no mundo inteiro. Santuários nacionais, escolas, praças, hospitais, cidades e países ao longo da história são dedicados à glória de Maria, numa adoração indigna e inglória. Todavia, não há qualquer menção nas Escrituras de culto prestado a Maria, embora o catolicismo romano a tenha colocado numa posição de divindade. Os magos vieram do Oriente e adoraram a Jesus e não a Maria (Mt 2:11). O catolicismo diz que ela é rainha dos apóstolos, rainha dos anjos, a porta do paraíso, a porta do céu, mãe de misericórdia e mediadora. Nota-se que o culto a Maria é o coração da liturgia católica. As visões e aparições de Maria atraem multidões, que esperam ver ou receber uma cura milagrosa.

Certa vez Jesus resistiu a qualquer veneração à Maria quando uma mulher levantou-se dizendo: “bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que te amamentaste. Mas Jesus respondeu: antes, bem aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a observam”. Jesus não sustentou a supervalorização que a

mulher destacou sobre a relação de sangue que Maria tinha com Ele. Havia outro tipo de relação, mais importante que a relação física e que qualquer pessoa poderia manter com Ele: o vínculo espiritual.

2AS VIRTUDES DE MARIA QUE DEVEMOS CULTIVAR

1ª VIRTUDE: Reconhecer a graça de Deus

Maria não foi escolhida para ser mãe do Salvador por suas virtudes. Essa escolha teve sua origem na graça de Deus e não em seus méritos (Lc 1:28-30). Outra prova da graça amorosa de Deus é a origem de Maria. Ela vivia numa cidade pequena e desprezada, na pobre região da Galileia. Nazaré era considerada como subúrbio do fim do mundo, um dos maiores redutos de ladrões e prostitutas da época. O comentário geral era que de Nazaré não saía nada de bom. Era uma região sem vez, sem voz, sem representatividade, um lugar de péssima reputação. Foi desse caldeirão de terríveis iniquidades, nessa região da sombra da morte que o Filho de Deus cresceu para ser o Salvador do Mundo. O Filho de Deus, o Rei dos reis foi chamado não de cidadão da gloriosa Jerusalém, mas de Nazareno, termo pejorativo, sem prestígio.

Deus não chama as pessoas porque elas são especiais, mas elas se tornam especiais porque Deus as chama. Maria tinha consciência disso. A ênfase da mensagem do anjo estava na criança, e não em Maria. O Filho seria grande, e não ela (v. 31-33). O nome da criança resumia o propósito do seu nascimento (v. 31; Mt 1:21).

2ª VIRTUDE: Viver disponível para Deus

“Aqui está a serva do Senhor” , foi a resposta de Maria ao anjo Gabriel (Lc 1.38). Ela se coloca nas mãos de Deus para realizar Seus propósitos. Como serva, ela se entrega por completo, sem reservas, ao Senhor, está pronta a obedecer e oferecer sua vida, seu ventre, sua alma, seus planos ao Senhor. Ela está disposta a sofrer riscos, a mudar sua agenda, a realinhar e desistir dos seus sonhos em favor dos sonhos de Deus.

Maria se prontifica não para ser uma sócia de Deus, mas uma serva. Isso era tudo. As frase: “que se cumpra em mim conforme a tua palavra”, representa sua rendição total, sem condições, perguntas, nem pedidos de prova. De todos os úteros da terra o seu foi escolhido para ser o ninho que ternamente acalentaria o Filho de Deus feito homem. A serva se apresenta, bate continência ao Senhor

dos Exércitos e se coloca às ordens. Sua missão começa com um cântico no coração e termina com uma espada em sua alma. A alegria de segurar nos braços uma linda criança acabou por levá-la aos pés de uma cruz. Mesmo assim, ela entendeu e cumpriu seu chamado. Esse é o nosso dever.

3ª VIRTUDE: Correr riscos para fazer a vontade de Deus

Para atender a vontade de Deus, Maria aceitou correr o risco de ser abandonada pelo noivo e apedrejada (Dt 22:23,24). Ela passou um tempo de sua vida sob uma nuvem de suspeita por parte da família e dos vizinhos. Ao aparecer grávida na cidade de Nazaré, estava exposta às mais severas censuras do povo. Além disso, ela não tinha nenhuma garantia de que José entenderia ou acreditaria em sua concepção miraculosa. Ela sabia que o faria sofrer. De fato, José não acreditou em Maria sobre aquela história da gravidez e resolveu deixá-la, em secreto. Foi preciso um anjo aparecer para ele e lhe revelar a verdade.
A obediência a Deus sempre tem um preço. A moça que decide viver uma vida pura perante o Senhor, talvez deixe de ser popular na universidade. A obediência à Palavra pode lhe custar o namorado ou o melhor amigo. Você pode perder uma promoção ou perder o grande negócio da sua vida. Quais riscos você está disposto a correr para cumprir o propósito e o chamado de Deus em sua vida?

4ª VIRTUDE: Humildade para não se sentir bem-aventurada acima das mulheres

Em Lucas 1:39-44, lemos que Isabel, cheia do Espírito, diz que ela é bemaventurada entre as mulheres mas não acima delas. Bem-aventurada é feliz, Maria foi feliz porque encontrou a graça de ser a mãe do Salvador. A mãe foi bendita, por causa do Filho bendito.

Em Lc 1:43, 44 o destaque da fala de Isabel é sobre o Filho de Maria e não sobre ela. João Batista estremece-se no ventre de Isabel não por causa de Maria, mas por causa de Jesus que está no ventre de Maria. Aquele bebê que estava sendo gerado era o Senhor de Isabel, a alegria de João Batista, o parente santo, o Filho do Altíssimo, o Rei cujo reinado não tem fim.

5ª VIRTUDE: Reconhecer a soberania de Deus

Maria nos fala da soberania que Deus tem de agir e intervir no curso da história (Lc 1:46-55). O fato desse Deus poderoso escolhê-la, uma pobre jovem, noiva de um carpinteiro desconhecido, da pequena e mal falada Nazaré é uma prova de

que Deus é livre e soberano para agir. Que o Senhor age por meios diferentes e não os convencionais. Ele não nasceu em um palácio, Ele não enviou seu anjo aos nobres de Jerusalém, nem à classe sacerdotal, mas a uma jovem em Nazaré. Deus não precisa fazer acordo com ninguém, Ele é livre e soberano para agir como, onde e com quem quer.

6ª VIRTUDE: Reconhecer sua profunda necessidade de Deus

Ela admite sua necessidade de salvação e chama de Deus de Senhor e de "meu salvador" (Lc 1.46-47).

7ª VIRTUDE: Andar com Deus mesmo em adversidade

Ela viajou 130 quilômetros a pé e de jumento nos últimos dias de gravidez, num percurso perigoso e difícil. Mesmo sabendo que daria à luz ao Rei que herdaria o trono de Davi, ela não duvidou de Deus, não lamentou, não murmurou, não se exaltou, nem reivindicou privilégios. Depois, com o filho nos braços fugiu para salvar a vida dEle, viajou para o Egito, atravessou o deserto do Sinai para um lugar onde se sentiria desterrada, perseguida e ameaçada (Mt 2:13, 14). Ela aceitou ir para um lugar onde seria ninguém, foi humilde o bastante para fugir e corajosa o suficiente para enfrentar os perigos do deserto. Ela caminhou sintonizada pelas mãos da Providência. Ser mãe do Messias em vez de lhe trazer status, glória, honra, trouxe-lhe solidão, perseguição e lutas.

8ª VIRTUDE: Respeitar a agenda de Deus

Mesmo sendo responsável por Jesus quando era adolescente, Maria precisou reconhecer que seu Filho tinha uma agenda estabelecida no céu e não na terra. Jesus teve que ensinar sua mãe que Ele só agiria dentro do cronograma do céu. Aos doze anos quando Maria perdeu Jesus por três dias em Jerusalém, ele precisou dizer a ela: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na Casa de Meu Pai? (Lc 2:49,50). Já com 33 anos de idade, ele pergunta: "Mulher, que tenho eu contigo?" Jesus estava revelando à sua mãe que sua agenda era conduzida pelo céu e não pelos laços familiares. Em ambos os casos, Jesus demonstra que o Seu compromisso é com o Pai: "Não sabíeis que convinha estar na Casa de Meu Pai?" e "ainda não é chegada a minha hora". Por isso, Maria compreendeu e endossou a agenda de Jesus de tal forma que a última palavra direta dela nas Escrituras é esta: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2:5). Seguir a orientação de Maria é, de fato, obedecer a Jesus.

9ª VIRTUDE: Ser discípulo de Jesus

A última vez que Maria aparece na Bíblia é com os demais crentes depois da ressurreição. Maria tomou o seu lugar com os outros cristãos – nem separada, nem acima deles. Ela estava lá também como discípula (At 1:14). Lá, ela também aguarda o derramamento do Espírito. Seus outros filhos são convertidos, eles se unem aos demais crentes e oram. No Pentecoste todos são cheios do Espírito Santo. Não diz a Bíblia que Maria é mais cheia que os demais nem que ocupa um lugar de destaque sobre os demais. Na verdade, seu lugar é discreto. Seus filhos Tiago e Judas foram mencionados e escreveram livros da Bíblia, mas Maria não é citada mais nem pelos apóstolos, nem pelos seus próprios filhos. O propósito dela não era estar no centro do palco, mas trazer ao mundo Aquele que é a luz do mundo, o único digno de ser adorado e obedecido.

3ATITUDES PARA CONDUZIR UM CATÓLICO A CRISTO

Ore e interceda até que o engano e a cegueira espiritual sejam destruídos. Seja respeitoso e cordial mostrando sempre o amor de Cristo e como Ele não divide sua Glória com ninguém. Jamais ofenda, critique, julgue nem condene quem pratica idolatria. Quando a oportunidade chegar, com profundo amor e respeito, conscientize a pessoa que por trás da figura humilde e meiga de Maria existem entidades malignas que recebem a adoração e atraem maldições, encantamentos e perturbações na família.

Mostre a importância de renunciar toda veneração e filiação à Senhora Aparecida, Rainha dos céus a fim de que toda legalidade seja retirada no reino espiritual.

Declare que somos propriedade apenas de Cristo e somente Ele pode interceder por nós e nos guardar. Finalmente, expulse todos os males que qualquer entidade maligna tenha operado por causa da mariolatria.

Esse é um processo lento e uma obra que somente Deus pode realizar mediante constante e amorosa intercessão. Há pessoas que mesmo ouvindo todas essas verdades, continuarão cegas no espírito e portanto as rejeitarão no coração.

A conversão da idolatria é um processo espiritual e não racional. Acontece no coração e não na mente. Há pessoas que embora convencidas do grave pecado da mariolatria continuam presas nas garras do engano. Possuem bom coração e boas intenções mas permanecem cativas nas cadeias da tradição familiar e do medo.

Porém, nunca desista de quem o Senhor jamais desistiu. Amém.

Conclusão

Maria é uma mulher digna de ser imitada por todos os cristãos, em sua humildade, coragem, abnegação, fervor e delidade a Deus. Uma mulher que esteve pronta a correr todos os riscos para realizar a vontade de Deus em sua vida.

Ninguém deve desmerecer Maria nem desrespeitá-la. Pelo contrário, é dever da Igreja imitar essa bem-aventurada mulher e lutar para que as pessoas a honrem da forma correta, não colocando-a num pedestal onde Deus nunca a pôs e que ela, jamais aceitaria, mas imitando seu exemplo como humilde serva de Deus. Que as luzes da primazia continuem focadas unicamente em Jesus, o eterno Filho de Deus, o Salvador do mundo.

LINHARES, Jorge e SILVEIRA, Roosevelt. A mãe de Jesus. Belo Horizonte, MG: Getsêmani, 2001, p.11. MIEGGE, Giovanni. A virgem Maria, p. 53-68.
BOETNER, Loraine. Catolicismo romano. p. 112.
SCHAFF, David S. Nossa crença e a de nossos pais. p. 407.
LIGOURI, Alphonse de. e glories of Mary. Redemptorist Fathers, Brooklyn, 1931, p.82,130,127,160 e 257. LOPES, Hernandes Dias. O papado e o Dogma de Maria. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 108. BOETNER, Loraine. Catolicismo romano, p. 133. LOPES, Hernandes Dias. O papado e o Dogma de Maria. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 111. LOPES, Hernandes Dias. O papado e o Dogma de Maria. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 114.

Lição 04



Você já blasfemou contra o Espírito Santo?



Por Evaldson Junior

Leitura Bíblica: Mateus 12:22-32

A blasfêmia contra o Espírito Santo é uma matéria carente de ensino. Se você puxar na memória é possível perceber que pouquíssimas vezes ou jamais ouviu alguém ensinar sobre o tema. Infelizmente, a maioria dos cristãos interpreta esse texto de forma precária e em raros ambientes há uma dedicada instrução sobre este pecado tão sério e de difícil compreensão. Hernandes Dias Lopes, por exemplo, em certa ocasião, disse que tendo 57 anos de vida e 34 de pastorado, nunca havia ouvido alguém pregar sobre o assunto e aquela era a segunda vez que ele mesmo o ensinava.

Embora seja um assunto pouco falado, não é irrelevante. É necessário instruir a igreja com uma Palavra de esclarecimento para pôr fim às incômodas dúvidas que permeiam a mente dos crentes. Alguns vivem angustiados com a possibilidade de um dia ter blasfemado contra o Espírito Santo. Outros, numa atitude totalmente inversa, banalizam as questões sagradas sem demonstrarem o devido respeito à pessoa do Espírito de Cristo.

Mas o que seria realmente a blasfêmia contra o Espírito Santo? Será que toda blasfêmia é imperdoável? Por quais razões tal ofensa contra o Espírito é um pecado eterno? E como saber se já blasfemei contra o Espírito Santo? Esta lição tem como objetivo responder a essas questões à luz das Escrituras, produzir temor e reverência à pessoa bendita do Espírito de Deus e alívio àqueles que carregam um desnecessário fardo de culpa.

1
O que é a blasfêmia contra o Espírito Santo?

A palavra blasfêmia (gr. blapsis “dano” falar para danificar, falar mal, causar má + phemi “falar”) significa de modo geral: reputação, caluniar. É uma difamação

que ofende duramente e denigre a imagem do ofendido. Dentro do contexto judaico religioso já era entendido que a blasfêmia contra Deus era um pecado que fazia do contra Deus era um pecado que fazia do 16). Apesar disto, tomados de inveja e assumindo o lugar de opositores de Cristo, fariseus e outros religiosos não mediram as consequências de falarem contra Jesus, mesmo porque insistiam em não reconhecêLo como o Messias de Deus e sua divindade.

Em Mateus 12:22-32 vemos que após Jesus libertar um endemoninhado que era cego e surdo por causa da possessão, os fariseus disseram que Ele operava pelo poder de Belzebu. Chamaram de endemoninhado Aquele que estava cheio do Espírito do Senhor. Imputaram aos demônios uma obra divina. Ofenderam assim a bendita pessoa que conferia a Jesus o poder de libertar: o Espírito Santo. Com efeito, atribuir essas obras, das quais resplandecia a santidade e o poder do Espírito, a Belzebu, significava ofendê-Lo.[1] Esta foi uma atitude que conduziu os fariseus em direção ao pecado imperdoável. Eis o motivo de Jesus tê-los advertido.

Sem dúvida, ainda hoje, é possível agir irresponsavelmente e repetir a atitude de tais religiosos. Com ira e desejo de macular a imagem de alguém, é possível ofender Aquele que age através do outro. É comum ver críticas indiscriminadas e zombarias até cômicas à atuação de Deus.

Qualquer que falar duramente contra manifestações sobrenaturais, por exemplo, sem antes ter claro discernimento, corre o risco de caminhar em direção a tal pecado.

O combate às heresias, aos falsos profetas, ou a qualquer outra aberração que contrarie a vontade de Deus, é bíblico e deve ser feito com coragem. No entanto, é uma atitude que requer discernimento, maturidade e sabedoria. O desejo de justiça e a batalha pela verdade não justificam as atitudes descomedidas e danosas que podem terminar em graves ofensas contra Deus.

2Toda blasfêmia é imperdoável?

Segundo as palavras do próprio Jesus “todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens”; a exceção é a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mateus 12:31). Aqui há, portanto, uma atitude específica, contra uma pessoa distinta.

Existe uma estreita relação entre a vida terrena de Jesus e o Espírito do Senhor.

Podemos ver isto a partir do momento em que o Filho de Deus se esvaziou de toda sua glória para estar entre nós (Filipenses 2:5-8). Ele foi gerado no ventre de Maria pelo Espírito de Deus (Lucas 1:35). João viu – anos depois – os céus se rasgarem e o Espírito descer em forma de pomba e pousar sobre Ele, como sinal de que Cristo era a Sua habitação (Marcos 1:10). A partir daí, temos a informação de que o Senhor viveu todo o seu ministério, cheio do Espírito e era por Ele guiado (Lucas 4:1). O resultado disto foi que, todos os milagres e prodígios realizados por Jesus eram pelo poder do Espírito Santo (Lucas 4:14-21).

Quando os fariseus falaram da fonte do poder de Jesus, incorreram num erro ainda não cometido anteriormente, pois antes falavam de Jesus e agora proferiam palavras danosas Àquele que Nele estava. Quando chamaram Jesus de glutão e beberrão, a ofensa era exatamente contra Cristo. Aqui, no intuito de atingir o Senhor, mais uma vez, tocaram no Espírito que Nele estava.

Seria acrescentar ao texto dizer que os fariseus cometeram, de fato, a blasfêmia contra o Espírito, visto que, o próprio Jesus não afirma tal coisa claramente. No entanto, o ato do Senhor repreendê-los, falando sobre o pecado imperdoável, demonstra que eles caminhavam na direção desse brutal pecado.

Por fim, note que o Senhor disse que até a blasfêmia contra Ele poderia ser perdoada. Alguém poderia olhar para Jesus, sem aparência e formosura, e reconhecendo apenas a figura humana, blasfemar contra Ele, se arrepender e ser perdoado. Todavia, em se tratando da pessoa do Espírito Santo, era necessário saberem que não haveria perdão para sempre, porque se tornaria réu de pecado eterno (Marcos 3:29). Alguém que comete tal pecado não será perdoado nem neste mundo, nem no porvir (Mateus 12:32). Há blasfêmias que são perdoadas, mas contra o Espírito não.

3Por que a blasfêmia contra o Espírito é imperdoável?

Ao ouvir uma afirmação tão dura contra este pecado, é natural surgir a seguinte indagação: se até mesmo contra Jesus há perdão, porque contra o Espírito Santo a blasfêmia é imperdoável?

Para responder esta pergunta, tomamos as palavras do próprio Cristo, registradas em João 16:7-11. Nelas o Mestre descreve o papel do Consolador no processo de salvação do homem. O ofício de Cristo foi morrer para salvar, o do Espírito é

trabalhar no coração do homem, fazendo-o entender esta verdade de Deus (v.8). Somente Ele pode fazer o homem compreender o seu estado de pecado, convencendo-o de que está condenado e não será absolvido no julgamento divino se a justiça de Cristo não lhe for imputada. É o Espírito que faz o homem tomar consciência de sua situação e o convence da necessidade de abraçar o Senhor pela fé e receber Dele a sua justiça. Apenas o Espírito da Graça pode conduzir o homem à nova vida em Cristo (João :5-8). Se pela blasfêmia o ser humano afastar de si o Único que pode conduzi-lo ao arrependimento, como será salvo? Como obterá perdão? Será réu de pecado eterno.

Em vista disto, a blasfêmia contra Espírito Santo não será perdoada porque tal ofensa afasta do homem o Único que pode conduzi-lo ao arrependimento. Os corações que odeiam a Deus e blasfemam contra Cristo ainda podem ser convencidos e levados ao arrependimento pelo Espírito (I Timóteo 1:13). Mas aquele que rejeita toda aproximação do Espírito afasta-se da única força que o pode levar ao perdão (João 3:36; 16:7,8).[2] Tal conduta pode representar um caminho sem volta, pois quem não é convencido do seu pecado é dono de uma mente cauterizada que não se preocupa com sua transgressão.

Brincar de modo inescrupuloso com a maneira de agir do Espírito Santo não é uma atitude sábia. Fazer chacota do dom de línguas, debochar de ambientes onde existe a Sua atuação pode afastá-Lo cada vez mais de nós. Pense que, se daremos conta a Deus até mesmo das palavras frívolas que saem da nossa boca (Mateus 12:36,37), quanto mais se ofendermos o Espírito que na Igreja habita e age.

4
Como saber se já blasfemei contra o Espírito Santo?

Há pessoas que vivem em ambientes marcados pela irreverência, em congregações nas quais o Espírito Santo não é honrado de forma devida, em lugares onde os dons por Ele concedidos são escarnecidos e a sua atuação desprezada. Assim, muitos, quando ouvem alguma menção sobre este assunto, logo cam temerosos diante da possibilidade de um dia terem cometido horrendo pecado.

Na verdade, um grande número de crentes não sabe dizer se já blasfemaram ou não contra o Espírito Santo. De fato, como saber se já blasfemei contra Ele?

É certo que “ninguém que ainda está sob o poder perturbador, persuasivo e

atraidor do Espírito Santo cometeu este pecado. Enquanto o Espírito estiver se ocupando de uma pessoa, esta não cometeu o pecado imperdoável.”[3] Se existe alguma preocupação quanto ao ter pecado, esta é a prova de que ainda não foi cruzada a linha divisória tão perigosa que separa os que já o cometeram das demais pessoas. Paulo ainda arma que o Espírito de Deus testica ao coração do salvo que este é

lho e herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo Jesus (Romanos 8:15-17).

Uma vez consumada a blasfêmia, ela conduz o ofensor a um estado de rebelião e indiferença do qual ele jamais irá retornar. Então, se você ainda vive assolado pela dúvida, pensando na possibilidade de ser réu de pecado eterno, que tranquilo. Aqueles que já estão neste estado não se arrependem, nem mesmo se preocupam com a sua condição diante de Deus. Diante das lágrimas de arrependimento e o desejo de ser perdoado, temos a convicção de que podemos ter paz com Deus por meio do perdão que Nele alcançamos.

Conclusão

Não é demais enfatizar que o Espírito Santo é uma pessoa divina e que nós temos que aprender a nos portar com reverência diante de sua presença e do seu agir. A nossa comunhão com Ele nos traz a certeza de que fomos perdoados e enche o nosso coração com a alegria que só um salvo pode ter.

Todos aqueles que querem desfrutar de comunhão com Ele devem assumir o compromisso de obedecer ao que ensina a Palavra: **Não minta ao Espírito Santo** (Atos 5:3), pois Ananias mentiu e a consequência de seu ato foi a morte. **Não resista ao Espírito Santo** (Atos 7:51), pois muitas pessoas que, por orgulho ou outros motivos, o resistiram acabaram sendo privados de suas dádivas. **Não apague o Espírito Santo** (I Tessalonicenses 5:19), visto que o papel de cada cristão é cultivar a comunhão com Ele e envolvido por sua presença fazer a diferença onde estiver. **Não entristeça o Espírito Santo** (Efésios 4:30), pois quando entristecemos alguém promovemos distanciamento e é perto Dele que queremos estar.

1 RIENECKER, Fritz. Evangelho de Mateus: Comentário Esperança. Editora Evangélica Esperança. Curitiba, PR. p.138.
2 MOODY, Dwight Lyman. Comentário Bíblico. Vol. 2. Ed. Editora Batista Regular. p.58.
3GRAHAM, Billy. O Espírito Santo: Ativando o Poder de Deus em Sua Vida. Edições Vida Nova. São Paulo. p. 121.

Lição 05



Quais as práticas sexuais que a Bíblia realmente condena?

Por Fábio Lucas
Leitura Bíblica: I Tessalonicenses 4.3-7

Vivemos a pior crise de integridade sexual de todos os tempos. Através de músicas, lmes, livros, seriados, novelas e outras diversas manifestações culturais a mensagem do prazer a qualquer custo e do sexo sem limites tem sido insistentemente apregoada em nossa geração.

Como consequência, temos uma sociedade mergulhada numa cultura altamente sensual. Basta reparar os outdoors nas ruas da cidade, os jornais, as revistas ou quaisquer panetos que a imoralidade estará lá estampada aos olhos de todos. É inegável que o sexo está banalizado como instrumento de troca e experiência. Dicilmente se anuncia um produto sem explorar a imagem de uma mulher ou homem charmoso e sexualmente irresistível como estímulo ao consumo. É com essa loso a de nudez, lascívia e impureza que principados de sensualidade têm dominado as últimas gerações.

É triste ver tantos homens atolados em pornogra a e presos a uma compulsão sexual doentia que consome sua saúde sexual, emocional e espiritual. É lamentável ver crianças balançarem seus ingênuos corpinhos ao som de músicas depravadas e imorais. É moda ver mocinhas de nove, dez e onze anos se orgulharem de namoricos e relacionamentos cada vez mais precoces. E o que dizer do incontável número de casamentos destruídos pela ferida mortal do adultério que parece estar impregnado no sangue de jovens viciados em toda sorte de orgia e pornogra a?

Antes de tudo é preciso admitir que existe uma sexualidade saudável na Bíblia. O sexo, essencialmente, é bom, santo, puro e, inclusive, divino. Deus não pensou no sexo apenas para reprodução humana. Ele idealizou o prazer sexual para ser desfrutado no contexto do casamento, entre apenas um homem e apenas uma mulher. O problema nasce na maneira como muitos satisfazem seus desejos sexuais contaminados pela imoralidade do nosso tempo.

Não tem como negar que temas sexuais deixam a maioria das pessoas desconcertadas, carregadas de constrangimento e vergonha. Todavia, é preciso ensinar quais práticas sexuais a Bíblia condena, mostrar o caminho da libertação dos vícios imorais e pregar o poder do arrependimento para quebrar as cadeias geracionais de impiedade. É com esse objetivo que a presente lição foi escrita. A mudança precisa começar dentro de nós. Mudança interior gera mudança exterior. Esta é a verdadeira dinâmica de transformação que a Igreja precisa lutar para viver.

1PORNOGRAFIA

Há uma guerra declarada do inferno contra a pureza sexual com o fim claro de destruir a família. O que antes era encontrado apenas em bancas e locadoras, com acesso restrito, hoje pode ser obtido através de um simples clique no computador. Com o advento da internet, a pornografia é consumida dentro de casa, no próprio quarto ou em qualquer aparelho celular.

Veja os números sobre a pornografia informados pela revista VIP[1]: há cerca de 76 milhões de sites pornográficos no mundo; 80 milhões de pessoas visitam sites pornôs todo mês; 35% das pesquisas feitas na internet são de conteúdo pornográfico; cerca de 3 milhões de e-mails que circulam diariamente pela rede são de conteúdo sexual; a cada dia são lançados 266 novos sites de conteúdo imoral e a cada 4 pessoas que acessa pornografia no mundo, 1 é mulher.

A pornografia é um estilo de vida que idolatra o prazer sexual, buscando nele refúgio e segurança. É um atalho de morte com promessa de vida. É uma fantasia perigosa que frustra a realidade ao nutrir expectativas irreais e estabelecer padrões inatingíveis de beleza.

Nem tudo que é culturalmente aceitável é biblicamente permitido. Davi fazia algo que era normal aos olhos dos homens e dos reis, mas contrário à Palavra de Deus. O pecado da pornografia pode se desenvolver nos momentos de cansaço, stress, frustração conjugal e solidão.

A pornografia é um pecado que polui a mente, endurece o coração e debilita a alma. Ela abre a porta para invasão de espíritos de sensualidade no território mais importante da vida: a mente. Assim como um usuário de drogas é levado a consumir quantidades cada vez maiores e mais poderosas de drogas, a pornografia arrasta o ser humano, levando-o a pesados vícios sexuais e desejos

ímpios.

A pornografia é viciante (1 Coríntios
6:12; 2 Pedro 2:19), destrutiva (Provérbios
6:25-28; Ezequiel 20:30; Efésios 4:19), e leva à iniqüidade crescente (Romanos
6:19). Desejar outras pessoas em nossa mente é ofensivo a Deus (Mateus 5:28).
Devemos ser radicais e abolir esse mal (Mateus
18:8,9).

2MASTURBAÇÃO

A masturbação consiste na autoexcitação com o fim de produzir orgasmo. Não existe na Bíblia uma referência direta e específica contra a prática da masturbação. Todavia, a Palavra de Deus como um machado à raiz da árvore condena a principal causa da masturbação – a imoralidade.

O pecado não consiste no ato em si, mas no que acontece na mente daquele que o pratica. Jesus disse: “qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, em seu coração, já cometeu adultério com ela” (Mt 5:28). Com efeito, a masturbação não é um hábito imundo que deixa as pessoas sujas. **Ele só revela a sujeira que já está em seus corações[2].**

Veja que o sexo egocêntrico é uma conseqüência da mente dominada pelos círculos desenfreados de fantasia sexual. Jesus disse: “Se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas” (Mateus 6:23). Por estas palavras de Jesus podemos afirmar, sem rodeios, que a masturbação é uma prova de que os olhos não estão sob controle e que os pensamentos não conhecem limites.

Por meio dessa prática o inimigo constrói fortalezas na mente e no coração cravando profundas raízes por meio de imagens e cenas imorais. Uma vez absorvida, essa enxurrada de imagens obscenas se tornam ídolos que passam a requerer veneração, atenção e prioridade. Logo, a masturbação se torna um hábito de adoração a esse ídolo. Por fim, um abismo chama outro abismo, afundando o indivíduo em práticas cada vez mais reprováveis e em ciclos repetitivos de derrota, remorso e vergonha.

Pela masturbação os homens encontram amantes belas, que nunca dizem não, que nunca os rejeitam, jamais os abandonam e sempre são discretas. Este caminho é pavimentado por olhos impuros e atiçado pela febre sexual, fornece

um poço sem fim de amantes. Devemos fechar as portas dos olhos e da mente para que Satanás não entre amarrando homens e mulheres nessa viciante e reprovável prática.

Vale dizer que o corpo humano tem mecanismos naturais de ejaculação involuntária conhecido como polução noturna, não servindo de justificativa a abstinência sexual.

3SENSUALIDADE LASCIVA

O pecado da lascívia (Gl 5:19) consiste no instinto de exibir sensualidade. Lamentavelmente está presente não apenas no mundo, mas também na igreja, na vida de pessoas que se deixam moldar pelos costumes da moda sem filtrar aquilo que não convém. É grave a quantidade de mulheres que corrompem a moral cristã trajando roupas que deixam as coxas à vista, marcam as curvas do corpo e abrem margem para escândalos na igreja. A moda é inspirada pela libertinagem e objetiva despertar a concupiscência dos olhos. Ela sugere às mulheres saias curtíssimas, calças cada vez mais coladas, vestidos curtos e decotes que expõe vulgarmente os seios e as costas.

O corpo tanto do homem como da mulher deve glorificar a Deus (1 Co 6:20) e não promover o pecado da lascívia. Será que nossas roupas glorificam a Deus ou despertam luxúria e vaidade? A verdade é que o que não está à venda não se expõe na vitrine. A mulher não é linda pelo corpo que têm, mas pelo coração que demonstra. (1 Pe 3:1-7).

A lascívia também atrai homens. E como é vergonhoso ver na igreja alguns irmãos, com a camisa toda desabotoada, com o peito a mostra, usando aquelas calças apertadas que realçam partes do corpo que deveriam ficar bem escondidas.

A Pra. Ana Paula Valadão sugere o seguinte teste às mulheres antes de saírem de casa[3]: “Levante os braços e olhe se a barriguinha está aparecendo, depois curve a fronte para saber se o decote está ‘pulando para fora’. Em seguida estique os braços para os lados e veja se o sutiã está aparecendo, por fim, observe se a calça está marcando a sua peça íntima.” E pronto! Sinta-se linda, charmosa e respeitada pelo seu bom gosto e pureza.

Vivemos numa sociedade que tenta tornar nossa mente insensível e anestesiada

com tanta libertinagem. Assim, vai ficando comum aceitar pessoas em nosso meio com o corpo cada vez mais descoberto, impondo-se uma massacrante cultura de imoralidade sexual. O corpo da mulher deve ser para satisfazer exclusivamente seu marido, e é sugestivo que até em casa ela mantenha se bem trajada a fim de preservar o interesse do esposo e evitando que sua nudez seja banalizada. Diz a sabedoria: “Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa sim será louvada” (Provérbios 31:30).

4FORNICAÇÃO

A fornicação é o sexo entre os solteiros. O sexo fora do casamento é pecado, pois Deus já estabeleceu que “deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua **ESPOSA**, e serão os dois uma só carne” (Ef 5:31; Gn 2:24; Mc 10:7). Na lei de Moisés, a mulher que perdia a virgindade antes do casamento era apedrejada para retirar a profanação da casa do pai (Dt 22:20-21). A lei foi revogada, mas o princípio não mudou. (1 Coríntios 10:8)

O sexo antes do casamento representa o triunfo da vitória da carne e o resultado do consumo de imoralidade. Muitos jovens quando estão com suas namoradas tem desejo de fazer com elas o que consumiram no submundo da pornografia.

Em 1 Co 6:16 a Bíblia mostra que quando um homem tem relação com uma mulher, torna-se uma só carne com ela. De fato, o sexo é uma aliança de sangue e une a alma dos parceiros comunicando emoções, heranças e maldições.

É preciso ensinar essa geração que o sexo fora da aliança do matrimônio pode produzir todos os tipos de problemas na sociedade. Entre eles se destacam a incontrolável epidemia de adolescentes grávidas, a banalização do casamento e o fomento da indústria do aborto. Além disso, quando o bebê tem a sorte de nascer, não terá oportunidade de crescer num ambiente familiar estável. Outro problema relevante é que relações sexuais casuais e múltiplas produzem um alto risco de se contrair doenças sexualmente transmissíveis, sendo as mais comuns a herpes, a gonorreia e a AIDS.

As carícias maliciosas do relacionamento do namoro ou noivado, também podem ser consideradas como fornicação, pois enquadram-se na imoralidade sexual descrita em 1 Co 6:18. Elas são fruto de um coração precipitado que apressadamente arranca o fruto sem que esteja maduro. É por essa razão que casais de namorados vivem nos escombros de sérias maldições.

O namoro é uma aliança espiritual que visa ao conhecimento mútuo e busca, na oração, a vontade do Senhor para o casal. O noivado é uma aliança de alma selada pelo amor. O casamento, finalmente, é a aliança de corpo, quando o casal se torna uma só carne. Portanto, inverter essas três alianças atrai sérias consequências.

Assim, a fornicação amaldiçoa o futuro casamento, oprime a mente com remorso, dá legalidade a doenças, afeta a personalidade e produz futuros cônjuges truculentos, agressivos, ciumentos e aprisionados nas garras da imoralidade. É preciso levar toda fornicação à cruz de Cristo por meio do arrependimento e confissão (Cl 2:12-15), só assim seremos purificados de toda injustiça.

5ADULTÉRIO

Deus também condena o sexo extraconjugal. A Bíblia diz: “Assim, o que se adultera com uma mulher é falto de entendimento; aquele que faz isso destrói a sua alma; achará castigo e vilipêndio, e o seu opróbrio nunca se apagará” (Pv 6:32, 33).

O marido como sacerdote é o telhado espiritual de sua casa contra toda opressão sexual do inferno. Todavia, se ele falhar e abrir legalidade, Satanás encontrará causa para pouso em sua vida e família. Provérbios 26:2 diz que a maldição precisa de causa tal como a andorinha precisa de ninho. Qualquer brecha de imoralidade não tratada e confessada confere legitimidade para o diabo a perseguir sua esposa e seus filhos em questões morais.

O adúltero entristece o Senhor, desonra o Evangelho, destrói sua reputação, fere pessoas preciosas, envenena a consciência, produz descrença no futuro ministerial e atrai o severo julgamento de Deus.

6HOMOSSEXUALISMO

Homossexualidade refere-se à característica de sentir atração física, estética ou emocional por pessoas do mesmo sexo.

Embora no Brasil, o Conselho Nacional de Justiça já admita que o casamento entre pessoas do mesmo sexo seja realizado em cartório, a imutável Palavra de Deus continua condenando esta horrenda prática como pecado abominável. Em 1 Coríntios 6:9-11 e 1 Timóteo 1:8-10, lemos que os “homossexuais passivos ou

ativos não herdarão o reino de Deus". Em Levítico 18:22 Deus considera repugnante um homem deitar-se com outro homem. Em Romanos 1:26-27 Deus assegura que aqueles que trocaram suas relações sexuais naturais por outras contrárias à natureza e se inflamaram de paixão uns pelos outros receberão em si mesmo o castigo merecido por sua perversão. O profeta já declarou que o Senhor derramaria chagas sobres as imundícias. Não é de se assustar que o vírus HIV e tantas outras doenças proliferam entre pessoas que praticam tais atos. (Judas 1:7).

Há muitos ensinos errôneos afirmando que a homossexualidade tem causas genéticas de má formação hormonal, porém nenhum estudo científico sério pôde comprovar tal alegação. Porém, existem 10 fatos que acontecem no meio da família que podem influenciar o desenvolvimento da homossexualidade: 1º) a confusão de papéis familiares, quando, por exemplo, a mãe exerce o papel do pai e vice-versa; 2º) o controle manipulador de um dos cônjuges e a passividade de outro; 3º) o enfraquecimento da figura paterna ou materna; 4º) o abandono e a rejeição; 5º) a solidão e o sentimento de "vazio" (crianças solitárias na vida se tornam adultos profundamente doentes em suas emoções); 6º) a ausência de orientação quanto à sexualidade; 7º) a baixa autoestima; 8º) humilhações profundas; 9º) a ridicularização de características físicas; 10º) ser vítima de abuso sexual.

No caso do homem homossexual a ausência do pai favorece a formação de vínculos sem limites. Praticamente todos homossexuais tem uma grande identificação com a mãe e uma carência do pai. Daí tentam suprir essa deficiência com outros homens, mas o que encontra é perversão e imoralidade.

No caso da mulher lésbica, as causas também nascem nos sentimentos de ódio e total decepção com o mundo masculino. Se o pai não estiver presente física e emocionalmente ou se tiver comportamento explicitamente abusivo, consequentemente, ela irá sentir-se indigna como pessoa, desvalorizada como mulher, e terá dificuldade em relacionarse com o sexo oposto de forma saudável. Por outro lado, a ausência de vínculos com a mãe também é causa de lesbianismo, pois favorece a perda da feminilidade podendo surgir um incontrolável impulso de ligar sua identidade em outra mulher.

De acordo com a Bíblia, o perdão de Deus está disponível ao homossexual da mesma forma como está disponível ao adúltero, ao adorador de ídolos, ao mentiroso, ao assassino ou ao ladrão. Deus também promete força para

conquistar a vitória sobre o pecado. “Mas onde o pecado abundou, superabundou a graça.” **Romanos 5:20.**

7ORGIAS SEXUAIS NO CASAMENTO

Deus é o criador do sexo. Foi ele quem criou isso para louvor do seu nome. Ele é o seu legislador. O desejo pelo sexo não é errado. Assim como o rio quando respeita suas margens produz vida, mas quando transborda traz morte e destruição, assim também o apetite sexual quando respeita a lei de Deus produz vida, mas quando desrespeita o padrão de Deus se torna um grande problema de morte.

Há um mito liberal de que dentro das quatro paredes do casal tudo é permitido. Todavia, Hebreus 13:4 nos alerta que “Venerado seja entre todos o matrimônio e o **leito sem mácula**; porém, aos que se dão à prostituição, e aos adúlteros, Deus os julgará”.

As orgias e impurezas sexuais podem manchar o leito conjugal. A Bíblia não especifica quais práticas são permitidas e proibidas no casamento. Todavia, Paulo aponta como obra da carne toda impureza, imoralidade e entrega sem moderação aos prazeres sexuais (Gl. 5.19). Em Colossenses 3:5 a Bíblia recomenda que devemos fazer morrer todo tipo de imoralidade sexual, impureza, afeição desordenada e a vil concupiscência.

À luz desses textos bíblicos todo tipo de relação sexual que inclua um terceiro elemento ou pessoa constitui pecado. A luxúria é caracterizada por um desejo sexual confuso ou incontrolável que pode destruir qualquer casamento.

É vergonhosa a quantidade de homens que forçam suas esposas a admitirem pornografia na intimidade do casal, que exigem relações contrárias à natureza (Rm 1:26), que as levam a motéis que são verdadeiros locais públicos de prostituição, sob o carnal argumento de apimentar ou diversificar a relação sexual. Tais práticas maculam o matrimônio e produzem um ninho pra satanás na cama do casal. Aquele que visita a casa do diabo em busca de novos prazeres não deverá assustar-se quando o diabo decidir visitar a sua casa também.

8COMO VENCER O PECADO DA IMORALIDADE SEXUAL?

Quando o pecado é amargo, não é o casamento que o tornará doce. No início, o casamento pode ser sexualmente gratificante em todos os sentidos. Mas a

semente do pecado não tratado continuará à porta, adormecida, aguardando o momento oportuno. Isso pode levar semanas, meses ou anos. Mas em algum momento, o monstro revelará sua cara.

É por isso que a Bíblia recomenda: “A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual. Cada um saiba controlar o próprio corpo de maneira santa e honrosa, não com a paixão de desejo desenfreado, como os pagãos que desconhecem a Deus.” (1 Tessalonicenses 4:3-7). Para vencer qualquer um dos tipos de imoralidade sexual aqui elencados, há alguns passos importantes:

O primeiro e mais importante é a decisão particular e radical de ser limpo. A hombridade é uma escolha. Jó foi assim. Sua integridade atraiu o testemunho do próprio Deus que disse para Satanás não existir na terra alguém como ele. No capítulo 31:1 descobrimos um grande segredo da hombridade de Jó. Ele declara: “Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria em uma donzela?”. Noutras palavras ele estava dizendo que prometeu aos próprios olhos jamais cobiçar mulher alguma. A prova de que ele venceu está na afirmação: “o meu coração não se deixou seduzir por causa de mulher” (Jó 31:9).

Se sua vida está presa a alguma imoralidade sexual, deixe de comer lavagem de porcos e abandone as espigas velhas deixadas no chiqueiro da vida. O seu Pai te espera para restaurar seu relacionamento com Ele. Saia hoje mesmo de todo relacionamento extraconjugal, seja ele físico, mental ou de coração, e volte para casa. Não é necessário limpar-se primeiro para voltar. É na casa do Pai que você se limpa e recebe de volta a honra. O Pai te espera com um anel, um manto e sapatos novos. Só decida voltar!

O segundo passo é vencer os argumentos mentirosos de satanás (2 Coríntios 10:4,5)**.** A Bíblia confirma que é pelo engano que satanás mantém as pessoas sob cativeiro de pecados. Uma das mentiras do diabo é convencer o indivíduo que sua imoralidade é mais forte que ele. Ao contrário, a Bíblia diz em 1 Coríntios 10:13 que: “Não veio sobre vós tentação, **senão humana”.** Não superestime sua carne. Nenhuma tentação vem sobre você com força sobrenatural. É algo meramente humano, portanto, vencível, sempre na medida das suas forças e não além delas.

O terceiro passo é aprender a empreender a fuga de Deus. Agora, mesmo a tentação sendo humana, junto com a provação, Deus provê escape. Paulo diz:

“mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes

com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar” (1 Co 10:13). Deus traz recursos sobrenaturais e formas de resistir. O sexo, como tudo mais na vida, deve ser feito com autocontrole, não com uma ausência insensata de domínio próprio. É esse o escape de Deus – a virtude sobrenatural descrita por Paulo em Gálatas 5:22,23 e conhecida como mansidão.

Provérbios 16:32 diz que “mais forte é o que domina o seu espírito do que aquele que conquista uma cidade”. O forte não é quem domina os outros, o forte é quem domina a si. Thomas Watson define mansidão como “uma graça por meio da qual somos capacitados pelo Espírito de Deus para controlar nossas paixões”.

Finalmente, aprenda a proteger seus alvos estratégicos. Toda impureza sexual infiltra-se por algum desses três canais: 1) olhos; 2) mente; 3) coração.

Conclusão

Numa cultura altamente permissiva, com remoção dos limites absolutos e de relativização das regras morais, faz-se necessário ensinar os mandamentos proibitivos de Deus relacionados à cobiça e lascívia, tão perigosos para fomentar paixões carnais na vida íntima das pessoas.

Que haja homens diferentes de Sansão, homens que não exaltem seu carisma em desfavor do temor de Deus. Homens e mulheres cheios de coragem para combater e fugir de toda imoralidade.

Apesar da avalanche de imoralidade, indelidade, traição e perversão que o diabo tem vomitado no mundo através do ocultismo e sensualidade, Deus está levantando para si, um povo zeloso, santo, que em breve esmagará a cabeça de Satanás debaixo de seus pés.

Muitas coisas podem ser diferentes com você, com sua família e com seus relacionamentos, se você entrar nessa batalha com discernimento, mantendo seu coração acima de tudo, unido ao temor do Senhor.

1 http://vip.abril.com.br/12-estatisticas-sobre-pornogra a-na-internet-que-vao-te
2 Harris, Joshua. Sexo não é problema (Lascívia, Sim). P.
3 http://www.lagoinha.com/ibl-vida-crista/mulheres-cristas-cuidado-com-a-roupa-curta/

Lição 06



É pecado não dizimar?

Por Fábio Lucas

Leitura Bíblica: Malaquias 3:8-12

O dízimo é um assunto delicado e cercado de dúvidas. Em nosso tempo seu ensino tem sido distorcido desmedidamente. Há quem limite sua obrigatoriedade apenas ao tempo do Velho Testamento sob o argumento de que no tempo da Graça toda lei foi revogada. Por outro lado, há quem o exija de maneira impostora. É lamentável que alguns líderes inescrupulosos usam meios duvidosos e reprováveis para arrancar do povo o último centavo, a fim de viverem na ostentação e no luxo. Pior ainda, é ver tantos líderes religiosos usarem o dízimo como instrumento de opressão e barganha de bênçãos através dos pretextos da teologia da prosperidade. Esses estelionatários da fé fazem do Evangelho um balcão de negócios e enganam pessoas desatenciosas para depositarem tudo o que têm, numa espécie de loteria da fé. Assim, essas pessoas terminam mais pobres e decepcionadas com Deus.

Em razão disto e por absoluta falta de conhecimento dos princípios espirituais em torno do dízimo, muitos crentes cometem vários erros: deixam de dizimar, dizimam de vez em quando, administram o próprio dízimo, dizimam apenas de parte dos ganhos e outros, ainda, fazem do dízimo uma esmola devolvendo apenas da sobra do seu lucro.

Mas será que o dízimo está presente em toda a Bíblia ou é uma exigência da Lei de Moisés que já foi revogada? Quais os motivos e argumentos têm levado tantas pessoas a deixarem de dizimar? E, diante desse erro grave, quais as principais consequências financeiras e espirituais na vida daquele que “rouba” a Deus? Por quais razões bíblicas, de fato, devemos dizimar nessa era da Graça? Qual é o lugar certo para devolver os dízimos?

Essa lição se propõe responder essas perguntas de forma bíblica e séria em sintonia com os princípios bíblicos que regem a forma como devemos lidar com a Potestade chamada Mamon, disfarçada em dinheiro. A esperança é que esse ensino produza arrependimento, conscientização e lealdade ao Senhor no meio de seu precioso rebanho.

1O DÍZIMO ESTÁ PRESENTE EM TODA A BÍBLIA?

Deus disse solenemente por meio de Malaquias: “Eu, o Senhor, não mudo” (Ml. 3:6). Deus é o mesmo. Assim como Deus não mudou e forma como Ele deve ser honrado também não mudou. O dízimo não é uma lei vencida. É um princípio de submissão, honra, amor e adoração. Esse princípio começou no Jardim do Éden quando Deus separou uma árvore para Ele e proibiu que o primeiro casal a tocasse.

Portanto, em primeiro lugar, **a prática do dízimo antecede à lei**. Abraão, como pai da fé, pagou o dízimo a Melquisedeque (Gn. 14:20), um tipo de Cristo, e nós, como

lhos de Abraão, pagamos o dízimo a Cristo, sacerdote da ordem de Melquisedeque (Hb. 7:4-17). Jacó prometeu pagar o dízimo ao Senhor (Gn. 28:20-22), muito antes de a lei ser instituída.

Em segundo lugar, **a prática do dízimo foi aprovada na lei de Moisés,** o princípio, que já governava o povo de Deus, foi conrmado e regulamentado (Levítico 27:30-32; Números 18:21-24; Deuteronômio 14.22-29).

Em terceiro lugar, **a prática do dízimo é ensinada em TODA a Bíblia**. Está presente no Pentateuco, nos livros da lei; nos livros históricos (Ne. 12:44; 13:11,12), poéticos (Pv. 3:9,10) e proféticos (Ml. 3:8-10). Também está explicitamente comprovado nos evangelhos (Mt. 23:23) e nas epístolas (Hb. 7:8).

Em quarto lugar, **a prática do dízimo foi conrmada e praticada por Jesus no Novo Testamento.** Os fariseus superestimavam o dízimo, fazendo de sua prática, uma espécie de amuleto. Eram rigorosos em sua observância, mas negligenciavam os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé. Em Mateus 5:20 ele disse “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus de modo nenhum entrareis no reino dos céus”. Exceder signica fazer tudo que eles faziam e muito mais. Em Mateus 23:23 Jesus diz: “Ai de vós escribas e fariseus hipócritas, pois que dizimais, mas desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé. Deveis, porém, fazer estas coisas e não omitir aquelas ”. Ao dizer “Estas coisas” Ele se referiu a praticar o juízo, a misericórdia e a fé. E ao dizer “não omitir aquelas” Ele se referiu a devolver o dízimo. Em Lucas 20:19-26, Jesus disse: “deem a César o

que é de César, e a Deus o que é de Deus". De César era o imposto, de Deus o dízimo.

Portanto, Jesus, deixa claro que devemos observar atentamente a prática dessas virtudes fundamentais da fé cristã, sem omitir a entrega dos dízimos (Mt. 23:23).

Ora, aqueles que usam o argumento de que o dízimo é da lei, e por estarmos debaixo da graça, estamos isentos de observá-lo; da mesma forma, eles estariam também isentos da justiça, da misericórdia e da fé, porque essas virtudes centrais, também, são da lei. Só o pensar assim, já seria uma tragédia!

Em quinto lugar, **a prática do dízimo é um preceito divino que não pode ser alterado ao longo dos séculos**. Muitas igrejas querem adotar os princípios estabelecidos pelo apóstolo Paulo no levantamento da coleta para os pobres da Judéia como substituto para o dízimo. Isso é um equívoco. O texto de 2 Coríntios 8 e 9 trata de uma oferta especíca, para uma causa especíca. Paulo jamais teve o propósito de que essas orientações fossem um substituto para a prática do dízimo.

Portanto, devemos entender o dízimo não como um mandamento da lei de Moisés, mas como um princípio espiritual. Não entregar o dízimo é transgredir mais que uma lei, é violar um princípio espiritual. E a transgressão da lei constitui-se em pecado (1 Jo. 3:4).

2PORQUE ALGUMAS PESSOAS NÃO DIZIMAM?

Eis os argumentos clássicos dos não dizimistas:
Primeiro: **"o dízimo é da lei e não estou debaixo da Lei, mas, sim, da graça".** Todavia, como vimos o dízimo não é apenas um princípio da lei, mas um princípio presente antes, durante e depois da lei de Moisés, permeando toda a Bíblia. Agora, se estamos na graça não deveríamos ir além da Lei? Veja que a lei dizia: "não matarás" (Êx. 20:13). Mas Jesus disse: "Eu, porém, vos digo que aquele que odiar seu irmão é réu de juízo" (Mt. 5:22). A lei dizia: "Não adulterarás" (Êx. 20:14). Jesus disse: "Aquele que olhar para uma mulher com intenção impura já cometeu adultério" (Mt. 5:28). A lei dizia: "olho por olho, dente por dente" (Êx. 21:24). Jesus disse: "se alguém te ferir a face direita, dá-lhe também a esquerda" (Mt. 5:39,40). Notadamente, a graça vai além da lei, mas por que muitos preferem ficar aquém da lei, apenas nessa questão do dízimo? Essa é uma justificativa infundada.

Segundo: **“o dízimo deve ser dado apenas com alegria”** (II Co. 9:7). Todavia, nesse texto Paulo não fala de dízimo, mas de oferta. Dízimo é dívida. Não devolvê-lo é roubar a Deus (Ml. 3:8).
Terceiro: **“o que eu ganho não sobra ou mal dá para meu sustento”.** Porém o dízimo não é do que sobra. Ele é uma primícias, isso significa que o dízimo deve ser retirado primeiro e devolvido Àquele que é dono de todo ouro e prata.
Quarto: **“prefiro dar meus dízimos aos pobres”.** A Bíblia não autoriza administrar, por nossa conta, os dízimos que são do Senhor. Ele não é nosso. A ordem é: “Trazei TODOS os dízimos à casa do tesouro” (Ml. 3:10). A casa do tesouro é a congregação onde estamos inseridos e somos alimentados. Dar dízimos aos pobres é “fazer caridade com chapéu alheio”.
Quinto: **“Não dizimo, pois a igreja não o administra bem”.** Deus não nomeou ninguém como o fiscal do dízimo. Não cabe a nós julgarmos a gestão do dízimo. A ordem é ser fiel. As necessidades da igreja, as possibilidades de avanço da obra e expansão do Evangelho são geridas pelos pastores líderes da igreja. Eles são empreendedores do reino e como administradores do tesouro de Deus darão conta da aplicação de cada centavo dizimado. Mas esse é um problema exclusivo deles e de Deus. Julgálos é usurpar a posição do Senhor.
Todavia, a grande raiz da ausência de dízimo não vem de uma justificativa teológica, assistencial, eclesiológica ou contábil**. Não devolver o dízimo ou devolvê-lo parcialmente é um problema do coração. Os argumentos acima enumerados, entre outros, são meras desculpas que servem como máscaras para esconder um coração infiel, avarento, incrédulo e não convertido.**
Jesus declarou: “Onde estiver vosso tesouro, ai estará também o vosso coração”. Poucas pessoas admitem ser gananciosas. O mestre alertou: “Tende cuidado e guardaivos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc. 12:15).
Um coração infiel sempre rejeitará a verdade de que tudo que está em nossas mãos pertence a Deus e Ele exige parte disso de volta, como prova de fidelidade. **Um coração avarento** nunca se contentará com o que ganha e em nome da usura morrerá acumulando sem desfrutar de nada. **Um coração incrédulo** sempre dirá que tudo que ganha não sobra e mal dá para o sustento. Ele jamais entenderá que Deus não é Senhor de sobras ou de restos. Ele exige o primeiro, o melhor. Mas a incredulidade o fará ter medo de que os 10% lhe faça grande falta. É por isso que o profeta Ageu disse que o infiel recebe o salário e coloca num saco furado. Vaza tudo. Foge entre os dedos. Assim, o não dizimista fecha as janelas dos céus com as próprias mãos e envia contra os seus bens o devorador.
Por fim, as pessoas não dizimam, porque **ainda não se converteram completamente.** É inegável que o dinheiro é um deus, uma entidade espiritual

que exigirá sacrifício e controle absoluto de seus súditos. É por essa razão que há mais de 2.350 versículos sobre como lidar com o dinheiro e as posses. Jesus falou mais sobre dinheiro do que sobre qualquer outro assunto. A Bíblia fala mais sobre questões financeiras do que sobre céu, inferno, diabo e até mesmo sobre salvação. Isso não significa que o dinheiro seja o tema central da Bíblia, mas que ele pode ser a principal barreira entre você e o tema central da Bíblia, que é Jesus Cristo.
De fato, o dinheiro é um excelente servo, mas um péssimo patrão. O dinheiro é o maior senhor de escravos do mundo. O dinheiro domina a vida, o tempo e define as prioridades de muita gente. Infelizmente, ele tem sido motivo de contendas, guerras e mortes. Na verdade, a Bíblia nunca foi contra possuir dinheiro. O grande problema é quando o dinheiro nos possui. Portanto, como dinheiro tem sido um ídolo venerado mensalmente no altar da ganância, Deus instituiu o dízimo como preceito de não devoção a Mamon.
O dizimista fiel não tem seu coração dominado pelo dinheiro, mas pelo Senhor. Ele devolve a parte que é de Deus sem temer que algo lhe venha faltar, pois sabe tudo vem do Senhor. O trabalho é apenas um canal por onde o senhor nos envia o sustento. Assim, aquele que devolve 10% de seus ganhos, com esse gesto, confessa sua confiança na provisão de Deus, prova seu amor e gratidão a Ele, e, sobretudo, sua libertação em relação ao poder que os bens tendem a exercer sobre toda alma humana

3QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS EM NÃO DIZIMAR?

Uma vez que o dízimo pertence a Deus e prova se o dinheiro é senhor em nossas vidas, há várias consequências espirituais na vida daquele que retém a décima parte dos seus ganhos.

3.1 Finanças sob maldição

A consequência principal é a maldição divina: “Vós sois amaldiçoados com maldição; porque a mim me roubais, sim, vós, esta nação toda” (Malaquias 3:9).

Já sabemos que a lei do dízimo foi ampliada pela lei da graça. Se antes a medida era 10%, agora a graça nos leva a ir além disso, nunca menos. Assim, o dízimo é a medida mínima da graça. É uma referência prática do que o amor, a justiça e a misericórdia realizam quando habitam em nós. Devolver esse valor ao Senhor atrai bênçãos. Retê-lo, atrai maldição, especialmente na vida financeira.

Provérbios 11:24 diz que “ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda [empobrecerá]”. Há pessoas que acumulam perdas inexplicáveis por darem brechas espirituais ao espírito devorador que, diante da legalidade dada, destrói os frutos colhidos. O devorador pode ser tudo aquilo que subtrai nossos bens, que conspira contra nosso orçamento e mina nossas finanças. Àquele que dizima, o Senhor, impede todas essas maldições (Ml. 3:11).

O profeta Ageu descreve mais consequências da infidelidade. Leia Ageu 1:6,9-11.

3.2 Possibilidade de perda da salvação

A pergunta crucial: **é não dar dízimo é pecado?** A resposta inevitável é **SIM**. É pecado, pois viola a medida mínima estabelecida pela lei como gesto de lealdade a Deus, uma vez que na Graça essa medida deve ser elevada e nunca diminuída.

Não dizimar é pecado, pois toca naquilo que é santo e que pertence ao Senhor. A palavra usada para roubo em Malaquias 3:8 é “qaba” que significa tomar à força. Portanto, é uma espécie de assalto intencional, planejado e ostensivo.[1]

Não dizimar é pecado, pois demonstra nossa confiança mais no dinheiro do que em Deus. Quem não dizima se apoia mais na provisão do que no Provedor, depende mais do sustento do que do Sustentador. Nesse sentido, o crente que não dizima nega a Deus aquilo que Lhe é direito e qualquer coisa na qual ele aplicar o dízimo do Senhor, será para ele um ídolo.

Assim, o não dizimista comete basicamente quatro dos nove pecados mortais descritos em I Coríntios 6:9-10, se tornando **idólatra, ladrão, avarento e trapaceiro**. **Idólatra**, porque dá a outrem o que pertence somente a Deus. **Ladrão** porque se apropria daquilo que não lhe pertence. **Avarento** porque não consegue abrir mão de nada. E **trapaceiro** porque subtrai fraudulosamente em benefício próprio quantia destinada ao sustento da casa de Deus (Dt. 26:14).

Aqueles que se veem em falta com o Senhor devem arrepender-se imediatamente. “Aquele que encobre suas transgressões, nunca prosperará. Mas aquele que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv. 28:13). O perdão para o pecado de não devolver o dízimo está em Cristo. Nele todos os devoradores foram despojados na Cruz.

Alguém pode perguntar: **Então quem não dizima vai para o inferno?** A Bíblia

responde em I João 3:8-10 “Quem pratica o pecado é do diabo, porque o diabo vem pecando desde o princípio. Mas para isto se manifestou o filho de Deus: para destruir as obras do diabo. **Qualquer que é nascido de Deus não vive na prática do pecado**; porque a semente de Deus permanece nele; e não pode viver pecando porque é nascido de Deus. Qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus”.

À luz desse texto, fica claro que não perdemos a nossa salvação pelo fato de não dizimarmos uma ou outra vez. Tais pecados uma vez confessados e abandonados recebem, por meio do nosso Advogado celestial, completa absolvição (I João 2:1). Agora, aquele que vive na prática constante de qualquer pecado, ainda não nasceu de Deus e jamais poderá herdar o reino dos céus (João 3:3). Portanto, vai para o inferno, não por deixar de dizimar, mas por deixar de fazer de Cristo, Senhor absoluto de sua vida, de sua casa e de seus bens.

4QUAIS OS PRINCIPAIS ERROS DOS DIZIMISTAS?

Malaquias denunciou os erros daqueles que, embora dizimassem, o faziam de forma errada. Ainda hoje, muitos irmãos cometem vários erros quanto às suas contribuições. Vejamos:

1º erro: subtrair parte do dízimo.
A

Bíblia ordena: “Trazei TODOS os dízimos” (Ml. 3:10). O dízimo é integral. Muitas pessoas pensam que podem enganar a Deus e a igreja quando devolvem um valor inferior ao que representa os 10% estabelecidos pelo Senhor. Assim como Deus não precisava do sacrifício de Isaque, mas desejava a sua obediência e primazia, igualmente Ele não precisa de nenhum centavo nosso, mas de nossa lealdade. Ananias e Safira morreram não por deixarem de dar, mas por mentirem ao Espírito Santo (At. 5:8,9).

2º erro: administrar o dízimo. Deuteronômio 12:10-14 diz: “não ofereçam sacrifícios em qualquer lugar que quiserem, mas somente no lugar que Deus escolher”. Em Malaquias 3:10 Deus diz: “trareis à CASA DO TESOURO”. **Guarda-te de trazer a sua contribuição em qualquer lugar.** Não podemos mudar a ordem clara do Senhor nem fazer o que bem entendemos com o que é de Deus (Dt. 12:11). Não fomos chamados para administrar o dízimo nem sermos juízes dele. A casa do tesouro designava os armazéns e toda tesouraria do

templo onde havia amplos salões para depósito dos dízimos. Hoje, o dízimo continua válido para sustento de obreiros, pastores e missionários, aquisição de terrenos, construção de templos, produção de literatura, assistência social, toda manutenção e com a extensão da obra de Deus na terra. Essa tarefa cabe aos administradores dos recursos de Deus que é para quem terão que prestar contas da sua administração.

Há pessoas que fazem gestão do próprio dízimo: enviam 2% para uma igreja necessitada; remetem 3% para obras sociais; ajuda um missionário com mais 2% e devolve 3% na igreja onde frequenta. Essa prática é errada. Além disso, há aqueles que frequentam uma igreja e dizimam em outra. Isso é o mesmo que almoçar num restaurante e pagar a conta em outro.

3º erro: subestimar o dízimo . Israel perguntava: em que te roubamos? (Ml. 3:8). Para eles o dízimo era assunto sem importância. Sonegavam o dízimo e achavam que isso não os afetava espiritualmente. Eles comiam as sementes do dízimo e não sentiam nenhum pesar nem culpa por isso.

4º erro: dizimar após pagar as contas. As escrituras são enfáticas ao apontarem que o "primeiro pertence a Deus". (Mt. 6:33; Êx. 13:1,2; Tg. 1:18). As primícias dos primeiros frutos eram Dele. (Êx. 34.26). Há vários tipos de primícias na Bíblia, mas o dízimo é a principal delas. (Ezequiel 44:30; 2 Crônicas 31:1-6). Neemias se referiu aos dízimos como primeiros frutos (Neemias 10:35-37).

Deus jamais aceita ser o segundo. Ou Deus é o primeiro e tudo em sua vida, ou ele é o último e, portanto, não é nada para você. Veja que Abel trouxe suas primícias (Gn. 4:4) ao passo que Caim trouxe do que sobrou após ter se "passado algum tempo". (Gn. 4:3). Imagine colher frutos da terra, guardar e depois de um tempo consumilos. Eles estarão podres. É isso que acontece quando deixamos os dízimos por último. Veja que não é quanto contribuímos que chama a atenção de Deus, mas como o fazemos. A diferença entre a viúva pobre e os ricos (Mc. 12:41-44) é a mesma entre Caim e Abel. Ela colocou Deus em primeiro lugar e Caim deixou Deus por último. O valor não faz diferença, mas a fidelidade e a primazia, sim.

Paulo confirma esse ensino em Romanos 11:16. Ele diz que ao santificar a primeira parte, você santifica tudo que vem depois dela. Há poder no primeiro quando ele é entregue no Trono da Graça. O dízimo, como primeira parte dos

ganhos, tem o poder de abençoar todo o patrimônio e rendimento restante.

Conclusão

O dízimo é devolvido para Deus, pois tudo pertence a Ele. Não é correto armar: “vou pagar meus dízimos”. Pagar é entregar uma quantia por algo que você comprou. Ao dizimar você não está comprando nada de Deus. O correto é dizer: “vou devolver ou entregar” meus dízimos ao Senhor.

Malaquias fala-nos sobre quatro bênçãos decorrentes da delidade na devolução dos dízimos: 1) **as janelas do céus são abertas**. É lá, do alto, que procede toda boa dádiva. Deus promete derramar sobre os éis, torrentes caudalosas das Suas bênçãos. É bênção sem medida, é abundância, é fartura. Mais vale 90% com a bênção do Senhor do que 100% sob a sua maldição. 2) **bênçãos sem medida são derramadas**. A benção de Deus enriquece e não traz desgosto. (2 Co. 9:6; Lc. 6:38; Pv. 11:24,25). As bênçãos decorrentes da obediência, não são apenas materiais, mas toda sorte de bênção espiritual em Cristo Jesus. 3) **o devorador é repreendido**. A maldição do devorador não se quebra com ritos místicos nem com oração e jejum. A causa da legalidade tem que ser tirada. E isso só acontece enando a mão no bolso e devolvendo a Deus o que Lhe pertence. 4) **uma vida feliz.** “Todas as nações vos chamarão felizes” (Ml. 3:12).

Deus procura dizimistas e não dízimos. Ele quer adoradores e não adoração. Ele deseja a nós, antes de receber nosso culto ou serviço. Antes de Deus receber o dízimo, Ele recebe o coração. Antes de trazer as ofertas, Deus ordena trazer a vida. Os fariseus do tempo de Jesus eram tão legalistas que dizimavam até de hortaliças que colhiam, mas negligenciavam a justiça, a misericórdia e a fé. Não podemos transformar o evangelho num conjunto interminável de rituais e regras, oprimindo pessoas e afastando-as de um relacionamento íntimo com Deus. Portanto, o coração precisa vir primeiro, depois o bolso virá naturalmente. Que Deus nos conduza ao arrependimento e nos dê fé para honrá-Lo acima de todos os desejos e necessidades.

1 LOPES, Hernandes Dias, Malaquias. São Paulo: Hagnos, 2006. p.99

Lição 07



O que a Bíblia ensina sobre



consulta aos mortos?

Por Marcelo Loconte, Evaldson Junior e Fábio Lucas
Leitura Bíblica: Levítico 19.31

A necromancia (do grego nekrós “morte” + mantéia “adivinhação”), também conhecida como nigromancia, é uma crença ocultista que busca se comunicar com o mundo espiritual por meio da consulta aos mortos. Tal prática se baseia na ideia de que os mortos, por não estarem limitados a condição terrena, tem uma percepção mais apurada de predizer o futuro.[1] Há muitas suposições – ainda não confirmadas – a respeito da origem dessa prática, o mais provável, no entanto, é que tenha surgido entre os persas a milhares de anos atrás.

Segundo alguns especialistas, além da possessão demoníaca, seus praticantes estão sujeitos a danos físicos e psicológicos irreversíveis. No entanto, a consulta aos mortos, ainda hoje, é bastante praticada em todo o mundo. Mas, o que a Bíblia tem a nos ensinar sobre a necromancia? Realmente é possível os mortos se comunicarem com os vivos? Quem apareceu na seção mediúnica em 1 Samuel 2.28 foi mesmo o espírito do profeta Samuel? Para onde vai a alma do crente após a morte?

Embora tais perguntas sejam delicadas, o propósito da presente lição não é polemizar a questão, mas oferecer recomendações bíblicas sobre como a igreja deve se posicionar diante do mistério da morte. Portanto, nos deteremos apenas àquilo que está escrito, respeitando sempre o princípio de que as coisas ocultas pertencem ao Senhor (Dt. 29.29).

1
Os mortos podem se comunicar com os vivos?

Uma conferência realizada numa com pessoas mortas, do tipo: aparições, escola americana revelou que cresce vultos, vozes, etc. Pesquisas indicam assustadoramente o número de pessoas que que quase 50% dos americanos adultos a rmam ter tido alguma experiência estranha acreditam que tiveram contato com pessoas que já morreram e 23% deles acreditam em reencarnação. Entretanto, o que a palavra de Deus diz sobre esse assunto**?**[2] Há duas passagens bíblicas que mostram pessoas que já morreram aparecendo no mundo dos vivos.

A primeira é a de Samuel aparecendo a Saul e a segunda de Moisés e Elias aparecendo a Jesus no monte da Transguração.

No primeiro caso (1 Samuel 28:7-20), há uma séria controvérsia se realmente quem apareceu no episódio foi o espírito de Samuel ou um espírito maligno. Em resumo esta passagem nos informa que Saul, já nos últimos dias da sua vida, pede para uma feiticeira se comunicar com o falecido Samuel, pois estava carregado de medo e precisava de conselhos sobre a guerra. O verso 14 informa que “um ancião vestindo um manto” subiu e proferiu palavras sobre o futuro de Saul. Quem seria realmente esse ancião?

1.1. Argumentos desfavoráveis à aparição de Samuel.

Aqueles que acreditam que não foi Samuel quem apareceu naquela seção mediúnica, e sim, um espírito enganador, o fazem por quatro razões: (1) Se Deus não falou com Saul quando este o consultou pessoalmente (I Sm. 28.6), então, é difícil de aceitar que Deus falaria alguma coisa para ele por meio de uma feiticeira; (2) Deus não poderia permitir que seu servo Samuel aparecesse numa seção espírita, uma vez que ele mesmo já havia proibido tal prática (Dt 18.8-10); (3) A profecia dita pelo suposto Samuel não se cumpriu inteiramente (I Sm. 28.19), pois, Is-Bosete, um dos lhos de Saul, não foi morto (2 Sm. 2.10); 4) Quando Saul perguntou à Médium o que ela estava vendo e como era a aparência daquele ser, ela não armou que era Samuel, mas disse: vejo “deuses que sobem da terra” com aparência de “um ancião envolto numa capa” (1 Sm. 28:13,14).

1.2. Argumentos favoráveis à aparição de Samuel.

Aqueles que sustentam que de fato foi Samuel quem apareceu naquela seção mediúnica, o fazem pelos seguintes argumentos:

1) Alegam que o texto bíblico arma claramente que foi o próprio Samuel. O verso 12 diz: “Quando a mulher **viu Samuel**”; verso 15: **“Samuel** disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me subir?”; O verso 16: **“Disse Samuel:** “Por que você me chamou, já que o Senhor se afastou de você e se tornou seu inimigo? (1 Samuel 28:16). E, também, o verso 20, “na mesma hora Saul caiu estendido no chão, aterrorizado pelas palavras **de Samuel”.**

2) Quando um falso profeta ou um espírito maligno está atuando, a Bíblia revela a identidade dos mesmos (Juizes 9:23; 1 Reis 13:18; 22:22-23; 2 Crôn. 18:21-

22). No caso de Saul e a pitonisa de En-Dor a Bíblia não arma que apareceu um “espírito enganador” ou um “demônio mentiroso”. Pelo contrário, sempre chama aquele que apareceu de Samuel.

3) Armam que quem apareceu a Saul profetizou que Israel seria derrotado pelos listeus, e que Saul e seus lhos iriam morrer logo em seguida. Esta profecia acaba se realizando. Em 1 Samuel 31 lemos sobre a derrota de Israel pelos listeus e a morte de Saul e seus lhos. O ser que falou a Saul não disse que **TODOS** os seus lhos iriam morrer, ele apenas falou: “tu e teus lhos”. De fato, todos que estavam lutando com Saul morreram.

4) Por m, sustentam que Deus na sua soberania interferiu na sessão mediúnica, fato que, inclusive, surpreendeu a feiticeira (v.12).

1.3. Posição equilibrada sobre a aparição de Samuel.

A Palavra de Deus nos mostra que há muitas coisas que Deus faz cujo sentido ou explicação não nos é revelado e não cabe a nós saber (Dt. 29.29). Deus faz coisas que simplesmente não temos condições de compreender (Jó 5.9; Is. 5.8,9). No episódio de 1 Samuel 28, não é possível sustentar com absoluta certeza se era ou não Samuel. No entanto, independente, de ter sido ele ou não, o que realmente importa para nós cristãos é que a Palavra de Deus **condena claramente o que Saul fez**: “Assim **morreu Saul** por causa da sua transgressão cometida contra o Senhor, por causa da palavra do Senhor, a que ele não guardara; e **também porque interrogara e consultara uma necromante** .” (1 Cr 10:13).

O que deve car claro para nós é que a consulta aos mortos é uma abominação a Deus e foi proibida por ele. Por meio de Moisés, Deus disse ao seu povo: “**Não tolerem feiticeiros, nem quem faz despachos, nem os que invocam os espíritos dos mortos. O Deus Eterno detesta os que praticam essas coisas nojentas”** (Dt. 18:10-12). No livro de Levítico encontramos a mesma proibição: “**Não procurem a ajuda dos que invocam os espíritos dos mortos** e dos que adivinham o futuro. **Isso é pecado e fará com que vocês**

quem impuros.” (Lv. 19:31; 20:6,27).

Outra consideração importante, é que o Senhor não nos comunica nada por meio de médiuns ou espíritos e que a mediunidade não traz revelação divina (Is. 8.19,20). Além disso, a mediunidade é perigosa, pois quem busca contato com

os mortos, ca à mercê de demônios (At. 16:16-18). Finalmente, é preciso dizer que a mediunidade é inútil, pois Deus deve ser procurado somente por meio de Cristo e de sua palavra escrita (I Tm. 2.5). Para um cristão verdadeiro isso basta. Não precisamos saber se não pode porque não acontece, ou se não pode porque acontece; ou se não pode porque o que "acontece" é obra do diabo. Se Deus disse explicitamente, está dito; e devemos viver pela fé no bem de Deus para nós.

1.4 O caso de Moisés e Elias (Mt 17.1-9).

Para cumprir seu propósito, neste caso especíco (nota-se que esta foi uma exceção), Deus permitiu que os seus servos Moises e Elias aparecessem a Jesus e seus discípulos no monte da transguração. Todavia, essa passagem também não serve como base para sustentar a possibilidade de comunicação entre vivos e mortos. Primeiro, pelo fato de Jesus não ter consultado nenhuma feiticeira para falar com Elias e Moisés. Jesus é soberano e Senhor de vivos e mortos (Rm 14.9). No momento da transguração "Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz" (Mt. 17.2) o que prova que aquele foi um caso excepcional que evidenciava a divindade e glória de Cristo. Segundo, aquele evento da transguração foi uma iniciativa de Deus para conrmar o ministério de Jesus. Enquanto conversavam ouviu-se uma voz do céu dizendo: **"Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!"** (Mateus 17:5). Finalmente, a aparição de Moisés e Elias era uma representação da Lei e dos profetas dando testemunho do Filho de Deus. Assim, a Lei e os Profetas estavam fazendo sua síntese em Cristo. Mas se este foi um caso especico, isto é, se Deus permitiu seus servos Moisés e Elias aparecerem a Jesus, então, quem são os espíritos que se comunicam com os vivos?

2Quem são os espíritos que se comunicam com os vivos?

Como podemos explicar o depoimento de pessoas que tiveram algum tipo de experiência com alguém que já morreu? Não podemos ser insensíveis e colocar em dúvida a sinceridade dessas pessoas. Elas provavelmente tiveram algum tipo de experiência espiritual ou foram vítimas de algum fenômeno psicológico. Mas, de acordo com o ensino bíblico, quem procura contato com mortos, desobedece a Deus e abre o caminho para ser enganado por Satanás. Não restam dúvidas de que os demônios possam aparecer as pessoas na aparência de alguém que já morreu a m de enganar e destruir.

As passagens pontuadas sobre a possibilidade de mortos voltarem a esse mundo foram as únicas exceções descritas na Bíblia. Em regra geral estas supostas aparições não são os espíritos dos mortos, mas sim, espíritos malignos enganadores. A Bíblia ensina que o diabo é um impostor (Ap. 12:9) e pode muito bem se disfarçar e mentir,

cando parecido com um anjo de luz (2 Co 11:14; At 16.16-18. Jo 8.44). Outrossim, ainda que os mortos pudessem se comunicar, eles não teriam condições de ajudar as pessoas de forma alguma, pois, a Bíblia diz que eles desceram ao silêncio (Sl.115.17) e não sabem de nada do está acontecendo aqui na terra: "...os vivos sabem que morrerão, mas os mortos nada sabem; para eles não haverá mais recompensa, e já não se tem lembrança deles. Para eles o amor, o ódio e a inveja há muito desapareceram; nunca mais terão parte em nada do que acontece debaixo do sol."nada do que acontece debaixo do sol." 6, 10).

3Após a morte, qual é o estado da alma do crente?

O simples fato de pensar na morte já é assustador. Muitas pessoas vivem angustiadas por não saberem o que é a morte, o que acontece depois dela, para onde a pessoa vai depois da sua partida ou até mesmo se há vida após a morte. Todavia, os cristãos não precisam temer. A morte não é o m da vida, mas o descanso do corpo (Ec. 3.7). Para quem está em Cristo, a morte é apenas o início de uma experiência mais gloriosa e sublime com Deus. Conforme expressou Jó: "Contudo, eu sei que meu redentor vive, e que no m se levantará para me defender e resgatar ainda que eu esteja no pó do meu túmulo" (Jó 19.25).

Entre os evangélicos há dois pontos de vistas diferentes sobre o estado da alma após a morte. Alguns, acreditam que logo após a morte, a sua alma entra no Paraíso ou "Seio de Abraão", onde, num estado de sono, aguarda a volta de Cristo, quando, então, o seu corpo será ressuscitado (Lc 16.19-31). Outros, crêem que após a morte, a sua alma entra imediatamente na presença de Cristo, onde permanece consciente, e com Ele, retornará no grande dia da sua vinda, quando, então, receberá um corpo transformado. Aqueles que defendem essa corrente, se baseiam principalmente nos textos do apóstolo Paulo: "estamos em plena conança e desejamos antes deixar este corpo, para **habitar** com o Senhor" (2Co 5.8); "desejo partir e **estar** com Cristo" (Fp 1.23); E, também, na passagem onde Jesus diz ao ladrão arrependido: "**Hoje estarás comigo** no paraíso" (Lc 23.43).

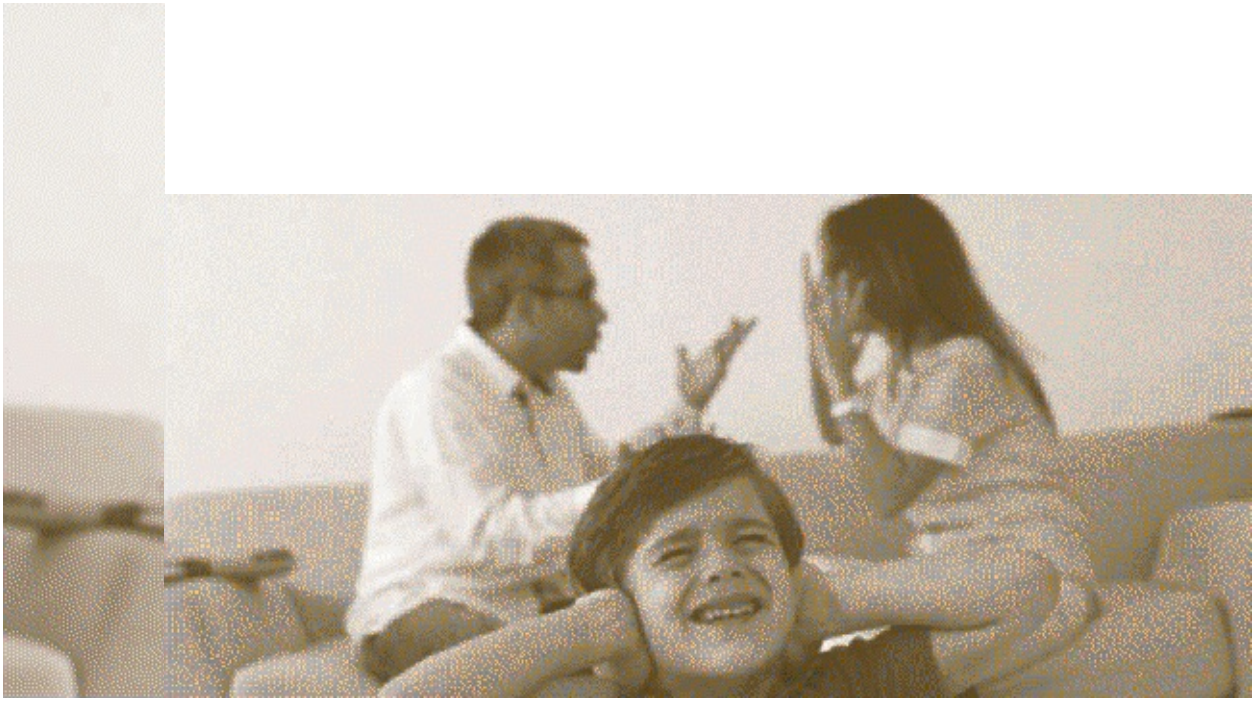
Em m, o mais importante sobre o estado da alma do crente após a morte, não é especular se a alma vai para o Seio de Abraão ou para a presença de Cristo, se estará consciente ou em descanso inconsciente. O mais importante é que estaremos seguros em Cristo e gozaremos de plena comunhão com Ele na eternidade. Independente do seu ponto de vista, uma coisa é certa: nem a morte nem a vida ou qualquer outra coisa poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus (Rm 8.38).

Conclusão

Concluímos, portanto, que a Bíblia condena qualquer contato com os mortos, bem como, qualquer aparição, visão, voz ou comunicação que pareça vir do mundo dos mortos. Deus já determinou que fala conosco somente através da Sua poderosa Palavra. Aprendemos também que não são os espíritos dos mortos que procuram contato conosco, e sim, os vivos que insistem em violar o mandamento de Deus na tentativa de comunicar-se com quem já morreu. Assim, qualquer experiência sobrenatural com mortos provavelmente será fruto da imaginação ou um truque de Satanás para nos enganar. E, por último, compreendemos que a morte não é o m, é apenas o começo, é uma transição desse mundo para os braços do nosso glorioso Salvador Jesus Cristo.

1 Disponível para consulta em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Necromancia#cite_note-1
2 Disponível para consulta em: http://www.teologiaevida.com.br/2011/02/podem-os-mortos-retornar-este-mund

Lição 08



Como lidar com o divórcio na Igreja?



Por Fábio Lucas

Leitura Bíblica: Mateus 19.1-9

Vivemos a era dos casamentos descartáveis. Diariamente, a tragédia do divórcio tem esfacelado centenas de famílias deixando um rastro destrutivo de orfandade, mágoas, ódio, violência familiar e até de morte. É triste ver tantos casais, inclusive cristãos, quebrarem seus votos matrimoniais por questões tão banais. Ainda pior é assistir tantos cônjuges com sonhos sepultados e marcados pelas feridas da indelidade, afundarem em relacionamentos carnais e pecaminosos, num abismo sem m.

É inegável que a experiência traumática do divórcio está cada vez mais presente dentro da igreja. Sejam membros, obreiros e até pastores, ninguém está imune. Além disso, cresce o número de famílias cristãs recasadas nas quais maridos e mulheres são obrigados a educarem os lhos de seus cônjuges, o que, na maioria das vezes, se torna uma fonte de conitos intermináveis.

Essas situações geram diversas polêmicas no seio da igreja. Por falta de conhecimento bíblico, muitas pessoas são vítimas de preconceitos e rejeições e

acabam se afastando da casa do Senhor, afundando sua família, ainda mais, em pecados mais graves.

Mas existe uma Palavra de Esperança para as vítimas do divórcio ou de um casamento traumático. Esse alento começa pelo conhecimento da Verdade. Somente ela pode libertar do jugo, do legalismo e da opressão (Jo 8:32). Esse é o propósito dessa lição.

É preciso saber diferenciar corretamente o repúdio do divórcio. São duas situações totalmente distintas que muita gente se confunde. E mais: Será que aquele que se divorcia por qualquer motivo comete pecado? Em quais situações práticas realmente Jesus autorizou o divórcio? Aquele que cometeu adultério tem o direito casar-se novamente? Está correta a regra de algumas igrejas ao impedir pastores divorciados de atuarem em funções de liderança eclesiástica? E, por m, quais as consequências espirituais que perseguem a família divorciada?

Tais questões serão diretamente tratadas e respondidas na presente lição de forma clara, rme e bíblica. O propósito aqui não é gerar polêmicas, nem condenar ou discriminar ninguém. Pelo contrário, a intenção deste estudo é oferecer instrução bíblica, e, acima de tudo, uma palavra de refrigério em sintonia com o Evangelho da Graça, para libertação e alívio daqueles que vivem soterrados pelos efeitos desastrosos do divórcio.

1JESUS CONDENOU O REPÚDIO OU O DIVÓRCIO?

Antes de responder a pergunta acima, precisamos voltar para Mateus 19.3: “Então chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o, e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?”

Essa era uma pergunta extremamente maliciosa e foi feita pelos fariseus, inimigos de Jesus. Naquela época, havia uma guerra ideológica entre duas escolas rabínicas concernente a interpretações da lei de Moisés sobre o divórcio escrita em Deuteronômio 24:1-4. A lei dizia: “Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, se ela não achar graça aos seus olhos, **por haver ele encontrado nela coisa vergonhosa,** far-lhe-á uma carta de divórcio e lha dará na mão, e a despedirá de sua casa”. A questão é: o que Moisés quis dizer com “coisa vergonhosa” ou “coisa indecente”?

A primeira escola, do rabino Hilleu era extremamente liberal e machista, pois entendia que Moisés, nesse texto, autorizou o marido a divorciar-se de sua

esposa por qualquer motivo, como por exemplo, bastava que não gostasse de sua comida, de seu hálito ou de sua família. Com isso, as mulheres eram facilmente abandonadas. A segunda escola, do rabino Shammai, seguia uma linha mais conservadora, afirmando que Moisés liberou o divórcio apenas no caso de pecado sexual. Então, os fariseus, jogaram esses dois posicionamentos opostos nas mãos de Jesus. Qualquer lado que o Mestre escolhesse tomar partido seria motivo de ofensa para alguém.

1.1 O homem não pode separar o que Deus uniu

Com sabedoria e amor, Jesus levouos de volta às Escrituras (Mt 19:4-6) ensinando que, para Deus, o casamento é heterossexual, monogâmico e indissolúvel. Jesus foi categórico ao dizer que nenhum homem (advogado, juiz, pastor ou sacerdote) tem autoridade para legislar sobre a separação daquilo que Deus uniu. Portanto, o casamento é uma instituição divina e universal, e somente Deus pode dizer quando um casamento tem autorização legal para terminar. Como veremos logo mais, com essa declaração Jesus pôs fim às diversas leis preconceituosas criadas pelos judeus ao longo do tempo com o propósito de legitimar o repúdio.

1.2 A dureza de coração legitima o divórcio, mas nunca o repúdio Após as palavras de Jesus, os fariseus voltaram a retrucá-lo: “Então por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la? (Mateus 19:7). Ao que Jesus respondeu: “Pela dureza do vosso coração, mas não foi assim desde o princípio”. (Mt 19:8).

O grande problema em questão nessa passagem e que poucos conhecem, é que desde os tempos antigos, havia uma cultura machista em Israel que desprezava a mulher, tratando-a como simples objeto de propriedade do homem. As mulheres eram meramente repudiadas por seus maridos que se casavam com outras, sem dar a elas a devida carta de divórcio. Nessa condição a mulher se tornava escrava de seu marido infiel sendo forçada a mendigar amor e respeito, vivendo em completo isolamento.

Era um tempo cruel para as mulheres, pois elas não podiam casar-se novamente, uma vez que foram apenas repudiadas, mas permaneciam ligadas ao antigo marido. Caso se envolvessem em qualquer relacionamento, cometeriam adultério. A pena, para esse crime, era morte por apedrejamento. Assim, ficavam abandonadas à própria sorte sem amparo afetivo e material. Essa situação

lamentável era fruto da **“dureza de coração”** que Jesus censurou. Esse era o pecado de repúdio que Deus abominava (Ml 2:16) e não especificamente o divórcio. Assim, o divórcio legal foi estabelecido por Moisés para liberar o cônjuge para um novo casamento, apenas quando existisse uma razão de imoralidade, e não por qualquer motivo. Era uma questão de humanidade, igualdade, justiça e até de previdência social.

As palavras originais para repúdio e divórcio esclarecem melhor essa questão. No Velho Testamento o termo para divórcio é keriythuwth, e significa literalmente “incisão”, “corte do vínculo matrimonial” e é encontrado em Deuteronômio 24:1, Isaías 50:1 e Jeremias 3:8. No Novo Testamento a palavra grega para divórcio era apostasion, termo técnico para a escritura de divórcio. Ambas as palavras eram usadas para referirse ao documento legal que encerrava o contrato de casamento[1].

Por outro lado, o termo para repúdio no hebraico era shalach[2] que significa “mandar embora” e era usado para referirse às injustiças e aos terrores cometidos contra as mulheres, podendo ser encontrado por exemplo em Deuteronômio 21:14 e Malaquias 2:16. Era usado para definir o estado de separação sem o divórcio.

No Novo Testamento, o termo grego para repúdio era apoluo significa: “deixar de lado”. Numa época de total domínio masculino, os homens geralmente tomavam várias esposas mas não davam carta de divórcio para aquelas que repudiavam e casavam-se com outras. A lei judaica que ordenava carta de divórcio, nesses casos (Dt. 24:1,2), era totalmente ignorada e ninguém ousava se opor. Mas Jesus foi incisivo: “Todo aquele que repudia a sua mulher e se casa com outra, adultera; e aquele que se casa com a mulher repudiada, adultera” (Lc. 16:18). Era uma questão lógica. Os judeus se casavam com outras mulheres sem divorciar-se da primeira. Eles apenas as repudiavam, ou seja, abandonavam. Nessa condição Jesus foi claro ao mostrar que o novo casamento configurava flagrante adultério, posto que ainda existia um casamento em vigor.

Assim, a diferença entre “repudiar” e “divorciar”, entre o grego apoluo e apostasion, é séria. Apoluo indicava que a mulher era escrava, repudiada, sem direitos, sem recursos, desprovida do direito básico do matrimônio monogâmico. Apostasion significava que o casamento havia terminado, o que permitia um matrimônio legal subseqüente.

legal subseqüente.

12, Lucas 16:18, Mateus 5:32 como em Mateus 19:9, Jesus não está condenando o divórcio, mas o repúdio. Jesus citou 11 vezes a palavra apoluo – repúdio, reprovando veementemente essa conduta discriminatória, humilhante e vexatória. 2

JESUS CONDENOU O REPÚDIO OU O DIVÓRCIO?

Agora, já que Jesus condenou o repúdio, mas autorizou o divórcio, será que ele está permitido para qualquer situação? Será que uma forte incompatibilidade de gênios, ou o término do amor, ou quem sabe as infindáveis brigas e até o argumento de que o casal era imaturo quando se casou, servem para justificar o divórcio?

Atualmente, a lei brasileira nº 11.441/2007, autoriza o divórcio consensual, independente do motivo. Basta que o casal procure um cartório, acompanhado de um advogado, que em 10 minutos conseguem dar fim ao inviolável casamento testemunhado por Deus. Agora, embora as leis humanas sejam permissivas, a Lei de Deus continua em vigor, proibindo a vulnerabilidade do compromisso matrimonial. Portanto, o divórcio por qualquer razão que não sejam as situações bíblicas elencadas abaixo, continuará sendo pecado, punido pelos preceitos do Senhor.

2.1 Relações sexuais ilícitas

A primeira exceção que autoriza o divórcio é a prática, **sem arrependimento,** de relações sexuais ilícitas. Voltemos ao texto de Mateus 19:9: “Eu vos digo porém, que qualquer que repudiar sua mulher, **a não ser por causa de relações sexuais ilícitas**, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério”.

Nesse texto, Jesus interpreta e esclarece de uma vez por todas o princípio da Lei de Moisés que autorizava o divórcio em caso de ser encontrada “coisa indecente ou vergonhosa”, seja no homem ou na mulher. Tanto em Mt 5:32 como em 19:9 Ele usa a palavra grega porneia que, inclusive, dá origem à palavra pornografia em nosso idioma. O termo aponta para relações sexuais ilícitas no contexto da infidelidade.

É importante destacar que a palavra “porneia” usada por Jesus como autorização para o divórcio é mais abrangente que a palavra grega “moiqueia” usada para

adultério. Portanto, Jesus se refere a todo tipo de orgia e imoralidade sexual, remetendo para os pecados sexuais descritos em Levítico 18:6-23 que envolvem incesto (sexo com familiares), bestialidade (sexo com animais) e homossexualismo.

É inegável que a traição sexual é um caminho de morte física, moral, sentimental e espiritual. É a sepultura para um relacionamento que já está destruído. É a manifestação externa de um grave câncer interno. O adultério é uma sentença de morte, pois considera como morto alguém que ainda vive. Portanto, atrai vingança, planta rejeição, ódio e perseguições por espíritos de imoralidade. Além disso, ao cônjuge traído resta a amarga insegurança de que tudo pode voltar a acontecer e a dolorosa e constante lembrança de seu parceiro nos braços de outra pessoa. É por essas e outras implicações seríssimas que Jesus autorizou o divórcio.

Todavia, deve ser dito que Jesus não mandou divorciar, mas apenas autorizou. O caminho sobremodo excelente é a restauração, ainda que haja traição. O Espírito Santo pode curar o coração partido. Não há ferida para a qual a cruz de Cristo não seja o bálsamo perfeito. O arrependimento genuíno e a confissão são instrumentos poderosos para restituição do amor e do perdão conjugal e devem ser manifestados sob orientação pastoral.

2.2 Violência doméstica

A vida é o bem mais precioso e está acima de qualquer instituição seja ela casamento, igreja, leis ou governos. Uma situação irreversível de violência doméstica, ameaças e agressões inegavelmente legitima o divórcio. Ninguém é obrigado a correr risco de vida para manter-se obediente ao princípio da indissociabilidade do matrimônio. O casamento é um lugar de liberdade, amor e paz. Não pode ser uma masmorra de violência, pavor e tortura. Assim como o sábado, o casamento foi feito para o homem e não o homem para o casamento. O casamento não está acima da vida. Não combina com o caráter da Lei de Deus (Êx 20:13) e do Evangelho (Mc 13:30), exigir de qualquer pessoa compromisso com o contrato matrimonial quando já se perdeu o compromisso com o amor e com a vida.

Porém, há casos de agressões físicas que não representam ameaça à vida, mas mero descontrole emocional ou reação explosiva de provocações. Pessoas agitadas, sanguíneas e temperamentais podem perder o equilíbrio e partir para as

vias de fato. É impossível estabelecer uma doutrina geral para definir os casos de violência nos quais cabem ou não divórcio, pois cada caso tem suas peculiaridades. O caminho bíblico é o aconselhamento pastoral, perdão e discipulado. O divórcio sempre deve ser a última opção, posto que se trata de medida grave e traumática.

2.3 Abandono do lar

A última situação que biblicamente autoriza o divórcio é o abandono do lar. Em 1 Coríntios 7:12-14, 16, Paulo diz que, se o cônjuge descrente abandona o lar, o crente pode deixá-lo ir embora e não estará mais debaixo do jugo do casamento, ou seja, “não está sujeito à servidão”. Portanto, estaria livre para recasar. Todavia, Paulo deixa claro que o divórcio nesse caso se dá por iniciativa do cônjuge que não teme a Deus. O cristão jamais deve propor o divórcio por causa da incredulidade do seu par, pelo contrário, deve lutar para ganhar o cônjuge descrente por meio da influência santificadora do Espírito Santo que nele habita a fim de trazer luz para seu lar.

3O CÔNJUGE ADÚLTERO TEM O DIREITO DE CASAR-SE NOVAMENTE?

Esse é o ponto mais controvertido de todos os tratados na questão do divórcio. A polêmica parte da interpretação das palavras de Jesus: “E o que casar com a repudiada também comete adultério”. (Mateus 19:9). **Será que Jesus está condenando o cônjuge infiel e divorciado a viver o resto de sua vida sozinho?** Infelizmente, por não saber diferenciar divórcio de repúdio, muitos irmãos acabam concluindo que Jesus deixou aqui uma sentença de castidade para o cônjuge caído. Esse entendimento não combina com o caráter restaurador e gracioso do Evangelho.

O que Jesus está dizendo claramente nesse texto é que uma pessoa que se une a outra em estado de repúdio (separação sem divórcio), comete adultério. Como visto anteriormente, o repúdio era uma prática discriminatória, fruto da dureza do coração e do machismo cultural. Uma mulher repudiada continuava casada, posto que somente a carta de divórcio podia dar fim ao contrato de casamento. Porém, tinha se tornado comum, mulheres repudiadas uniremse em um novo relacionamento, mesmo estando ligada ao antigo marido. Foi por esta razão que Jesus foi incisivo ao dizer que o que casar com a repudiada comete adultério.

Assim, o padrão da graça é o arrependimento genuíno e a confissão. As palavras: “Vá e não peques mais” (João 8:11) ainda ressoam com viva esperança para aqueles que um dia caíram no engano do adultério e hoje amargam terrível solidão. Embora ninguém possa voltar atrás e escrever um novo começo, livre das tramas vergonhosas da infidelidade, qualquer pessoa pode recomeçar a escrever um novo fim (Mt 4.17; 1 Jo 2.1, 2). O adultério não é um pecado imperdoável. Jesus não condenou ninguém a viver sozinho acorrentado às consequências dos erros passados. Portanto, a igreja não pode rejeitar aqueles que um dia foram adúlteros, divorciaram e casaram novamente. Toda pessoa que fizer de Cristo Senhor de sua vida encontrará cura para os ressentimentos, amarguras, medos, culpas e libertação de todo jugo de imoralidade. Assim, a opinião original de Deus continua válida: “não é bom que o homem esteja só”.

4UM PASTOR DIVORCIADO PODE ASSUMIR LIDERANÇA NA IGREJA?

Outro equívoco grave de muitos líderes é não admitir que assumam liderança na igreja qualquer pessoa que um dia foi divorciada. Os textos usados como base é o de 1 Timóteo 3:2,4 no qual Paulo ordena: “Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher” e o de I Pedro 5:3 que determina ao pastor ser exemplo para o rebanho. Assim, se ele não pode ser modelo de um piedoso casamento, estaria desqualicado para a liderança, embora esteja salvo e perdoado por Deus. Aqueles que assim se posicionam consideram o divórcio uma reprovação imperdoável para o exercício pastoral.

Essa postura, embora extremamente zelosa, torna o ministério pastoral mais santo que o próprio Deus. Ela supõe que Deus aceitaria o divorciado, mas em seguida rejeitaria o seu ministério pastoral. Vida e obras estão intimamente ligadas, tal como a árvore e seus frutos. O que se torna inadmissível, à luz do contexto, dos textos de Paulo e Pedro, é que pastores tenham muitas esposas, escravas e concubinas ou vivam de casamento em casamentos.

Infelizmente, há uma vergonhosa banalização do casamento. Entre pastores, tem crescido o número de divórcios por razões não autorizadas por Deus, em sua Palavra. Nesse caso, tais pastores estão reprovados pelo exemplo repreensível e vexatório. Devem confessar o pecado de divórcio, arrepender-se e rmar no último relacionamento até que a morte os separe.

É dever da igreja lutar pela estabilidade da família e por casamentos saudáveis que não sejam usinas de aições, opressão e doenças, mas reprovar um ministro

por um dia ter sofrido a tragédia do divórcio é militar contra a graça acolhedora do Evangelho. Se um ministro divorciado não pode exercer o pastorado por mau testemunho, talvez Davi não poderia ser um homem segundo o coração de Deus pela conduta vergonhosa que viveu. Ora, a Bíblia é um livro de catástrofes familiares, mas em meio a todos cenários de destruição familiar o Senhor jamais recusou usar alguém por seu fracasso como pai ou marido. Se fosse assim, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Eli, Samuel, Ezequias e tantos outros homens que foram poderosamente usados por Deus, mesmo sofrendo em crises de relacionamentos conjugais e tendo lhos complicados, não poderiam trabalhar para Deus.

Paulo não está dizendo que o ministro deve ser feliz ou unicamente casado. Ele diz que o bispo deve amar sua mulher, não praticar repúdio, ter vida íntegra e coerente. Sua vida deve ser avalista de suas palavras. O que dá autoridade a um ministério é a Palavra da Verdade, e a vida em Graça e Amor.

Portanto, nenhum pastor que sofreu a tragédia do divórcio deve viver sequestrado pelo passado, tendo sua atuação ministerial limitada pelas sombras do legalismo. Agir assim é tornar vão o Evangelho da Cruz e voltar para o domínio opressor da lei. Não há dúvidas, que a cruz também toca no drama da infelicidade conjugal, fazendo novas todas as coisas. A pergunta que Jesus fez a um homem que foi restaurado por um terrível erro é a mesma para todos que erraram gravemente: “Tu me amas?” Então, “Pastoreia as minhas ovelhas” (Jo. 21.17).

5QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS ESPIRITUAIS NA FAMÍLIA DIVORCIADA?

A experiência pastoral tem comprovado que o divórcio, em vários casos, é uma tragédia que toca gerações sucessivamente. Avós divorciados, tendem a ter lhos e netos também divorciados. Embora não seja possível fazer dessa verdade uma doutrina, o que se assiste, em inúmeras situações, é que duas consequências comuns se repetem consideravelmente: morte e adultérios.

O casamento é uma aliança “até que a morte os separe”. Assim, se o divórcio opera o que apenas a morte poderia realizar, que é o m do matrimônio, espiritualmente essa conduta atrai e legaliza o espírito de morte para o contexto da família. Basta olhar para Davi perdendo três lhos prematuramente: o lho do adultério com Bate Seba (2 Sm 12:10,18), o lho Amnon (2 Sm 13:23-36) e o lho Absalão (2 Sm 18:9-33).

Além disso, o adultério autoriza perseguições espirituais nas gerações posteriores. O maior exemplo vem de Salomão que repetiu o pecado do Pai e da mãe, Bate Seba, tendo cerca de mil mulheres. O que se vê, notadamente, é que pecados sexuais são repetidos não apenas por herança espiritual, mas, sobretudo, por comportamento assistido.

Desse modo, a família cristã que passou pela tragédia do divórcio deve ter consciência e discernimento da batalha espiritual a qual está exposta. Satanás continuará batendo na porta dos lhos e netos para que repliquem o comportamento dos pais. Não é uma questão de maldição hereditária, mas de perseguição espiritual.

É preciso vigilância e intercessão constante para que, pelo sangue de Jesus Cristo e pelo poder da Cruz, sejam cancelados todos os escritos de dívidas e todas as maldições legalizadas pelas raízes de iniquidades. Se não houver constante arrependimento e conssão, esses pecados, cedo ou tarde, voltarão para atormentar a família. Mas “para isso se manifestou o lho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1 João 3:8).

Conclusão

Sem dúvidas o caminho da felicidade conjugal é pautado pelo respeito, amor e delidade. O perdão e a reconciliação fazem mais pelo cônjuge do que o divórcio jamais faria. Porém, não se pode ignorar as pessoas que experimentam essa triste experiência e precisam do amor incondicional de Deus representado nos braços acolhedores da Igreja.

Diante da séria diferença entre divórcio e repúdio, conclui-se que o repúdio continua REPROVADO por Deus, pois consiste em abandono material do cônjuge por qualquer motivo. O casamento é uma aliança testemunhada por Deus e somente a morte pode dissolvê-lo, todavia, casos irreversíveis de relações sexuais ilícitas, de violência doméstica ou de abandono familiar, se não for possível nenhum outro caminho, podem ser administrados pelo divórcio, desde que respeitados os direitos e a assistência material daquele que tem o dever de prestá-las. Referente ao cônjuge adúltero, Jesus não deixou proibição para que não se casasse novamente, desde que seja divorciado e não apenas repudiado (separado). Quanto aos pastores divorciados não há impedimento para que atuem no ministério desde que sejam íntegros, leais e exemplos aos eis. Sobre às consequências espirituais é preciso intercessão e vigilância para resistir ao diabo até que ele fuja.

Finalmente, sabemos que a misericórdia e a graça de Deus jamais será diminuída pelos dogmas tradicionais de muitos líderes religiosos. Sempre haverá perdão divino e um projeto para aqueles que um dia saíram do plano original de Deus.

Lição 09



Como vencer a depressão?

Por Fábio Lucas

Leitura Bíblica: Salmo 42.5

A depressão é uma doença extremamente comum e que, na maioria dos casos, não se resolve rapidamente. Ela atinge todas as faixas etárias, todas as classes sociais e todos os segmentos religiosos. É caracterizada por uma alteração de humor que sobrecarrega a pessoa com uma tristeza prolongada, suga as energias, provoca desânimo, baixa autoestima e desencadeia diversos outros problemas e doenças devastadoras na vida humana[1]. Ela representa um cárcere para a alma e uma prisão para os sonhos e esperanças. Apresenta vários níveis e tipos distintos de transtornos e se não for tratada corretamente pode desembocar em tragédias irremediáveis.

A cada dia aumenta o número de pessoas, com as quais convivemos, que estão profundamente desanimadas, deprimidas, sem esperança com a família, com a pro ssão, com a vida e com o ministério. Um quadro de desânimo, decepção e tristeza pode evoluir para a depressão. Por isso, é preciso ensinar a igreja como enfrentar esse sério problema numa perspectiva terapêutica e espiritual.

Para isso, a presente lição buscará instruir como identicar os principais sintomas desse mal e em seguida como mapear as causas que originaram esses sintomas. Com discernimento espiritual e ajuda pro ssional é possível ascender uma luz de esperança para aqueles que vivem soterrados nos escombros da depressão. O Evangelho de Jesus oferece vestes de louvor no lugar de espírito deprimido, óleo de alegria em vez de tristeza, glória em vez de cinza, dupla honra em lugar de vergonha e regozijo ao invés de humilhação (Isaías 61:1-3).

1COMO IDENTIFICAR OS SINTOMAS DA DEPRESSÃO?

A depressão é uma doença ainda cercada de tabus e mistérios. Há aqueles que atribuem toda doença da mente aos demônios e julgam que a depressão é consequência direta de algum pecado não confessado. Diante disso, habitualmente, encontrarmos pessoas deprimidas que não aceitam o seu diagnóstico ou familiares e amigos que tratam o paciente deprimido como sendo uma pessoa mentalmente fraca, sem fibra e incapaz de superar as dificuldades da

vida.

No tópico 2 trataremos especificamente das causas da depressão. Mas, a princípio, é importante conhecer os principais sintomas que sinalizam um quadro inicial ou agravado de depressão. É fundamental esclarecer que o diagnóstico final somente pode ser feito por profissional competente, normalmente um psicólogo ou médico psiquiatra que o emite a partir de uma análise dos sintomas, de sua duração e dos efeitos gerais que eles provocam na vida do paciente. Portanto, uma vez identificados esses sintomas imediatamente o profissional de saúde deverá ser consultado.

O primeiro e principal deles é a tristeza prolongada. É verdade que a tristeza é uma reação normal diante de dolorosas perdas na vida, seja de um relacionamento, um emprego ou até de um ente querido. A tristeza como sinal de depressão é um sentimento contínuo normalmente atrelado a culpa e desconhecimento das razões que geram aqueles sentimentos. A psicologia ensina que a tristeza sempre tem uma causa, a depressão não, sendo que ela incomoda na maior parte do dia, mas com mais intensidade no período da manhã.

O transtorno depressivo pode ser mais sutil, manifestando-se na perda do interesse de atividades do dia a dia que antes eram prazerosas, na ausência de planos para o amanhã, nas alterações do sono – insônia ou sono excessivo -, isolamento social, choro, baixa autoestima, alterações significativas do apetite ou do peso, agitação ou letargia, fadiga, sentimentos de inutilidade e culpa, incapacidade de concentração, indecisão e até pensamentos repetitivos sobre morte ou suicídio.

Se mais de cinco dos vários sintomas acima listados acontecerem ao mesmo tempo, por várias semanas sem interrupção, o quadro de depressão certamente estará configurado e a pessoa deverá ser imediatamente submetida a atendimento médico.

2COMO MAPEAR AS CAUSAS DA DEPRESSÃO?

Uma vez congurado o quadro de depressão é importante conhecer as diversas causas que podem desencadear esse transtorno.

Primeiramente, é importante notar que no meio evangélico há dois extremos perigosos sobre o assunto: o primeiro associa a depressão à ação de demônios, sustentando que toda pessoa deprimida está oprimida ou possuída por uma

entidade maligna. Os defensores dessa posição sempre vinculam a doença a algum pecado especíco ainda não confessado. O segundo extremo é naturalizar completamente as questões espirituais e ignorar as raízes do problema, as heranças espirituais e comportamentais e os traumas vividos, sob argumento de que a depressão jamais tem inuência do mundo espiritual.

É preciso equilíbrio e discernimento espiritual para não emitir um parecer deciente ou injusto. É verdade que uma pessoa pode car deprimida em virtude de seu envolvimento com demônios e também como resultado de algum pecado escondido como também é perfeitamente possível que uma pessoa que leva uma vida cheia do Espírito Santo padeça desse mal. Assim como um crente verdadeiro pode ser cheio do Espírito e ter um problema cardíaco, também uma pessoa pode estar plena da presença de Deus e enfrentar o drama da depressão. Seria desastroso espiritualizar um problema físico, como também tratar com remédio um problema de origem espiritual. A grande chave do tratamento está vinculada a um diagnóstico correto e completo.

Rearmamos que a depressão pode estar ligada a envolvimento com ocultismo e com pecados inconfessos. Mas, nem toda pessoa que passa por uma depressão está, necessariamente, vivendo na prática de pecado.

Se há vários sintomas que revelam a depressão há também várias raízes que a provoca. Não se pode dizer que existe uma única causa para a depressão. A doença parece ser provocada pela interação de diversos fatores, sejam eles físicos, psicológicos ou espirituais[2].

2.1 Causas físicas e genéticas da depressão

A depressão não surge apenas por problemas emocionais ou psicológicos. Já foram cienticamente comprovados vários fatores de risco e causas orgânicas para o esse transtorno, vejamos resumidamente:

a) Genética: existe uma vulnerabilidade à depressão que pode ser herdada geneticamente, todavia, ela sozinha não é suciente para desencadear a doença;

b) Desequilíbrio bioquímico do sistema nervoso: o cérebro humano é uma estrutura altamente complexa, cujo funcionamento depende de centenas de mediadores químicos. A ciência aponta que boa parte das doenças psiquiátricas estão relacionadas a pelo menos 5 neurotransmissores: noradrenalina, serotonina,

dopamina, ácido gama aminobutírico (GABA) e acetilcolina. A abundância ou a falta de alguns desses neurotransmissores em certas partes do cérebro podem desencadear graves distúrbios psiquiátricos e neurológicos e diversas doenças como Parkinson e Alzheimer. A depressão tem origem do distúrbio na produção desses neurotransmissores, especialmente, a serotonina que se apresenta em níveis mais reduzidos em pacientes com depressão;

c) Uso de drogas ou álcool: drogas e álcool exercem seus efeitos através do aumento da liberação de dopamina no cérebro, o que provoca euforia e uma sensação agradável. O uso excessivo dessas substâncias dessensibiliza o sistema da dopamina e gera dependência. Por isso, pessoas viciadas precisam cada vez de mais drogas ou álcool para atingirem o mesmo grau de satisfação, podendo car deprimidas quando estão fora do efeito destas substâncias, de modo que os níveis normais passam a ser insucientes para controlar o humor do indivíduo;

d) Doenças cerebrais: é cada vez mais aceita a relação entre o acidente vascular cerebral (AVC) e o surgimento da depressão. Além do AVC, várias outras doenças neurológicas aumentam o risco de depressão, entre elas, Parkinson, Alzheimer e esclerose múltipla;

e) Doenças crônicas: pacientes portadores de doenças crônicas também estão mais vulneráveis ao aparecimento do transtorno depressivo. As mais comuns são: diabetes, doenças cardíacas, hipotireoidismo, AIDS, cirrose, doença inamatória intestinal, lúpus, artrite reumatoide, bromialgia, entre outras.

2.2 Causas psicológicas da depressão

O aparecimento da depressão também está ligado às seguintes causas emocionais:
a) traumas na infância. Abusos, falecimento de um ente próximo, agressões, bullying, ausência ou falta de afetividade por parte dos pais, rejeição pela família, podem produzir feridas emocionais traumáticas tanto em crianças, quanto em adolescentes ou adultos;
b) estresses emocionais. Perdas de pessoas amadas, doenças crônicas, sequelas físicas, isolamento social, excesso de críticas, cobrança interminável por parte da família, crises econômicas persistentes e até proximidade com pessoas deprimidas são fatores de alta inuência para a manifestação do transtorno depressivo;
c) depressão pós-parto. A melancolia após a gestação pode desencadear mal

humor, irritação, insônia, diculdades de concentração, crises de choro e até depressão. Cerca de 10% das mães sofrem de depressão pós-parto. Mulheres que desenvolvem o transtorno apresentam-se incapazes de cuidar do bebê, com grave sentimento de culpa e a sensação de não ter laços afetivos com o novo lho, correndo riscos de machucar a si e ao bebê.

2.3 Causas espirituais da depressão

Enquanto a psiquiatria tenta resolver a depressão no campo químico e a psicologia inclui a alma, a parte espiritual não pode ser ignorada. O ser humano precisa ser tratado (santicado) nestas três dimensões como o apóstolo Paulo enfatiza: “E o próprio Deus de paz vos santi que completamente; e o vosso **espírito**, **alma** e **corpo** sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Ts 5:23).

O corpo e a alma representam o campo onde os sintomas da depressão se manifestam, porém, as raízes mais profundas podem estar localizadas no mundo espiritual. Ignorar o reino espiritual e a maneira como a pessoa vem se relacionando com ele torna a situação agravante e insolúvel, pois medicamentos não resolvem questões espirituais.

Vejamos as principais raízes espirituais da depressão:
a) Ansiedade e ociosidade: o excesso de descanso é a preguiça, enquanto sua falta é o stress e a ansiedade. Tanto a preguiça quanto o stress são elementos altamente malécos para a funcionalização humana. A Bíblia adverte que a preguiça faz com que sejamos surpreendidos pela miséria. A falta de iniciativa além de inibir as oportunidades na vida, faz adoecer a alma. É no campo da ociosidade que Satanás semeia seus mais terríveis desígnios encarcerando a personalidade. A ociosidade, a indiferença, a falta de iniciativa, o comodismo, a apatia são sintomas da morte das emoções. Indica que estamos perdendo nossa sensibilidade em relação à vida, às pessoas, aos relacionamentos. Algo está realmente se apagando dentro de nós[3];
b) Falta de perdão e apostasia: o perdão não é um sentimento, é uma escolha. É uma obediência a uma lei inegociável (Mt 6:12). Ninguém começa o dia com vontade de perdoar um ofensor que abusou, humilhou, traiu, envergonhou, etc. Para perdoar é necessário morrer para nossas razões e ressentimentos. É só da cruz que podemos dizer: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem”.
A falta de perdão produz uma ferida que à medida que é alimentada produz o veneno infeccioso da amargura. Não perdoar é tomar o veneno e esperar que o

ofensor morra. A inimizade e o ressentimento são ligações iníquas entre almas. Ficamos algemados às pessoas que odiamos. Os instintos de inveja, competição, raiva e ódio tornam o ofensor cada vez mais presente na vida de quem não perdoa roubando-lhe a paz e a liberdade.

A consequência é não sermos perdoados formando um grave quadro de apostasia. (Mt 6:14,15). Negar perdão é um caminho de condenação eterna. Se não podemos conviver com uma pessoa na terra, não conviveremos com ela no céu. A principal razão pela qual tantas pessoas se afastam de Deus e da igreja é a decepção e amargura.

Quando não perdoamos nos tornamos vulneráveis a praticar o mesmo mal que sofremos. (Rm 2:1,2). Nossas agressões tem a mesma natureza que as injustiças e feridas que sofremos.

Jesus ensinou que quando não perdoamos somos atormentados por espíritos de aição. (Mt 18:23-35). Até a ciência tem identicado as células cancerígenas como "células angustiadas", ou seja, são partes do organismo que sofreram tão fortemente o impacto do tormento espiritual que aige a pessoa, que passaram a se reproduzir anormalmente. Alguns tipos de câncer (não todos) são resultados de amarguras acumuladas;

c) Perversão sexual (abuso, bestialidade e pornogra a): toda relação sexual fora dos limites do casamento é espiritualmente irresponsável, pervertida e sujeita à exploração demoníaca. O abuso sexual ou homossexual é literalmente o assassinato da personalidade. Traumatiza a autoestima causando sérios danos à identidade sexual. A desvalorização que a pessoa sente pode reetir em sentimentos cortantes de culpa, sujeira e até ódio de si mesma. A alma da pessoa ca acorrentada a estes abismos. O sentimento de impotência e humilhação podem, facilmente, estabelecer uma prisão formada por pensamentos angustiantes de inferioridade e depressão;

d) Ocultismo (feitiçaria, bruxaria e idolatria): o desejo pelo conhecimento oculto, o contato com o mundo dos mortos e a ambição pelo poder têm sgado muitas pessoas para o mundo espiritual regido por satanás e seus demônios. Para tal, um conjunto de exigências, oferendas, sacrifícios e ritos são exigidos. A raiz é a rebelião contra Deus através de um contato aberto com o reino das trevas que envolve magia negra, vodu, contato com seres demoníacos de fábulas e fantasias como gnomos, fadas, salamandras, bruxas, magos etc. Por meio de adivinhações, projeção astral, energização e feitiçaria satanás encontra ninho para instalar perturbação e morte.

A idolatria também provoca perturbação espiritual. A consagração de lhos a santos e santas gera ligação de alma com aquelas entidades. A Bíblia diz que aqueles que conam em imagens "tornem-se semelhantes a elas..." (Sl 115:8);

e) Pactos de sangue com espíritos de morte (aborto não espontâneo, suicídio, homicídio e cirurgias espirituais): qualquer tipo de sacrifício envolvendo derramamento de sangue se contrapõe ao propósito divino, legalizando uma constante e fulminante perseguição maligna (Pv 28:17). Todo fornecimento de qualquer tipo de sangue a entidades espirituais com o intuito de manipular recursos nanceiros, saúde, sentimentos, bens, posições, ou qualquer favor que seja, constrói pactos e ligações espirituais de natureza iníqua, provocando a indignação divina (Ez 36:18) e atrai sofrimento, depressão e morte (Sl 16:4). Além dos sacrifícios de sangue em rituais, outras práticas que envolvem derramamento de sangue tais como aborto, homicídio e cirurgias espirituais contaminam a terra do coração produzindo profunda depressão.
O aborto forçado é na essência um ato físico e espiritual de assassinato da descendência, produzindo um legado de esterilidade, perdas, desistência, falência, frustração e depressão na linhagem. Abortar não signica apenas remover um "bolo de carne e sangue" do útero. É também um ritual hediondo de assassinato. A pessoa está se prostituindo com Moloque, vendendo a própria descendência. Torna-se culpada de sangue inocente e refém do espírito de morte. Passa a ser apedrejada na vida pela depressão e por espíritos de morte que ano após ano se alimentam do silêncio moral. Enquanto esta mordaça não é retirada pelo arrependimento e conssão o sofrimento não é interrompido. Quanto mais as pessoas se calam, mais reféns se tornam. Isso adoece a alma, fere o espírito, e quanto mais tempo se passa, mais um quadro depressivo pode se estruturar.
Portanto, ca evidente que o ser humano é um espírito, que possui uma alma e reside num corpo. Não se deve descartar as causas físicas e psicológicas da depressão. Tais questões cam a cargo do corpo médico responsável. O papel da igreja é ajudar no aspecto espiritual conduzindo o indivíduo ao arrependimento, à conssão, ao perdão de seus ofensores e a uma vida íntegra diante de Deus.

2COMO MAPEAR AS CAUSAS DA DEPRESSÃO?

Uma vez diagnosticado os sintomas e causas da depressão, surge a principal e mais importante questão: Como socorrer uma pessoa deprimida?

É preciso enfrentar as causas da depressão. Raízes físicas e psicológicas somente devem ser tratadas por profissionais médicos e psicólogos. É preciso certificar que o acompanhamento médico está adequado para a doença. Já as causas espirituais devem ser tratadas por pastores experientes e conhecedores dos princípios espirituais.

É importante não discriminar ninguém, pois qualquer cristão pode sofrer esse mal. Um clássico exemplo bíblico de um verdadeiro crente sofrendo depressão vem de Elias. Ele foi um homem levantado por Deus em tempo de crise política e apostasia religiosa em Israel para confrontar os pecados do pecados do rei Acabe e chamar a nação indecisa a colocar sua confiança em Deus. Elias foi um homem que cumpriu seu chamado, triunfou valentemente sobre os profetas de Baal e realizou grandes obras em nome do Altíssimo. Mas Elias também tinha os pés de barro. Ele era homem semelhante a nós. Ele não era um super-homem nem um supercrente. Depois de retumbantes vitórias, Elias ficou deprimido e pediu para si a morte.

A partir do contexto de Elias, encontramos um roteiro de como vencer esse mal.

3.1 É preciso voltar os olhos para Deus

Elias tirou os olhos de Deus e colocou-os nas circunstâncias. Num dado momento, o profeta pensou que sua vida dependia da ímpia Jezabel e não de Deus. Por isso, ele temeu e fugiu. Sempre que tiramos nossos olhos de Deus para colocá-los nas circunstâncias adversas afundamos num pântano de desespero.

Toda ajuda deve ser no sentido de trazer a pessoa de volta a um relacionamento profundo com Deus. Precisamos orar por elas e com elas. Precisamos compartilhar com elas a esperança do evangelho, o poder da graça de Deus e o consolo das Escrituras. Deus nos vivifica segundo a sua Palavra. Ele tira a nossa alma do cárcere. Ele acende uma luz de esperança no túnel escuro do nosso sofrimento. Deus arranca os gemidos da nossa alma e coloca em nossos lábios, um cântico de vitória.

É fundamental mapear as causas espirituais e verificar se não há raízes de amargura por falta de perdão, ressentimentos, pecados e erros não confessados. Essas situações ferem a alma. E como somos governados por nosso coração, o que governar o nosso coração governará a nossa vida (Mt 6:21; Mt 15:19; Sl 141:4). É fato que a forma como respondemos às pessoas e circunstâncias depende daquilo que está governando o nosso coração. Deus, através da cruz, sara todas as feridas e traumas de qualquer coração despedaçado.

3.2 É preciso ter companhia saudável

Em segundo lugar, **Elias entrou na caverna da solidão** num momento que ele mais precisava de pessoas à sua volta. Quando mais precisamos de companhia a

depressão nos tranca nos quartos escuros. Elias dispensou o seu moço, quando mais precisava dele. É preciso insistir e oferecer um ombro amigo, um ouvido atento e um coração generoso.

3.3 É preciso mudar a leitura da situação à nossa volta

Em terceiro, **Elias fez uma leitura pessimista da situação à sua volta**. Ele pensou que somente ele havia permanecido fiel a Deus naquela avalanche de apostasia, mas Deus lhe afirmou que havia mais sete mil que tinham permanecido firmes na fé. Nossas ações e emoções são fruto da nossa interpretação da realidade.

Quando enxergamos os fatos e pessoas à nossa volta sob as lentes do pessimismo e da decepção facilmente nos desesperaremos. Precisamos conduzir as pessoas a terem a perspectiva de Deus para suas vidas e circunstâncias.

3.4 O método de Deus para sarar elias

Elias pediu para si a morte. Ele julgou que o melhor tempo da sua vida havia

Conclusão

ficado no passado e quanto ao futuro só havia expectativa de desespero. Mas Deus o tranquilizou por meio da sonoterapia (I Rs 19:5). A depressão deixa a mente agitada. Uma pessoa deprimida fica com o corpo cansado, mas a mente não desliga. Elias precisou dormir e descansar para sair do buraco da depressão.

Em seguida, Deus tratou Elias por meio da alimentação adequada. Deus preparou uma refeição para Elias no deserto. Deulhe pão e água e ele recobrou suas forças. Uma pessoa deprimida, muitas vezes, sente náuseas do alimento. É preciso fortalecer o corpo no tratamento dessa doença.

Deus o tratou dando-lhe também a oportunidade do desabafo. Elias estava dentro de uma caverna, quando Deus lhe perguntou: “O que fazes aí, Elias?”. Deus, assim, o ordena a sair da caverna para destampar a câmara de horror da alma e espremer o pus da ferida. O desabafo é uma necessidade vital para a limpeza da alma.

É um erro lidar com a depressão tratando-a como um problema apenas natural ou apenas espiritual. O tratamento saudável passa pelo uso de remédio, terapia e fé.
Deus tratou Elias revelando-lhe que o melhor da sua vida estava pela frente. Elias pensou que o seu ministério havia chegado ao fim. Mas, ele ainda haveria de ungir um profeta em seu lugar, um rei na Síria e outro em Israel. Elias pensou que a vida não fazia mais sentido e por isso, queria morrer, mas Deus o levou para o céu sem que ele passasse pela morte. Deus o arrebatou ao céu num redemoinho e Elias deixou os trapos da depressão para vestir-se com as roupagens alvas da felicidade eterna.
Não podemos confiar magicamente nas drogas tranquilizantes, indutores do sono e antidepressivos sem considerar a necessidade de governar as emoções, reavaliar o estilo de vida, tratar da iniquidades e crucificar os traumas.

1 BABLER,John. Uma crítica ao DSM-IV à luz da Bíblia. in: Coletâneas de Aconselhamento
2 Informações fornecidas em artigos e obras escritas pelo Dr. Hélium Póvoa e Dr. Pedro Pinheiro e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.
3 BORGES, Marcos Souza, Raízes da depressão, Editora Jocum: Curitiba, 2010.

Lição 10



Poderia um Deus de amor lançar o homem no inferno?

Por Evaldson Junior

Leitura Bíblica: 1 João: 4.7,8

Seria equivocado dizer que Deus decidiu não amar alguém, pois o amor faz parte da Sua natureza mais íntima e eterna. João afirma que o amor não é simplesmente uma qualidade que Deus possui, mas aquilo que Ele é em si mesmo. Para o homem, o amor deve ser experimentado, aprendido e exercitado. Para Deus, o amor faz parte da sua essência. Amar, para o homem é uma exigência, para Deus um resultado inevitável do que Ele é.

Deus ama indistintamente, de modo incondicional e em todo tempo. Ama os mais miseráveis pecadores, aqueles cujas atitudes nos causam repulsa. Pense na pior pessoa que você conhece. Deus a ama. Pense nas piores atrocidades que você já viu ou ouviu falar. Deus ama aqueles que as cometeram. Do maior ao menor, do mais limpo ao mais sujo, do mais santo ao mais profano, Deus ama todos. Este amor divino é profundo, incondicional, sem medida e constrangedor. Não deve ser questionado, porque foi demonstrado. Nenhum homem jamais poderá dizer que não foi amado por Deus, mesmo porque, mais do que amar, Ele é amor.

Ora, é pensando no amor de Deus que às vezes surge a pergunta: Poderia Deus, com tamanho amor, lançar um homem no inferno? Você consegue enxergar este imenso e divino amor ao pensar na condenação eterna de uma pessoa? Poderia o Deus de amor, condenar o homem a viver sua eternidade no mais terrível sofrimento?

Ressalte-se que o inferno, segundo a Bíblia, é um lugar de castigo, de horrendo tormento e de sofrimento eterno. É o lugar para onde vão todos aqueles que, pecando contra Deus, não se arrependeram e não se voltaram para Ele por meio de Cristo Jesus. O lugar onde o fogo arde continuamente, os vermes não morrem, o enxofre é exalado como perfume principal e a ausência total de Deus se torna a mais difícil realidade.

Hoje, propomos responder às perguntas a seguir, motivados pelo desejo de clarear verdades sobre o amor de Deus e a condenação do homem.

1Por que um Deus de amor condena o homem ao inferno?

É difícil responder esta pergunta sem antes compreender o amor de Deus. Também é trabalhoso dar resposta satisfatória sem antes entender a gravidade do pecado de um homem. A má compreensão destes fatos pode nos conduzir a graves erros, fazendo com que esta questão seja algo extremamente pesado ao coração humano. Não obstante, basta olhar para o homem moderno e logo perceberá que, na maioria das vezes, sua compreensão sobre o tema é muita rasa ou quase nula.

Para exemplicar, veja uma séria observação de um psiquiatra americano que percebeu o desaparecimento da palavra “pecado” na sociedade moderna. Ele notou que muitos atos, conhecido anteriormente como pecado, se tornaram crimes, fazendo com que a responsabilidade de solucionar o problema passasse da igreja para o Estado, do sacerdote para o policial. Outros pecados foram dissipados em forma de doenças, ou pelo menos em sintomas, fazendo com que a maneira de tratá-los seja totalmente diferente, ou – sendo um pouco mais claro – de forma inecaz para o relacionamento de uma pessoa com Deus. Por último, ele ainda observa o conveniente artifício chamado “irresponsabilidade coletiva”, onde a responsabilidade individual é transferida para a sociedade como um todo e o indivíduo não precisa assumir de modo integral a sua culpa, como também não necessita de arrependimento.[1]

Fazemos parte desse contexto, e assim sendo, é indispensável ressaltar quão sério o pecado é e o que ele signica na nossa relação com Deus. Após fazer isso, poderemos compreender o amor divino e como é possível alguém que tanto ama, ser capaz de condenar a pessoa amada ao mais terrível e permanente sofrimento.[1]

1.1 Porque o pecado do homem é muito grave para que ele o despreze

O pecado não pode ser visto apenas como o fracasso de amar a Deus de todo o nosso coração, mas também como a recusa persistente de reconhecê-Lo e obedecê-Lo como o nosso Criador e Senhor. Quando pecamos, rejeitamos a posição de criatura dependente, para proclamarmos a nossa autonomia e repulsa à tutela divina. Reivindicamos para nós, a posição de Deus. A proposta da

serpente para Eva ilustra muito bem esse impetuoso desejo de um pecador quando diz “sereis como Deus” (Gênesis 3:5). Com efeito, o pecado na sua essência é uma hostilidade direta para com Deus (Romanos 8:7), uma manifesta rebeldia contra Ele. [2]

João dene o pecado como “a transgressão da Lei” (1 João 3:4), e se o próprio Deus é o criador de cada preceito que nela existe, quando quebramos qualquer um deles, é contra o Senhor que nos rebelamos, tornando-nos, portanto, culpados diante de Dele. O pecado mudou a condição da humanidade e muda de forma individual a condição de cada pessoa. Ele é um ato de desobediência, rebeldia, independência. Torna-nos culpados, como alguém que quebra a lei de um país ao cometer um crime. Afastanos de Deus, como um lho que diz não querer estar debaixo da tutela de seu pai.

Há uma necessidade essencial de se tratar o pecado, de fato, como sendo pecado. A sua gravidade nos torna culpados, não restando outra coisa, senão a repulsa de Deus. Enquanto a dívida não for resolvida, o pecador ca obrigado a continuar debaixo da terrível condenação. Davi reconheceu o seu erro após pecar e disse: “Pequei contra ti, contra ti somente, e z o que é mau perante os teus olhos de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar” (Salmo 51:4).

1.2 Porque o amor de Deus é santo e justo

Deus é amor e igualmente santo, justo, imutável, eterno e innito. Cada um de seus atributos existe Nele de forma perfeita e harmônica. Assim, o santo amor de Deus não pode tolerar ou desprezar a presença do pecado. O amor de Deus é justo, recompensando todos os acertos e punindo todos os erros. O amor de Deus é innito, maior do que nós podemos calcular. O amor de Deus é imutável e não há o que podemos fazer para que Ele deixe de nos amar.

A ira de Deus nada mais é do que uma manifestação santa de sua justiça em vista do pecado. Se Deus simplesmente derramasse toda sua ira sobre os pecadores, não restaria ninguém em sua presença.

Como Deus poderia resolver o problema de ter que condenar alguém que tanto ama? Como Ele jamais deixaria de nos amar, mas também não poderia simplesmente fechar os olhos para o pecado, Ele conteve a sua ira até que em Jesus pudesse solucionar a questão. Jesus não morreu para pagar ao diabo o preço pela nossa alma. Este foi meio de satisfazer a justiça e a santidade divina.

Assumiu a nossa culpa e morreu em nosso lugar, para que por meio da fé em Cristo, nós, pecadores, sejamos justicados e totalmente abraçados por seu amor. Esse é o único meio de nos achegarmos a Deus, sem que a ira Dele nos mate e nos conduza à eternidade totalmente excluída da Sua presença.

2É possível um homem resistir À Deus e ao seu amor?

O amor de Deus é realmente irresistível?

Quando usamos o termo “irresistível”, estamos dizendo que todos que são amados por Deus não podem resistir ao Seu amor e irão se entregar a Ele. A princípio, parece poético e pode soar de modo agradável, entretanto, também nos conduz à reflexões e a muitas implicações.

Se o amor de Deus é irresistível e João diz no capítulo 3 e versículo 16 do evangelho que escreveu, que “Deus amou o mundo” (humanidade), logo, todos os homens já deveriam ter se rendido à Deus e ao seu amor. Longe disto, sabemos que esta não é a realidade percebida. Concluímos, então, que o homem pode resistir ao amor de Deus e não se render à Ele.

Foi isso que Estevão expressou em seu discurso feito perante o Sinédrio e todos os demais presentes: ”Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram os vossos pais, também vós o fazeis” (Atos 7:51). É possível um homem resistir ao amor e ao agir de Deus.

Apesar de tamanha demonstração de amor, o coração de uma pessoa pode estar tão endurecido ao ponto de não se entregar à Ele. Quando Jesus conta a parábola do semeador (Mateus 13:1-8), Ele deixa claro os diferentes estados em que um coração pode se encontrar. O Senhor não está falando sobre quatro tipos de corações, mas sobre as maneiras que cada um pode estar no momento em que recebe a Palavra.

O papel da Igreja é orar clamando pelo agir do Espírito Santo na preparação dos corações daqueles que precisam receber a boa semente do evangelho. E pelo agir do Espírito conduzindo pessoas ao arrependimento.

3Um crente pode perder a salvação?

Para responder essa última pergunta, é preciso atentar para as sérias palavras escritas na Carta aos Hebreus 6:4-8.

O escritor está preocupado com crentes que pensavam em desistir da caminhada com Cristo, por causa da perseguição levantada pelos opositores do cristianismo

na segunda metade do primeiro século. Diante da sua preocupação ele aborda o tema “apostasia” – em outras palavras, o abandono da fé.

O que chama a atenção nos versículos 4 e 5 é que, até mesmo pessoas que “foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” podem cair. Cair ao ponto de ser impossível restaurá-las novamente.

Judas foi escolhido para estar perto de Cristo, mas desviou-se do propósito de seguir o Mestre. Permitindo que satanás entrasse em seu coração (João 13:27), traiu o Senhor e depois, corroído pelo remorso, enforcou-se.

Saul foi o escolhido para ser o primeiro rei de Israel. Foi ungido (1 Samuel 10:1), o Espírito do Senhor se apossou dele (1 Samuel 10:6-10; 11:6), ele profetizou, mas se tornou desobediente, rebelde e foi por Deus rejeitado (1 Samuel 15:22,23), envolveuse com necromancia (1 Samuel 28:3-7), terminando sua vida de maneira trágica (1 Samuel 31:4).

Quem está de pé deve cuidar para não cair (1 Coríntios 10:12). Aquele que está com o nome escrito no Livro da Vida, precisa ser vigilante e consolidar sua fé para que o seu nome não seja riscado (Apocalipse 3:5). Todos devem saber que o Reino de Deus é conquistado com esforço (Mateus 11:12) e nele devemos perseverar até o m (Mateus 24:13).

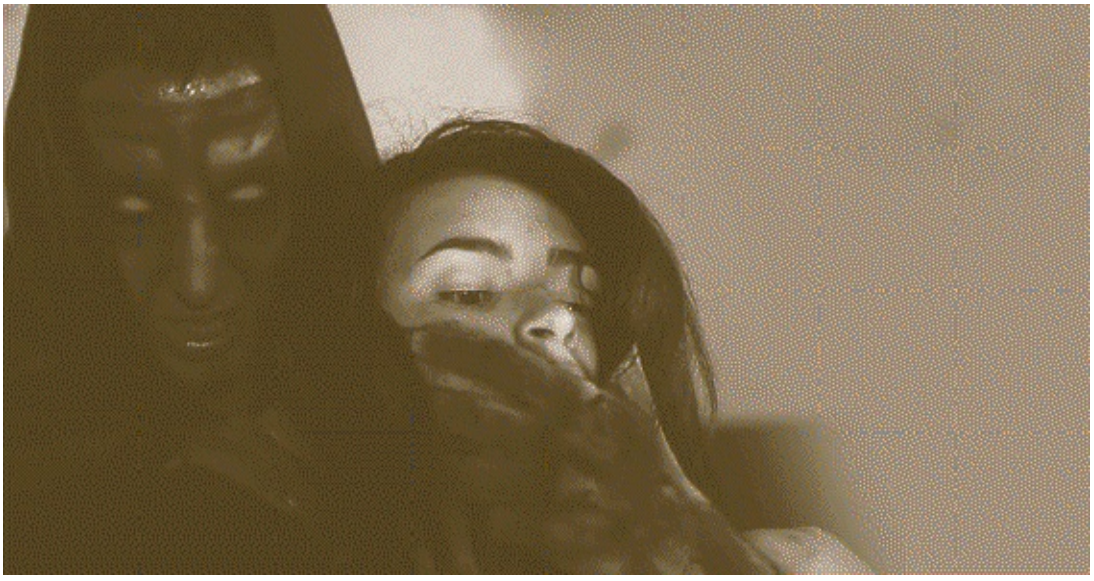
Conclusão

O fato de ser Deus capaz de lançar o homem no inferno não quer dizer que Ele deseja que este seja o destino nal daqueles que Ele criou para Sua glória. Há poder no sacrifício de Cristo para salvar o mundo inteiro e a porta da graça permanece aberta até o último instante da vida, como foi com o ladrão da cruz. Mas para que sejamos salvos, devemos nos arrepender de nossos pecados, em Cristo nos apegarmos pela fé e Nele estarmos rmes até o m.

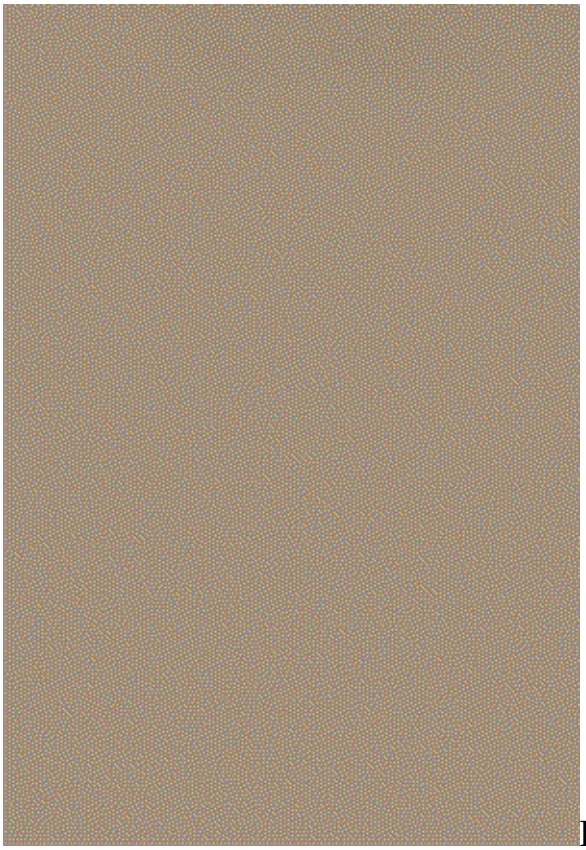
Apesar do amor de Deus ser tão grande, Ele não nos obrigada amá-Lo. Aqueles que O amam caminharão em direção ao céu, aqueles que desprezam o Seu amor caminham em direção à condenação eterna, unicamente pelo fato Dele não poder “fechar os olhos” para a gravidade do pecado.

1 STOTT, John R. W. A cruz de Cristo. 2 Idem

Lição 11



Eu preciso realmente confessar meus pecados?

Por Evaldson Junior

Leitura Bíblica: Salmo 32:1-6

Não há quem não cometa pecado. Independente de posição, classe, cultura ou qualquer outro fator, todos pecaram (Romanos 3:23) e se alguém disser que não tem nenhum pecado está enganando a si mesmo e ainda é mentiroso (I João 1:8). Com maior ou menor frequência, se arrependendo ou não, todos pecam.

Infelizmente, o que notamos é que somos melhores em confessar o pecado de outras pessoas do que os nossos próprios. Exceto quando experimentamos um verdadeiro arrependimento. Pois a partir de então, nos manteremos mais ocupados cuidando dos nossos próprios pecados. Quando alguém dá uma boa olhada no espelho de Deus, não encontrará ali as faltas dos outros. Tem coisas demais para ver em si mesmo.[1] Por causa disto, o caminho da conssão é pouco

trilhado por homens conformados com a sua situação, mas é bem conhecido por aqueles que não concordam com a medíocre vida de amizade com o mundo que muitos crentes decidiram viver.

Ao pensar na missão da Igreja, notaremos logo, a necessidade de trilharmos o caminho que nos conduz à vitória na luta contra o pecado. Nele, certamente, a conssão é indispensável. O baixo padrão de vida cristã, a apatia quanto ao desejo de tratar o pecado seriamente está mantendo muita gente longe de Cristo e da Igreja, mergulhada no mundo e nos seus pecados. Se o incrédulo vê que o povo cristão não se arrepende e não se esforça em busca de mudança, não se pode esperar que ele se arrependa e se converta de seu pecado, tratando-o seriamente. Um homem tem que se arrepender dez mil vezes mais depois que conheceu a Cristo, do que em qualquer época anterior.[2]

Confessar transgressões não pode ser visto como sinal de fraqueza, mas de busca pelo poder de Deus. Não pode ser encarado como traço de vergonha, mas como caminho de vitória. Há muitos que, em nome da boa reputação, permanecem escondendo suas transgressões e vivendo como se elas não existissem. Muitos não expõem os seus erros por acharem que não são pecados serem pecados tolerados pela maioria, em outros porque preferem ter a fama de santo, do que a de pecador arrependido. Entretanto, é necessário compreender que a conssão é essencial para um crente que deseja verdadeiramente prosseguir em direção a Deus.

Ao ler este texto, você pode perguntar: Por que preciso confessar? A quem devo confessar? Se eu não confessar, o que acontece? A simples conssão soluciona todos os meus problemas? O propósito da lição de hoje é apresentar respostas bíblicas a tais questionamentos.

1Por que preciso confessar?

Há pelo menos duas razões extremamente importantes para motivar o homem à prática da conssão:

1.1. Devemos confessar para sermos perdoados

Em I João 1.9, o apóstolo, escrevendo sobre o assunto, diz que o primeiro benefício que o homem recebe de Deus ao confessar os seus pecados é ser perdoado: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é el e justo para nos perdoar

os pecados".

Perceba que João usa a palavra "pecados" no plural, demonstrando com isto a necessidade de confessar os atos pecaminosos de forma individual. Não apenas reconhecer que é pecador, tratando as falhas de modo abrangente. É dar nome a cada um deles como sinal de arrependimento e desejo de mudança. Mesmo depois de conhecer a Cristo, é necessário confessar cada transgressão, pois ainda há em nós uma necessidade de sermos perdoados, mesmo que sejam transgressões discretas e esporádicas.

Um bom caminho para resposta de tal questionamento é mostrar que Deus espia o pecado não confessado e expia o pecado confessado. Embora tenham o mesmo número de letras e soem iguais, há uma diferença assustadora entre os verbos espiar e expiar.[3] Espiar é observar, enquanto que expiar é apagar. Deus vê pecados não confessados e apaga pecados confessados.

Não importa quão anada seja sua voz e quantos hinos tem cantado, se é muito frequente nos cultos e outras programações da igreja, ou quantas vezes já leu Bíblia, quantos textos bíblicos tem gravado em sua memória e quanto tempo tem passado em oração preocupado com outras coisas. Nenhuma destas atitudes encobrirá os seus pecados. O pecado deve ser confessado.

O orgulho de um homem pode afastálo da misericórdia de Deus. Se o seu orgulho o impede de confessar, por mais que sejam numerosos os seus atos de piedade, não serão sucientes para cobrir sua necessidade de conssão. Após ser convencido de seu pecado, é a conssão que o aproxima do perdão divino.

1.2 Devemos confessar para sermos purificados

O segundo motivo que João apresenta é também muito importante: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é el e justo para [...] nos puricar de toda injustiça" (I João 1:9). O processo de puricação do coração humano, promovido pelo Espírito Santo, também está entrelaçado com a conssão. Lembremonos de que puricar é arrancar as impurezas, tornar limpo, santicar.

É necessário também estar consciente de que esse processo de puricação acontece de modo gradativo. À medida que caminhamos na presença de Deus com sinceridade de coração, reconhecendo a gravidade de nossas transgressões e assumindo uma postura de tratar cada pecado seriamente, somos fortalecidos em

Deus (Colossenses 1:9-12) e recebemos o lavar regenerador da Palavra (Efésios 5:25-27). Adquirindo, portanto, força para vencer desejos que antes nos venciam. Enquanto tratamos as nossas práticas diárias com seriedade, expondo a nossa imperfeição, Deus, por seu Espírito e por sua Palavra, produz mudança em nós.

2a quem devo confessar?

Esta é uma pergunta que não pode respondida de uma só vez. Precisamos nos posicionar de acordo com a nossa transgressão. A nossa conssão sempre incluirá Deus, mas alcançará também outras pessoas, de acordo com cada situação.

2.1 Devemos confessar a Deus

A primeira pessoa com quem nós devemos nos consertar é Deus. Antes de qualquer outra coisa devemos entender que foi a sua santa Lei que transgredimos (I João 3:4). Mesmo que a intenção primária do coração não era pecar contra Deus, qualquer pecado é uma transgressão contra a Sua Lei. Isto quer dizer que, se pecamos contra o cônjuge, ou contra um amigo, ou uma comunidade, pecamos contra Deus também. Qualquer pessoa ao ter cometido qualquer transgressão carrega consigo a necessidade de se apresentar diante Dele confessando sua falha, sabendo principalmente que há um Advogado junto ao Pai intercedendo por cada um de nós (I João 2.1).

2.2 Devemos confessar à pessoa contra quem pecamos

Jesus nos mostra que qualquer coisa que formos oferecer a Deus, devemos oferecer depois que repararmos as nossas oferecer depois que repararmos as nossas 17). A reconciliação com quem, porventura, está ressentido conosco, é vital para que nos acheguemos ao altar de Deus (Mateus 5:23,24). Em situações semelhantes a esta, devemos tanto ir em busca do perdão, quanto estarmos dispostos a perdoar (Lucas 17:3,4). Como é importante que o cônjuge abra mão do seu orgulho para pedir perdão, expondo ao outro a sua falha. O pai que faz o mesmo ao lho e o lho ao pai. O amigo, o pastor, o patrão, o empregado. Se o homem pecar contra a sua mulher, é com ela que ele deve se consertar, e assim é nos demais relacionamentos. Se alguém pecou contra o seu pai, por exemplo, o caminho não seria apenas pedir perdão para Deus e expor sua falha a outra pessoa, deixando de consertar com pai. Assim, existe um dever para com a pessoa contra quem pecamos.

A conssão é uma ponte para a reconciliação e um laço de compromisso na comunhão. O amor nos une. Quando olhamos para Jesus, sabemos que o ambiente da falha é o lugar ideal para seja evidenciado se o amor é verdadeiro. O amor de quem está na luz não encobre transgressões, mas expõe cada uma delas para sejam tratadas (I João 2:8-11).

2.3 Devemos confessar à Igreja

Quando meu pecado gera escândalo social e mancha a reputação da igreja local, é meu dever me consertar com ela. Quando o meu pecado é contra a Igreja, não seria coerente ou mesmo suciente, expor a transgressão a alguém em particular, visto que a ofensa foi contra muitos. A conssão deve se dar na mesma medida da transgressão.

Atitudes que envergonham ou que atrapalham o desenvolvimento do trabalho da comunidade (Igreja) deverão ser tratadas à vista de toda a comunidade (I Timóteo 5:19-22,24). Paulo reserva dois capítulos da sua primeira epístola à igreja em Corinto (1 Coríntios 5 e 6) para tratar deste assunto: a Igreja precisa aprender tratar os pecados cometidos no seu dia a dia com equilíbrio e rmeza. Aqueles que causam prejuízos ao trabalho da igreja local devem se consertar com ela. “A conssão deve ser tão pública quanto foi a transgressão.”

2.4 Devemos confessar uns aos outros

Na carta do pastor Tiago, encontramos as seguintes palavras: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados” (Tiago 5:16). Nelas aprendemos o valor do discipulado cristão e a necessidade de crentes maduros para ajudar o outro em tempo de necessidade. Além de confessarmos a Deus as nossas transgressões, somos recomendados a confessarmos uns aos outros. No contexto apresentado, existe uma necessidade de cura. Os que estavam doentes naqueles dias eram indagados primeiramente sobre a possibilidade de haver pecados que deveriam ser confessados. A motivação não era criar um ambiente de vergonha nem exposição, mas de cura e de cuidado mútuo. Esse mesmo ambiente precisa fazer parte do nosso cotidiano hoje. Não para acusarmos, mas para orarmos uns pelos outros. Não para expormos o outro, mas para promover cura ao coração e ao corpo ferido. Um ambiente onde há conssão e amor, há também saúde, salvação, paz e alegria permanente.

Raramente contamos a alguém os nossos pecados. Você se lembra qual foi a última vez que confessou algum pecado a alguém? Será que, desde então, você nunca mais pecou? A grande questão é: quais pecados exigem conssões uns aos outros? A Bíblia não especica e nem separa pecados passíveis de conssão a Deus, de outros que exigem conssão ao próximo. O que se torna claro é que confessar a um crente maduro não é requisito de perdão, mas, sobretudo, de necessidade de vida transparente e de cura. Aqueles pecados que se tornam hábitos em nossa vida e praticamente são invencíveis, estes devem ser, com urgência, mutuamente confessados.

Há quem diz que quando vamos um pouco mais além e confessamos não somente os pecados, mas as nossas tentações, recebemos maior força para lutar contra os desejos pecaminosos, tendo maior possibilidade de não cairmos nas práticas. Assim, expomos nossas fraquezas para não termos que expor amanhã os nossos fracassos.

Outra razão para confessar uns aos outros é o incômodo de uma forte acusação que permanece mesmo após termos confessado a Deus. Quando nos abrimos a alguém que inspira segurança e maturidade confessando nossas vergonhas, o fardo intolerável de culpa é substituído pela leve paz de espírito.

3Se eu não confessar, o que acontece?

Se a conssão é uma atitude ensinada e motivada por meio de textos bíblicos e a obediência nos conduz a Deus, ao seu perdão e a uma vida livre do peso do pecado, a desobediência nos trará resultados opostos. Contudo, mesmo sabendo disso, alguém pode dizer que simplesmente não quer confessar. E aí, o que acontece?

3.1. Ausência de prosperidade

Um dos provérbios bíblicos diz que “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará” (Provérbios 28:13). Como a vida seria diferente se realmente crêssemos nesse verso. Crêssemos que o ato de encobrir transgressões nos priva de uma vida próspera. De que muitas vezes jogamos excelentes oportunidades de crescimento fora, por causa de pecados encobertos. A prosperidade apresentada no texto bíblico não pode se resumir ao dinheiro. Ela abrange as várias áreas da vida. Prosperar é crescer, progredir como família, na vida espiritual, nos planos pessoais e assim por diante. Israel deixou de crescer como nação muitas vezes,

por causa dos pecados de seus lhos às escuras.

É preciso acabar com o hábito de encobrir o pecado por meio da mentira, que o nega; por meio da hipocrisia, que o encobre; por meio do orgulho, que o justica. Não podemos lançar a culpa nos outros, nem nas circunstâncias, nem nas fraquezas naturais.[4]

O pecado não confessado tem o poder de destruir o interior de alguém, fazendo-o regredir em muitos aspectos. Basta que um pecado seja praticado habitualmente para anular sua prosperidade espiritual e frear o crescimento e a força da graça em seu coração.[5] Infelizmente, muitos dos que estão nos templos continuam com o mundo em seu interior, exatamente pela falta de arrependimento e conssão de pecados. E esta realidade impede o progresso de pessoas, de famílias e até de igrejas.

3.2 Doença

O pecado encoberto é como uma doença incubada sugando sua vitalidade. Ele mantém uma pessoa pobre, fraca e desfalecida. Ele uma pessoa pobre, fraca e desfalecida. Ele 30) e impede a boa inuência da Palavra de Deus. O tempo que ele permanecer será como uma úlcera, que o mantém fraco e deciente, embora você se alimente da melhor e mais proveitosa comida espiritual.[6]

Paulo e Tiago trataram de casos assim na igreja primitiva (Tiago 5:14-16; 1 Coríntios 11:28-30). Pessoas que estavam literalmente doentes como consequência de não tratar seriamente o pecado. E outras que já haviam morrido pelo mesmo motivo. O salmista diz que: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo dia. Porque a tua mão [de Deus] pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio” (Salmo 32:3,4)

3.3 Escravidão

Jesus disse que aquele que peca se torna escravo do pecado (João 8:34). Esta é uma escravidão que conduz o homem à situações cada vez piores. Como dizia o salmista: “Um abismo chama outro abismo” (Salmo 42:7).

Vemos esta infeliz realidade na vida de Davi. Num dia de ociosidade ele andava pelos corredores do palácio e de repente, avistou uma bela mulher nua. Sem se

preocupar com o compromisso que ela tinha com outro, após observá-la e desejá-la por alguns momentos, ele manda buscá-la. Deitou-se com ela e a engravidou. Para cobrir o seu pecado trouxe às pressas o seu marido – um el soldado
–, na ânsia de que este se deitasse com sua esposa e depois pensasse que ele mesmo a havia engravidado. Quando o marido se recusou se deitar com sua própria mulher, Davi planejou a morte dele e o entregou a esse terrível destino. Uma vida descuidada na área da sexualidade foi o suciente para conduzir Davi à cobiça de uma mulher casada, que o levou ao adultério, que o levou a mentira, que o levou ao homicídio. “Um abismo chama outro abismo”.

Como resultado, ele sofreu prejuízos no reino e vivenciou uma terrível maldição que pairou sobre a sua casa. Filha estuprada, um irmão matou o outro, rebeldia e orgias por parte dos seus herdeiros. Muitas lágrimas derramadas e agudas dores experimentadas. Pelo simples fato de desprezar a conssão e tentar ocultar o seu pecado.

4Que tipo de confissão é válida diante de Deus?

Vários personagens bíblicos confessaram os seus pecados. Eles o zeram em contextos diversos, com particular disposição de coração e experimentaram resultados diferentes. Eis as conssões e o que elas nos ensinam:

4.1 A confissão por medo das atrocidades

Em vista da dureza de coração de Faraó, Deus, por intermédio de Moisés enviou pragas sobre o Egito. Mediante a sétima praga, quando saraiva misturada com fogo, descia do céu, como jamais havia acontecido no Egito, Faraó mandou chamar Moisés e disse: “Esta vez pequei” (Êxodo 9:27). Uma conssão clara, porém, feita diante do medo de tamanha atrocidade e que não perdurou quando a bonança chegou.
É inútil dizer “eu pequei” somente

debaixo da inuência do terror, e então esquecer disto depois. Pedir para Deus poupar a vida para ver a terra novamente, dizendo que será seu servo, mas depois não ser. Esta é uma forma de mentir para Deus. Dizer em um leito de doença, que se Ele poupar a vida, nunca mais viverá no pecado como antes e depois continuar cada vez mais mergulhando no tremedal de lama, não resolverá o principal problema. A conssão não pode acontecer apenas pelo desejo de se ver

livre de um mal aterrorizante, mas de poder se achegar mais a Deus.

4.2 A confissão e o coração dúbio

Nenhuma conssão de pecado pode ser verdadeira, a menos que seja feita de todo o coração. É inútil você dizer “eu pequei” e continuar pecando. Balaão é a gura dúbia que diz “Pequei” (Números 22:34). Ele quis seguir os príncipes do rei Balaque e ao mesmo tempo obedecer a Deus. Ele quis, ao mesmo tempo, receber o pagamento para amaldiçoar o povo de Deus, mas também proferir as bênçãos que Deus mandou.

Esta triste prática é vista na vida daqueles irmãos indecisos que querem Deus, mas querem também o mundo. São respeitáveis na Igreja, mas desonestos e fraudadores lá fora. Agir assim, é ser hipócrita na devoção. Jesus disse que os hipócritas não serão aceitos por Deus (Mateus 23:13-36).

4.3 A confissão insincera

Saul disse ao profeta Samuel: “Pequei”.
No entanto, não é possível perceber arrependimento em Saul. Ele pede perdão ao profeta, mas não o faz para Deus. O seu desejo era que Samuel o acompanhasse para que o povo pensasse que Deus continuava com ele, mas não se preocupou em rasgar a alma e se arrepender diante do próprio Deus. Em sua conssão, ele demonstra apenas desejar, ter ao seu lado, a gura daquele que representava o Senhor e nada mais. Queria apenas continuar sendo bem visto pelo povo e ter o poder de governar em sua mão.
É como alguém vir ao seu pastor e dizer “eu me arrependo dos meus pecados”, mas não se sentir um pecador. Só disse aquilo para agradá-lo. Só está olhando para benefícios que a falsa conssão lhe trará.
. A
Após ter traído o seu Mestre, em meio ao desespero, por ter vendido Jesus ao preço de escravo, Judas disse: “Pequei” (Mateus 27:4).
Aqui está outro tipo de arrependimento. Seria

justo chamar isto de arrependimento? Isso deve ser chamado de remorso de consciência. São palavras que são ditas como resultado de um intenso peso de culpa, porém, a partir de um coração que não admite mudança.
A conssão de Judas não o conduziu a dias melhores, ele saiu do lugar da conssão para se enforcar.
Certamente, a vontade de Deus é conduzir cada homem à mudança de vida. O remorso não é suciente para que desfrutemos da vida abundante que Deus tem reservado para cada um de nós.

4.5 A confissão no último instante

É o caso de pessoas que confessam seus pecados no leito de morte sem deixar nenhum fruto como evidência de seu verdadeiro arrependimento. O exemplo do ladrão crucicado ao lado de Jesus, nos ensina que é possível ser salvo no último instante. Se ainda há vida, ainda há esperança. Porém, é importante ressaltar que aquele ladrão perdeu a oportunidade de desfrutar de uma vida próxima de Deus aqui. Outrossim, ninguém deve projetar tal atitude para si, pois não sabemos o modo da nossa morte. Se teremos essa oportunidade ou não. Melhor é viver com Deus aqui, tendo a certeza de que um dia apresentaremos os frutos da nossa vida que cultivamos na presença Dele.

4.6 A confissão do salvo

Davi disse: “Pequei contra ti, contra ti somente, e z o que é mau perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e justo no teu julgar”. Como todos, ele pecou. A sua confissão é um sinal de arrependimento. Filhos de Deus também precisam se arrepender, porque pecam. Se alguém perguntar se são santos, a resposta é sim e ainda não. São santos porque foram separados, mas ainda não, pois ainda carregam uma natureza pecaminosa.

Um crente precisa lutar para não pecar, mas se pecar, precisa saber que tem um Advogado junto ao Pai para interceder por ele. Não deve viver pecando, porque quem assim faz não conhece Deus. Entretanto, se pecar deve se arrepender e confessar suas falhas.

4.7 A confissão de um crente que se afastou

Há muitos que têm fugido por muito tempo. O que Deus diz para cada um deles? Venham? Sim, Ele os espera. Tão certo quanto sempre, os que retornam, Ele os acolherá em Seus braços. Nunca houve um pobre pecador arrependido que viesse a Cristo, que Cristo o mandasse embora.

Jesus, certo dia, diante de uma multidão, contou três histórias e última delas foi o ponto mais alto do seu sermão: delas foi o ponto mais alto do seu sermão: 32). A história de um filho que saiu de casa levando consigo a parte da herança que lhe cabia. Gastou tudo dissolutamente e depois, em meio à escassez e ao sofrimento, lembrou-se da casa do pai, se arrependeu e disse: “pequei” (Lucas 15:21). A confissão de um filho que já não se achava digno de ser filho, o colocou novamente nesta posição. Como Deus anseia pelo retorno de filhos que se apartaram, mas arrependidos resolveram voltar. Às vezes fazem parte da instituição chamada “igreja”, mas há muito tempo não tem comunhão com o Pai. Ele está à espera daqueles que arrependidos resolvem voltar.[7]

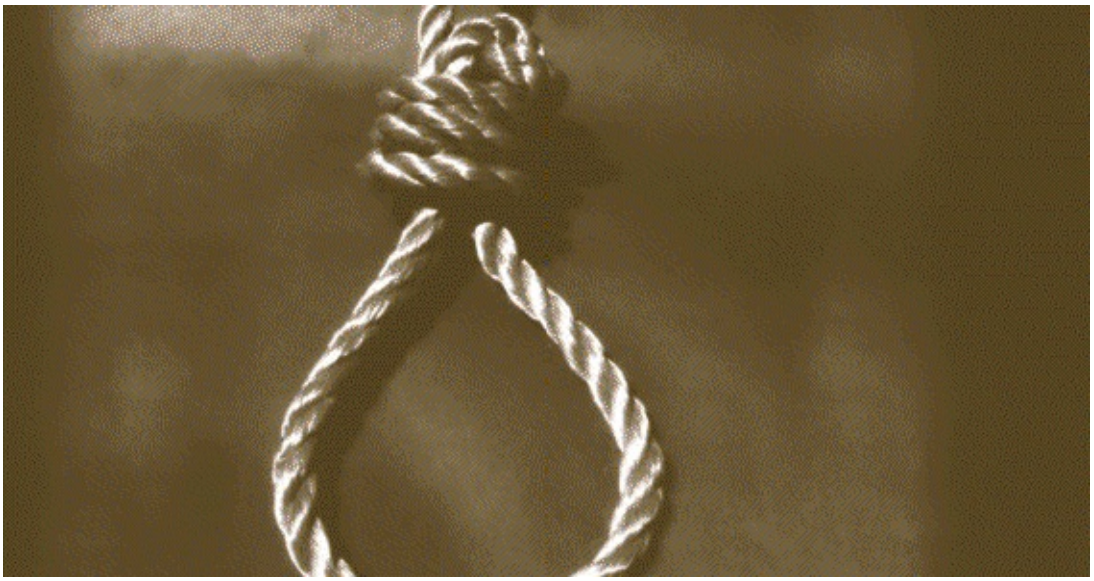
Conclusão

“Bem-aventurado o homem cuja transgressão é perdoada e cujo pecado é coberto; bemaventurado aquele a quem o Senhor não imputa maldade e em cujo espírito não há engano” (Salmo 32:1-2).

Deus conceda a cada um de nós a graça de vencermos o próprio orgulho e confessarmos os nossos pecados. “É melhor ser envergonhado um pouco agora do que ser obrigado a confessar por ocasião do grande dia.”[8]

1 http://www.monergismo.com/textos/arrependimento/moody_arrependimento.htm
2 Idem
3 www.ultimato.com.br
4 http://www.charleshaddonspurgeon.com/2015/06/voce-tenta-melhorar-teu-pecado-c-h.html
5 EDWARDS, Jonathan. Sondando sua consciência. e-book. Projeto Castelo Forte. p.24. Disponível no link: http:// projetocasteloforte.com.br/wp-content/uploads/2013/01/ebook_sondando_consciencia_edwards-1.pdf
6 Idem
7 Construído a partir de um sermão de Charles Haddon Spurgeon. À disposição no link: http://www.monergismo. com/textos/chspurgeon/conssao_pecado_spurgeon.htm
8 GRUNZWEIG, Fritz. Comentário Esperança: Carta de Tiago. Editora Evangélica Esperança.

Lição 12



Como lidar com o suicídio?

Por Fábio Lucas

Leitura Bíblica: Rm. 8.38,39

Todo suicida vai para o inferno? Antes de responder sim, leia essa história: Durante a segunda guerra mundial, nos campos de concentração nazistas, uma escola judaica-ortodoxa, para meninas, foi saqueada e várias moças foram sequestradas a m de prestar serviços sexuais aos soldados o ciais da Alemanha. Naquele grupo havia 93 virgens com idade entre 12 e 18 anos que logo seriam usadas como objeto sexual, vítimas de estupro e de toda orgia e atrocidade. Para evitarem tamanha maldade, e em nome da honra e dos seus valores, aquelas moças juntamente com suas professoras recitaram uma oração e envenenaram-se. Elas caram conhecidas como “As Noventa e Três Virgens”.[1]

O que deveríamos pensar da morte dessas moças? Será que depois desta atitude tomada em meio ao sofrimento, aquelas virgens cristãs suicidas ainda foram parar no inferno?

Esta lição se propõe a analisar a traumática questão do suicídio, especialmente na igreja. Por quais razões as pessoas tiram a própria vida? Há possibilidade de evitar tamanha tragédia? Seria o suicídio um pecado imperdoável? Como socorrer alguém com essa tendência? Será que a igreja está preparada para lidar com as famílias dos suicidas?

Notadamente, esse não é um problema de pobres ou ricos, de crentes ou incrédulos, pois essa dolorosa tragédia está presente em vários segmentos. Os países mais ricos e prósperos do mundo como China, EUA e Japão ocupam os primeiros lugares no índice de suicídios.[2] O Brasil é o oitavo país, no mundo, em número de suicídios e, um dos estados mais desenvolvidos, o Rio Grande do Sul, lidera o ranking nacional.

Há muitas causas para o suicídio: depressão, falta de controle emocional,

doenças incuráveis, decepções amorosas, perdas nanceiras radicais, enm, problemas variados. Em abril de 2013, o suicídio de Matthew, o terceiro lho do conhecido pastor americano Rick Warren, chocou o mundo evangélico. De lá pra cá, uma séria onda de suicídio entre pastores[3] começou a ser divulgada. De acordo com Instituto Schae er[4], 70% dos pastores lutam constantemente contra a depressão, 80% acreditam que o ministério pastoral afetou negativamente suas famílias, e 70% dizem não ter "um amigo próximo".
Não podemos nos esconder atrás de tabus e preconceitos enquanto a depressão faz vítimas cada vez mais próximas de nós. É tempo de enchermos o coração de misericórdia e nos prepararmos para socorrer aqueles cuja alma foi transpassada pela espada do suicídio. O objetivo não é polemizar um assunto tão delicado, mas trazer esclarecimento à luz da Palavra de Deus.

1POR QUE AS PESSOAS SE MATAM?

Pode ser impossível determinar o motivo das pessoas se matarem. "Apenas uma em 4 deixa um bilhete e, mesmo assim, os recados oferecem uma vaga noção das razões da morte. Uma mulher de vinte anos que pulou de um prédio escreveu: ninguém se culpe por eu estar fazendo isso. É porque eu jamais consegui resignar-me à vida. Deus tenha misericórdia da minha alma ".[5]

É pacíco entre os psicólogos que as razões que levam a pessoa ao suicídio, basicamente, tem a ver com o desencanto pela vida e a perda da motivação para viver. "**Quando na existência a pior coisa que os homens conhecem é a morte, eles querem viver, mas quando na mesma existência a pior coisa que os homens conhecem é a vida, eles querem morrer[6]"**. Certa vez um suicida escreveu: "É melhor um m honroso do que um horror sem

m".
V , ,
:

DEPRESSÃO: A mais forte causa do suicídio é a depressão não tratada. Estudos mostram que quase dois terços dos suicidas sofriam tinham um histórico familiar de depressão crônica, uma doença bipolar (maníaco-depressiva) ou uma disfunção de personalidade.
namoro rompido, divórcio traumático ou da perda de um ente querido. Quando esses vínculos têm uma dependência emocional e eles se rompem, as pessoas entram em desespero e solidão, colocando m na própria vida.

O suicídio pode ser o trágico efeito colateral de violência doméstica, tanto de mulheres quanto dos lhos que a testemunham. Segundo pesquisas[7], os lhos que presenciam a violência em seus lares são seis vezes mais propensos a suicidarem. Casais divorciados são duas vezes mais propensos ao suicídio. 70% dos adolescentes que cometem suicídio são lhos de pais divorciados.

SOLIDÃO: Se um indivíduo não está bem integrado na sociedade e passa muito tempo sozinho, o suicídio é mais provável.[8]

PROBLEMAS FINANCEIROS: Em Nova Orleans, nos EUA, depois que passou o furacão Katrina o índice de suicídio cresceu 300%. Muitas pessoas perderam suas casas, seus bens, parentes, amigos e entraram em pânico e desespero.

DROGAS: Segundo estatísticas da OMS, tirar a própria vida já é a segunda principal causa de morte em todo mundo para pessoas de 15 a 29 anos, a maioria envolvida com dependência química. Agora em 2015 a OMS

Infelizmente, em muitos círculos concluiu que o suicídio mata mais jovens que evangélicos a depressão é considerada como possessão maligna e pecado. Alguns julgam que ela é resultado de pecados não confessados. Todavia, mesmo alguém crente em Jesus, salvo por Cristo, pode enfrentar uma forte depressão e se essa pessoa não for acompanhada e tratada adequadamente, tal doença poderá levá-la a um processo de decadência física e emocional, chegando até ao suicídio.

RELACIONAMENTOS QUEBRADOS: Muitos suicídios são consequência de um o HIV em todo mundo[9].

HOMOSSEXUALISMO: Há três vezes mais suicídios entre os homossexuais do que entre os heterossexuais. Talvez porque o homossexual lida com a tensão interna, com o preconceito da família e da sociedade. Muitas vezes até com rejeição pública, por não dizer ainda, por grandes e intensos conitos espirituais.

RADICALISMO RELIGIOSO: Cresce o número de seitas que incentivam suicídios coletivos. Ainda hoje, membros de grupos radicais amarram bombas em seu corpo e se explodem em praças, com a convicção de que irão para um Harém e de que estão fazendo justiça.

O DIABO PODE INDUZIR ALGUÉM AO SUICÍDIO?

Essa é uma dúvida frequente. Jesus disse que "o diabo é homicida desde o princípio e nunca se apegou à verdade." (Jo 8:44). Todavia, não é prudente dizer que o diabo é o principal responsável pelo suicídio, pois isso anularia a responsabilidade humana. A culpa é individual, ainda que a pessoa aja debaixo de uma perturbadora inuência do maligno. Tudo começa quando alguém dá lugar (legalidade) ao diabo (Ef 4:27). A experiência tem mostrado que, a partir de então, nos bastidores hereditários dessa família, começam a aparecer, de geração em geração, casos repetitivos de suicídios. O que aponta, inegavelmente a existência de perseguições espirituais, fruto de legalidades dadas a Satanás.

2O SUICÍDIO É UM PECADO IMPERDOÁVEL?

Quase todas as religiões repudiam o suicídio como um ato imoral. Um texto rabínico determina: "não rasgaremos nossas roupas por quem destrói sua vida, não lhe faremos funeral, nem diremos coisas boas a seu respeito".[10]

Se perguntarmos aos crentes se quem se suicida vai para o inferno, a maioria já tem uma resposta armativa na ponta da língua. Consequência de uma herança católica absorvida por muitos, feita na maioria das vezes sem consciência do que se faz. De fato, o catolicismo romano sempre fez forte oposição ao suicídio, visto que o suicida não tem tempo para confessar-se ao sacerdote. A conssão, na teologia romana, é um sacramento e parte indispensável para o perdão de alguém. Assim sendo, o suicida não tem perdão. Na idade média, a igreja excomungava os suicidas e proibia que zessem funerais cristãos. Na França, os corpos dos suicidas eram arrastados pela rua. Na Alemanha, os suicidas eram colocados em barris e utuavam rio abaixo para que nunca retornassem à terra natal.[11]

2.1 Independente da motivação, todo suicídio é pecado

Não se pode negar que o suicídio é um pecado. Ele agride o sexto mandamento: NÃO MATARÁS, e atenta contra o princípio básico da autopreservação. A Bíblia diz que "ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida" (Ef 5:29). Amar a vida é algo natural. É um instinto de preservação

que Deus deu ao homem.
Na verdade, o suicídio é a usurpação de um direito que só Deus possui. Porque Deus é o autor da vida, somente Ele tem autoridade, poder e competência para tomá-la. De maneira que, quando uma pessoa atenta contra sua vida está usurpando um direito exclusivo e absoluto de Deus.
O suicídio não é o m para o sofrimento. Depois da morte vem o juízo e julgamento de Deus. Cada um dará conta a Deus por seus pecados e transgressões. O suicídio não é um passo para o alívio e descanso, mas um passo para o sofrimento eterno na vida daqueles que romperam ou nunca tiveram uma aliança com Jesus.

2.2 O silêncio das escrituras quanto ao suicídio

Há sete casos de suicídio na Bíblia. (Abimeleque, em Juízes 9:52-54; Sansão, em Juízes 16:28-31; Saul, em 1 Samuel 31:4-6; Aitofel, em 2 Samuel 17:23; o rei Zinri, em 1 Reis 16:18 e Judas em Mt 27:3-5). Todas essas narrativas são relatos que não deixam nenhum comentário sobre o ato suicida.
Embora seja pecado, não há uma passagem bíblica clara que diga – o suicida não entrará no reino de Deus. Na verdade, a Bíblia não trata particularmente do suicídio, mas do assassinato de forma geral. Ela nos diz que o tirar a vida é pecado, pois os “homicidas carão de fora” (Ap 22:15; 1 João 3:15). Todavia, o homicida é aquele que tira a vida de outro, já o suicida tira a própria vida.
Se um descrente cometer suicídio, ele não fez nada mais do que “acelerar” a sua jornada para o lago de fogo. Sua condenação não é apenas pelo suicídio, mas, sobretudo por ter rejeitado a salvação através de Cristo. Claro que até para o ímpio suicida, se houver tempo de arrependimento e entrega a Cristo, o Senhor poderá salvá-lo.
A dúvida é sobre aquele que crê em Jesus, mas infelizmente comete suicídio. Esse irmão perderia sua salvação? Há basicamente duas posições que se divergem sobre o assunto. Vejamos seus argumentos.
A) AR GU MENT OS DESFAVORÁVEIS AO PERDÃO DO do cristão não depende da pessoa conseguir **SUICIDA**
Aqueles que sustentam que o cristão suicida vai para o inferno alegam que o suicida morre no momento em que está pecando e não lhe resta oportunidade de arrependimento. Usam as palavras de Paulo em 1 Co 3.17: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.” Armam que

muitas vezes o suicídio é o resultado de várias outras ações na direção contrária a Deus.
Assim, questionam: dicilmente, aquele que tira sua vida está em paz com Deus e se aquele que não tem paz com Deus na terra como a deixar “tudo arrumadinho” na hora da morte, mas sim se a pessoa viveu um relacionamento com Deus através de Jesus Cristo.
Quanto ao texto de 1 Coríntios 3:17, onde Paulo declara: “Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo”, esclarecem que Paulo não está falando de suicídio em momento algum nesse texto. O contexto é de repreensões à igreja local que é ilustrada por Paulo como o corpo de Cristo, lavoura e edifício de Deus. (v.9). Assim, se alguém, por meio de discussões e brigas, desgurar esse santuário, Deus o destruirá. terá no céu?

B) ARGUMENTOS FAVORÁVEIS AO PERDÃO DO SUICIDA

Por outro lado, há outros que minimizam o suicídio, como algo perdoável, alegando que Deus, em sua misericórdia, há de socorrer aqueles cristãos que na dor deram cabo da própria vida. Armam que o único pecado imperdoável é a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12:31,32).
Sustentam que Deus não vai condenar uma pessoa ao inferno exclusivamente pelo modo como morreu, ignorando o modo como viveu. Alegam que muitas pessoas morrem instantaneamente em diversos tipos de tragédia, como acidente de carro, infarto fulminante, homicídio ou latrocínio e nem sempre estão com a vida perfeita na hora de partir. As chances de que tenham conseguido pedir perdão pelos últimos pecados são mínimas. O teólogo e pastor luterano, Dietrich Bonhoeer, argumenta que esperar arrependimento total no momento da morte é irreal, e observa: “não são apenas os suicidas, mas muitos cristãos morrem subitamente sem arrepender-se de todos seus pecados”. Assim, essa corrente sustenta que a salvação Portanto, o que estaria em questão nessa passagem é a gravidade do pecado de divisão na igreja e não a questão do suicídio.

C) POSIÇÃO EQUILIBRADA Há inúmeros casos de pessoas conhecidamente crentes em Jesus que no meio de tribulação e sofrimento extremo cometeu suicídio. Em alguns deles a pessoa cava submetida a tratamentos médicos e ao uso de remédios cujos efeitos colaterais alteravam quimicamente o raciocínio, induzindo-as a essa drástica atitude.
É inegável que o suicídio de um cristão é um fracasso trágico. É pecado. É uma aberração. Uma incredulidade desesperadora. E mesmo sendo um pecado grave,

de fato ninguém pode dizer que TODO suicídio não será perdoado.
Todavia, não dá para estabelecer uma regra geral quanto ao destino do suicida cristão. Nem podemos. Na verdade não cabe a nenhum ser humano denir se uma pessoa está no céu ou no inferno. Esse julgamento é competência exclusiva de Deus. Não podemos querer separar o joio do trigo, somente Deus. Não faz bem pensar sobre coisas impossíveis de conhecermos.
Deve-se ponderar que algumas pessoas que escolhem o suicídio não tinham o desejo de pecar contra Deus. Para elas, por alguma razão, a vida se torna mais dura que a morte. Não é que não querem viver. Na verdade, não querem sentir dor. E num ato de desespero se matam, em muitos casos, clamando pela misericórdia de Deus. Muitos que tiram a própria vida **NÃO** são pessoas com os punhos fechados para Deus. São lhos que contemplam seus rostos e odeiam o que veem. Tais situações são extremamente complexas e exigem equilíbrio, tanto para não dizer que estão no inferno quanto para garantir que estão no céu.
Portanto, podemos armar que grande parte dos suicidas receberá condenação, mas, é possível que alguns alcancem misericórdia. Uma coisa é reprovar uma vida inteira autodestrutiva e outra coisa é analisar um ato de autodestruição por um surto de desespero. A medicina conrma que o cérebro pode levar até 22 segundos para desligar completamente após o m do bombeamento de sangue. Nesse prazo, é possível que um suicida se arrependa e creia em Jesus.
Finalmente, deve ser compreendido que não podemos condenar ninguém nem dar falsas certezas de salvação. Só Deus conhece o destino daqueles por quem choramos. Nosso papel é ministrar a confortante verdade de que há nos céus um Deus bom e justo e que fará a coisa certa.
Desconhecemos qual é o destino nal dos que morrem, mas podemos nos amparar na misericórdia de um Pai justo e amoroso. Paulo disse: “Quer vivamos ou morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14:8). Que a promessa de que “nem a morte nem a vida poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus” conforte com esperança os corações despedaçados pela perda irreparável de um ente querido que desejando VIVER, morreu.
Em vez de julgar se um irmão suicida vai ou não para o inferno, nosso foco deve ser em como ajudar os que têm essa tendência a encontrar esperança e sentido para viver, alertando-os dos perigos de uma condenação eterna.

3COMO SOCORRER POSSÍVEIS VÍTIMAS DE SUICÍDIO?

Pessoas que padecem esse cenário também de homens e mulheres com autoridade cinzento e dolorido precisam de amigos de Deus, capacitados para socorrer quem verdadeiros. E mais do que amigos, precisam enfrenta esse

dilema, a m de ser uma fonte de consolo, cura e encorajamento.

Há três mitos que devem ser destruídos na igreja quando se trata de ajudar alguém nessas condições. 1º) assim como o cachorro que late não morde, quem só fala em suicídio nunca o comete; 2º) não adianta ajudar alguém com tendência suicida, uma hora ou outra ele acaba se matando. 3º) aqueles que suicidam são pessoas doentes mentalmente.

É tolice concordar com isso! Pessoas saudáveis podem chegar ao ponto de tirar a própria vida. Não é por uma doença mental, mas por um estado de introspecção, melancolia e vazio. O suicida deixa rastros sim e tais sinais se forem, antecipadamente, identicados podem salvar vidas.

3.1 Conhecendo alguns rastros de suicídio

Segundo o Ministério da Saúde[12] uma das maneiras ecazes para a prevenção de suicídio é a identicação de sinais comportamentais, que indicariam o risco de uma atitude suicida.

Estudos clínicos[13] comprovam que há um longo percurso entre a ideia suicida e a consumação do ato. Ele é o ato nal de um processo, que se fortalece diariamente, mediante pequenos pensamentos e atitudes discretas. De acordo com pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde (2006), alguns destes sinais podem ser: mudanças bruscas no comportamento relacionado à perda dos cuidados pessoais com higiene, alimentação e estética, distanciamento da família e amigos, perda do interesse por atividades usuais, isolamento social, abandono do trabalho, impaciência, abandono de atividades que implicam sair de casa como lazer, academia, atividades culturais, diminuição da capacidade de concentração, choro fácil e imotivado, uso de drogas lícitas e ilícitas, brincadeiras sobre o suicídio, bilhetes e mensagens.

Além disso, alguns relatam sentimentos e pensamentos de abandono, solidão, decepção com pessoas, ansiedade, nervosismo, tristeza, irritação, raiva, revolta, medo, aborrecimento por motivos banais, angústia intensa e repentina e pensamentos sobre a morte.

Não signica que, individualmente, os comportamentos acima sempre vão representar tendência para o suicídio. A questão é que a combinação de alguns deles pode ser um sinal de alerta.

3.2 As verdades que libertam do suicídio

Precisamos ajudar as pessoas com tendência ao suicídio. Precisamos transmitir a elas a convicção de que a vida é preciosa, pois é um presente de Deus. Em Cristo, diariamente, podemos encontrar uma nova perspectiva e um novo propósito para lutar. Mesmo enfrentando diculdades e passando pelos vales escuros da dor insuportável, do luto amargo, da doença terminal ou da depressão apavorante, é possível olhar pra Deus e saborear a vida. (Sl. 73:25; João 6:68).

Deus tem prazer em socorrer aqueles que vivem atolados na lama existencial e arrancá-los do poço de perdição. O Senhor pode colocálos sobre uma nova rocha, rmar seus pés e orientar seus passos. (Sl 40:2). Em Deus sempre haverá Esperança.

Deus nos chama para escolher a vida, não a morte. Embora Pedro e Judas tenham traído Jesus, suas reações foram bem diferentes. Judas, em vergonha e desgraça, escolheu o suicídio, pois, para ele não havia conserto para seu erro. Pedro, no entanto, escolheu a vida, apesar do seu fracasso e desespero.

Há alguns casos na Bíblia de pessoas de Deus que desesperaram com a vida e, embora tenham pensado nessa possibilidade, não escolheram o caminho do suicídio. Esses relatos incluem Rebeca (Gn 27:46); Raquel (Gn 30:1); Moisés (Nm 11:10-15); Elias (1 Rs 19:4); Jó (Jó 6:8-13; 10:1-22); Jonas (Jn 4:3,8) e o apóstolo Paulo (2 Co 1:8,9). Essa é uma lista de exemplos positivos de irmãos que sofreram angústias atormentadoras e mesmo diante do desejo da morte, optaram pela vida.

Finalmente, aqueles que ertam com o suicídio pensando que vão resolver o seu problema esquecem-se de algumas coisas: 1º) a morte não é o m da existência e pode resultar em condenação eterna; 2º) o suicídio é um ato de extremo egoísmo, pois provoca uma dor profunda, na família e nos entes queridos, que muitas vezes se torna incurável.

4QUAIS OS CUIDADOS COM A FAMÍLIA ENLUTADA PELO SUICÍDIO?

A morte por suicídio tem um efeito prolongado nos sobreviventes, que pode ser sentido por décadas, além de assombrar famílias de geração em geração. Aquele que testemunhou o suicídio pode acabar perseguido também pela lembrança amarga que vivenciou.

Lares que passaram por esse vale precisam de socorro e ajuda. Muitas vezes, feridas profundas cam abertas. E essas famílias se encolhem com vergonha e medo, expostas tantas vezes a cobranças e vergonha pública.

4.1 Mantenha os amigos por perto

Os sobreviventes de um suicídio não precisam de respostas prontas para as questões incompreensíveis. Só precisam da presença amorosa das pessoas para ajudá-los a continuar vivendo. Não querem minimizar a tristeza, mas que alguém esteja com eles no meio do sofrimento e desespero.

4.2 Não tente descobrir os porquês

restauração ao coração despedaçado.

4.3 Não fique procurando culpados

É comum ver alguns familiares se martirizarem pensando nas formas como podem ter contribuído para a morte, como poderiam ter evitado, quais sinais não foram percebidos a m de evitar a tragédia. Até crianças podem sentir que o suicídio é culpa delas, que o papai ou a mamãe se matou por algo errado que elas zeram.

Não se deve culpar Deus nem o diabo.

O suicídio pode partir de uma sugestão maligna, mas é ato da vontade humana. Os sobreviventes ao suicídio precisam entender que para a vítima a morte se tornou melhor que a vida. Uma pessoa querida não se mata para abandonar quem ama, nem para causar dor em alguém, mas, sobretudo, para dar m à própria dor.

4.4 Libere perdão para o ente querido que se foi

Embora a família enlutada que ressentida, se sinta traída e machucada, é Temos a ilusão de que se saudável liberar perdão para aquele que tirou encontrarmos uma explicação para o suicídio

encontraremos paz e cura. Não precisamos viver angustiados na busca pelos motivos. A compreensão da dor do suicídio de alguém pode trazer pequeno alívio e conforto, mas não cura. É preciso renunciar nosso desejo por explicações detalhadas. Uma análise torturante dos últimos dias da pessoa amada não diminuirá a dor. O que precisamos é do Médico dos médicos para trazer cura e a própria vida. Podemos dizer a eles o que Jesus disse na cruz: “Pai perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”. Os que escolhem o suicídio, geralmente não imaginam o trauma e o sofrimento que sobrevirão aos que cam. Não se deve buscar vingança, pois esse caminho consome a vida pelo ódio. O caminho da liberdade é perdoar pela injustiça e trilhar uma jornada diferente daquela escolhida no desespero.

Conclusão

O suicídio é uma tragédia que despedaça a família deixando traumas e medos quase insuperáveis. É um assunto extremamente delicado carregado de dúvidas. A presente lição não teve por objetivo armar aquilo que a Bíblia não diz sobre esse caso. Portanto, ninguém pode dizer se o suicida vai ou não para o inferno, pois há possibilidade tanto de salvação quanto de condenação. Isso caberá a Deus.

A questão mais importante não é denir para onde vai a alma do suicida, mas como prevenir esse mal e ajudar famílias enlutadas. Sabemos que quando as palavras não podem consolar, a Palavra que se fez carne, trespassada, fala conosco de sua própria dor e agonia. Deus é capaz de tirar qualquer pessoa do desespero para que descubra a nova vida que há Nele. Isso só é possível porque Jesus ressurgiu da sepultura, derrotando a morte e prometendo que faríamos o mesmo. Que a igreja seja um agente de cura e acolhimento àqueles cuja esperança de vida se foi. Amém.

1 HSU, Albert. Superando a dor do suicídio. São Paulo: Editora Vida, 2003. P.131.
2 Disponível em: http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/09/brasil-e-o-8-pais-com-mais-suicidios-nomundo-aponta-relatorio-da-oms.html. Acesso em: 08 jun. 2016.
3 http://www.genizahvirtual.com/2013/12/onda-de-suicidio-de-pastores-assustam.html
4 http://padom.com.br/pastor-comete-suicidio-apos-lutar-contra-a-depressao/
5HSU, Albert. Superando a dor do suicídio. São Paulo: Editora Vida, 2003. P.94.
6 Soren Kierkegaard
7 HSU, Albert. Superando a dor do suicídio. São Paulo: Editora Vida, 2003. P.95.
8 Émile Durkheim
9 http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150922_suicidio_jovens_fd
10 JAMISON, Kay Redel. Night Falls fast, New York: Alfred, 1999. p.14.
11 JAMISON, Kay Redel. Night Falls fast, New York: Alfred, 1999. p.15.
12 http://revpsi.org/suicidio-tabus-interditos-consequencias-estrategias-prevencao/
13 Ministério da Saúde, OPAS e UNICAMP. (2006). Prevenção do Suicídio: Manual dirigido a pro ssionais das equipes de saúde mental. São Paulo: OMS.

Lição 13



Se Deus é bom, por que existe o mal?

Por Fábio Lucas
Leitura Bíblica: Isaías 45.7

A vida nem sempre é justa. Coisas terríveis acontecem a pessoas boas e decentes. Os melhores entre nós adoecem, sofrem e morrem. Crianças inocentes contraem moléstias incuráveis. Adolescentes perdem a vida em acidentes absurdos. Bebês vêm ao mundo deformados. Mães novas morrem de leucemia. Quantos assassinatos sem sentido, brincadeiras que terminam em morte. A tragédia despedaça sonhos e encurta o sentido da vida.

De fato, há muita gente perturbada pela injusta distribuição do sofrimento no mundo. Quantas pessoas esquecidas em hospitais, abandonadas em seus funerais, destruídas na angústia avassaladora de divórcios traumáticos e negócios fracassados. Quantas histórias diariamente cortam o coração humano. Sejam de pessoas com seus cônjuges à beira da morte ou de idosos piedosos cuja vida é mais uma maldição do que bênção?

O que dizer às famílias e pessoas que voltam para casa com suas enfermidades vendo suas esperanças e orações não serem atendidas? Afinal, porque coisas ruins acontecem a pessoas boas? Seria possível continuar crendo num Deus que é bom e ao mesmo tempo onipotente? É possível continuar ensinando que Deus é amoroso ao mesmo tempo em que Ele parece se omitir de intervir nas tragédias angustiantes da vida?

Esses questionamentos exigem respostas que nem sempre a teologia cristã pode dar. Algumas pessoas com o propósito desesperador de explicar a misteriosa contradição do sofrimento dos inocentes acabam anulando a soberania de Deus, Sua bondade e Seu amor. Todavia, o Evangelho, embora não ofereça todas as respostas, oferece esperança e alento àqueles que carregam insuportáveis bagagens de dor.

Esse é o propósito da presente lição. Longe de querer defender ou explicar Deus, essa reflexão objetiva encarar o problema do sofrimento de forma honesta e transparente. A verdade é que Deus, em Sua soberania, não dá explicações de todas Suas obras e propósitos. Todavia, naquilo que Ele permitiu-nos

compreender por Sua Palavra é possível encontrar algumas respostas confortantes.

1SERIA DEUS A CAUSA DE TODO SOFRIMENTO?

Deus não produz sofrimento e dor em ninguém. O salmista escreve: “Elevo meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra.” (Salmo 121:1-2) Ele não diz “Minha angústia vem do Senhor” ou “Minha tragédia vem do Senhor”. Ele diz: “Minha ajuda vem do Senhor.”

1.1 A liberdade do homem e o pecado são a origem do sofrimento

Há quem sustente que as coisas ruins que nos aigem vêm de Deus. Coisas ruins acontecem a pessoas boas neste mundo, mas nem sempre é essa a vontade de Deus. Deus, como pai, gostaria que todos seus lhos vivessem vidas tranquilas e felizes. Todavia, habitamos num mundo carregado de pessoas livres para praticarem o mal. O pecado manchou a vontade do homem e essa é a principal razão porque muitos inocentes sofrem tragédias nesta vida. Mas, quando isto ocorre, não signica que Deus os esteja punindo por algo errado que zeram.

Muitas calamidades são resultados inevitáveis da ação do homem e de seu egoísmo, quando decidem usar o planeta como um quintal sujo. Num mundo como o nosso, que polui a criação, a devasta, a torna lixo, e trata a Terra como algo desprezível, Deus, em Sua soberania, raramente intervém, deixando a natureza seguir seu curso de revolta!

O Salmo 115.16, nos lembra que “os céus são do Senhor, mas a terra ele deu aos lhos dos homens”. Deus conou esse mundo aos cuidados do ser humano. Assim, o que os homens fazem todos os dias é a razão principal de seus sofrimentos. Portanto, o Senhor não é o autor direto do mal, mas o permite quando acontece, sem que isso escape ao Seu controle e propósito. O mal do mundo é apenas resultado da ausência do bem, e, sobretudo, da ausência de Deus.

1.2 O sofrimento não seleciona bons e maus

Eclesiastes 9.2 diz que: “O que ocorre Nossos sofrimentos, denitivamente, ao injusto, ocorre ao justo também”. Nesse não são obra das mãos de Deus. Nenhuma tragédia nasce da mente divina. A morte, a
doença, a traição, a injustiça, as enchentes,
as secas, os terremotos e os furacões, enm,

a maioria daquilo que traz dor ao ser humano tem origem na mente e no coração do inimigo de Deus.

A verdade é que Deus criou seres dotados de vontade livre que tornaram o mundo perfeito de Deus num mundo caído. Deus não quis formar um mundo mecânico, de criaturas sem vontade, impessoais e que agissem como máquinas. Isso quer dizer que as criaturas podem agir bem ou mal, e tenderão a agir sempre mal por causa do pecado que constantemente guia o coração humano.

mundo caído, as leis da natureza ameaçam igualmente a todos. Elas não abrem exceção para as pessoas boas ou úteis. É por isso que as pessoas boas adoecem ou se ferem tanto quanto as outras.

As companhias de seguro referem-se aos terremotos, furacões e outros desastres naturais como “atos de Deus”. Essa é uma forma real de usar o nome de Deus em vão. Um terremoto que, sem razão, faz milhares de vítimas inocentes não é um ato de Deus, mas da natureza. E a natureza é cega e impessoal. Ela vai em frente, seguindo suas próprias leis, pouco se importando com quem ou com o quê encontra no seu caminho. Assim, as tragédias climáticas são fenômenos de uma natureza que tanto pode se mostrar encantadora como bárbara.

1.3 Deus se faz presente em qualquer tragédia

Deus pode parar o mal sempre que ele atravessar algum propósito especíco do Senhor, como veremos no tópico seguinte. Todavia, a regra geral é que a vida e as coisas sigam seu curso natural, passível de acidentes. A vida com Deus não é uma promessa de vida sem tragédias, dores e sofrimentos, mas de um Deus amoroso, compassivo e presente, mesmo na dor. Davi não disse que jamais passaria pelo vale da sombra da morte (Salmo 23), mas descansava na certeza de que lá na imensa escuridão da morte ele não precisaria ter medo, pois o Senhor estaria ali com ele. Ele está conosco nas tribulações (Salmos 46).

Portanto, um terremoto não é um “ato de Deus”. Da mesma forma que não é da vontade de Deus um estupro seguido de morte, uma favela manchada de sangue jovem, uma criança morta por um vírus ou um país varrido pela corrupção. Nenhuma dessas torpezas é parte do ato de Deus, mas consequências de um mundo caído, que um dia será restaurado.

O “ato de Deus” se manifesta na coragem das pessoas na reconstrução de suas vidas depois de um terremoto e a solidariedade dos demais que as ajudam

naquilo que podem. Deus se faz presente sim no meio de toda tragédia. O rosto de Deus se evidencia nos pés e nas mãos de cada voluntário que acode os que choram e compadece daqueles que sofrem.
Finalmente, é prudente armar que ninguém pode controlar ou adiar o exato momento de sua morte. Em vez de investigarmos “por que ou para quê isto aconteceu?”, o Evangelho nos ensina o “que fazer agora que isto aconteceu”. “Quer vivamos, quer morramos pertencemos ao Senhor” (Rm 14:8).

2DEUS INTERVÉM NAS TRAGÉDIAS PROVOCADAS PELO HOMEM?

Algumas pessoas perguntam: Onde estava Deus quando os alemães assassinaram milhões de homens, mulheres e crianças inocentes? Com certeza, Deus estava com as vítimas, e não com os assassinos. Deus não interfere em toda escolha má do homem quando ele decide ferir seu semelhante.

É claro que há tragédias na história que Deus interveio para cumprir Seus propósitos, como foi o caso do iminente massacre dos judeus na Pérsia planejado pelo impiedoso Hamã (Ester 3:13; 9:5). A interferência nesse incidente foi fruto de intercessão, jejum, estratégia e coragem, especialmente de uma jovem serva do Senhor chamada Ester aliado a plano de Deus de livrá-los. Em II Crônicas 7.13,14 Deus declara que a humilhação, a oração e conversão mudar um cenário de crise e destruição.

Essa e outras intervenções nos levam a conar que há situações trágicas que têm seu curso desastroso interrompido pelas mãos onipotentes de Deus e outras simplesmente não. Um ônibus que tomba na curva deixando desoladas dezenas de pessoas, um incêndio acidental ceifa vidas, chuvas torrenciais que levam casas e corpos, crianças que nascem com deciências graves alterando completamente a vida dos pais, e tantas outras situações tristes castigam pessoas boas sem que necessariamente Deus interra.

Algumas pessoas atribuem as tragédias às leis naturais ou ao acaso. Outros sustentam que Deus, em alguns casos, intervém e realiza o que chamamos de milagre. A grande questão é: o que determina a ação da poderosa mão Onipotente? Sem dúvidas a Sua soberana vontade. De fato, Deus apenas interfere em nossas tragédias quando essa intervenção atende algum propósito eterno.

Deus opera e intervém no Universo e na vida das pessoas (1 Cr 29:11-12)

conforme Sua boa, agradável e perfeita vontade (Rm 12:2). Entretanto, Deus deu ao homem liberdade para traçar seus próprios caminhos, plantar suas próprias sementes e colher seus consequentes frutos.

Claro que é possível, como aconteceu antes de Cristo, que Deus intervenha na história destruindo reinos e cidades, trazendo juízo sobre o pecado e sobre a desobediência (Gn 6:5-7, 18:20-26, 19:13; Jr 25:9; Ez 25:16). Mas essa não é a regra. Também não cabe a nós a tarefa de julgar arbitrariamente sobre essas questões, rotulando cada catástrofe como castigo divino. Não podemos deduzir que desastres, tragédias ou doenças decorram sempre de uma culpa anterior (Lc 13:1-9). Se for o propósito de Deus intervir, ele o fará. Os planos de Deus não podem ser interrompidos por nenhum homem (Jó 42:2) e por nenhuma tragédia que seja. Para cumprir seu propósito de levar o Evangelho em Roma, Deus salvou Paulo no naufrágio (At 27).

Portanto, devemos sempre orar e esperar pelo milagre e proteção de Deus. Contudo, ainda que tenhamos toda fé, Deus somente atenderá conforme o conselho da Sua vontade (1 João 5:14). Entretanto, quer venha ou não o milagre, nada nos separará do innito amor de Deus (Rm 8:38,39). Assim, podemos viver na certeza de que todas as coisas (alegrias e sofrimentos), em algum momento, hão de cooperar para o nosso bem (Rm 8:28). Tiago ousa dizer que devemos nos alegrar nas tragédias, pois a prova de nossa fé pode produzir virtudes nobres, nos transformar em pessoas melhores e nos tornar mais parecidos com Jesus (Tg 1:2-4).

Um pastor assim orou no leito de enfermidade de uma serva de Deus: “Senhor se tu curares tua serva, nós veremos tua glória. Mas se tu a levardes, ela verá a tua glória”. O que mais importa é que tudo que nos acontece, algum dia, de alguma forma, há de ser para a glória de Deus (1 Co 10:31; João 9:3).

3
DEUS DEVE EXPLICAÇÕES PELOS MALES QUE NOS SOBREVÉM?

Há quem veja a mão de Deus atrás de tudo o que acontece. Todavia, nem tudo que Deus permite é exatamente o que Ele desejaria que acontecesse. Deus não quis que Adão pecasse, que Caim matasse Abel, nem que os lhos de Caim construíssem Babel. Não foi da vontade de Deus que Abraão gerasse um lho de sua serva Hagar nem que Jacó enganasse Esaú. Os lhos de Jacó não precisavam ter traído José, Sansão não deveria ter morrido daquele jeito e Davi não

precisava ter adulterado tornandose um homicida e perdendo seus lhos miseravelmente. Isaías não deveria ter sido serrado pelo meio, a mulher de Ezequiel não deveria ter sido morta como parábola para ensinar os incrédulos e Oséias não deveria ter sido tão infeliz no casamento.

Nem sempre se pode dizer: “Deus quis assim”. Deus não quer que inocentes sofram em chacinas, que crianças morram pela ambição dos adultos ou que mães comam seus lhos no auge da fome. João Batista poderia ter vida longa e honrada, ao invés de acabar sem cabeça em razão de um capricho amoroso de um tirano cruel.

As atrocidades não começam com Deus e não signicam que Ele perdeu o controle do mundo. Aliás, o profeta Naum ensina que Deus faz seu caminho até na tormenta (Naum 1:3). Jesus dormia entre os discípulos em alto mar quando a tempestade ameaçava destruí-los (Mt 8:24). Veja que só Aquele que consegue dormir na tempestade tem o controle soberano de tudo, pois “até os ventos e o mar Lhe obedecem”.

O grande problema é que o coração humano sempre deseja compreender a razão de tudo. Como os amigos de Jó, somos tão superciais, que só conseguimos enxergar os fatos com base na relação causa e efeito. É verdade que o sofrimento pode ser resultado da disciplina de Deus em casos especícos da disciplina de Deus em casos especícos 11). Porém nem toda calamidade encontrará alguma razão que a justique ou explique. Deus não deve explicações a ninguém. “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me zeste assim? (Rm 9:20).

Veja que nem mesmo a Jó o Senhor deu explicações. O patriarca despedaçado com suas perdas irreparáveis ergueu aos céus dezesseis vezes a mesma pergunta: Por que? Por que? Por que? Todavia, a única resposta que recebeu foi o total silêncio de Deus. Jó expôs sua queixa trinta e quatro vezes. Ouviu como resposta apenas o silêncio. E quando chegou a hora de Deus falar com ele, o Senhor não tratou do sofrimento humano nem respondeu diretamente nenhuma de suas perguntas. Ao contrário, fez-lhe setenta perguntas, revelando Sua majestade, domínio e poder.

Uma caminhada de fé não é uma jornada cheia de explicações e respostas, mas de conança irrestrita e incondicional num Deus amoroso e soberano, que assegura em Cristo alento para qualquer dor. Em Jesus é possível encontrar gozo

no meio da dor, riqueza na mais miserável pobreza e poder na mais angustiante humilhação.

Deus é e sempre será amor. Sua bondade um dia fará que por trás de tudo o que não se compreende seja revelado um precioso bem maior.

Conclusão

O evangelho de Jesus não nos torna favoritos na terra. Não somos imunes a perdas, tragédias e sofrimentos. O Mestre foi honesto alertando-nos que neste mundo teremos aições. (Jo 16:33). “Tudo sucede igualmente a todos; o mesmo sucede ao justo e ao ímpio, ao bom e ao puro, como ao impuro” (Eclesiastes 9:2).

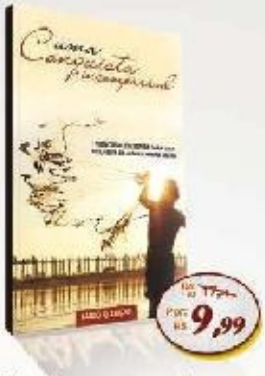
Embora o Senhor não tenha prometido uma viagem sem tempestades, Ele nos prometeu uma chegada certa e segura. Não importa como viveremos, no nal seremos mais que vencedores. O salmo 46 é extraordinário. Nele, o autor ensina que Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Ele não nos salva da tempestade, mas entra nela conosco, não permitindo que nada roube nossa paz.

O Senhor é compassivo e misericordioso. Na Cruz, Jesus sentiu e sofreu todas nossas dores e tragédias. Ele sabe o que é padecer como ninguém. A cruz é a prova viva de que Deus se importa com nossos sofrimentos. Nossas dores machucam in nitamente mais o coração de Deus do que o nosso, pois o sofrimento é proporcional ao amor. A boa notícia é que em breve todas as lágrimas serão substituídas pelo gozo eterno. (Apocalipse 21:3-5).

UMA SÉRIE DE MENSAGENS PARA EDIFICAR SUA VIDA E SEU LAR:



Você terá em mãos 40 ferramentas poderosas para pastorear sua família a partir da infalível Palavra de Deus.



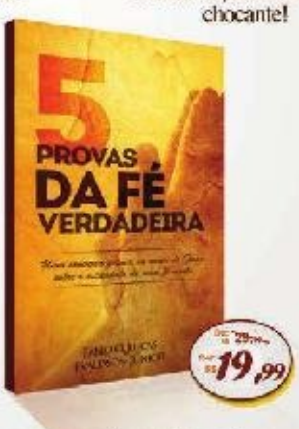
Transforme seus sonhos em projetos ousados para conquistar milhares de vidas para Deus.



Um mergulho no maior sermão da história: as bem aventuranças. Mensagem chocante!



Um guia prático para revolucionar incrivelmente qualquer casamento, não importa como esteja!



Cinco testes confrontadores sobre sua certeza de vida eterna.

ADQUIRA JÁ TODOS OS 5 LIVROS DO COMBO: Por: R$ 44,99

PEDIDOS: 62. 3277-6575 / 98330-5265

Há questões na vida cristã difíceis de serem compreendidas. Muitos crentes carregam fardos de dúvidas que algumas vezes se transformam em dores angustiantes, tais como:

1. Onde está Deus diante das injustiças, calamidades e atrocidades que sobrevêm aos justos?
2. Aquele que cometeu adultério tem o direito de casar-se novamente?
3. Poderia um Deus amoroso lançar o homem no inferno?
4. Alguém pode ser salvo sem participar de alguma igreja?
5. Quem não dizima vai para o inferno?
6. Como saber se já blasfemei ou não contra o Espírito Santo?
7. A pobreza é sempre um sinal de maldição?
8. Quais as verdades e mentiras sobre Maria?
9. Quais as práticas sexuais que a Bíblia realmente condena?
10. Após a morte, a alma entra em descanso ou permanece consciente?
11. Pode um crente em Jesus sofrer depressão?
12. E o suicídio? Será que todo suicida vai para o inferno?
13. É preciso realmente confessar nossos pecados uns aos outros?

Nessa série de Lições de Esperança enfrentaremos essas e outras questões que desafiam a igreja a oferecer respostas coerentes, equilibradas e bíblicas. Sem contornos polêmicos e disputas teológicas, essas lições objetivam promover instrução e refrigério.

Esperamos que esse Ensino Bíblico produza maturidade no corpo de Cristo.

IGREJA Esperança

Presidente: Pr. Romeu Ivo

Autores: Pr. Fábio Lucas, Pr. Evaldson Junior, Pr. Marcelo Loconte